



INTERNATIONAL CONFERENCE

VII COMBART

ART, ACTIVISM AND CITIZENSHIP

ARTISTIC SUSTAINABILITIES, URGENCIES, AND
ECO-SENSIBILITIES

BOOK OF ABSTRACTS

PAULA GUERRA
RICARDO CAMPOS (ORGS.)

ART MO C

Arte, ativismo e cidadania.
Sustentabilidades
artísticas, urgências e eco-
sensibilidades

Livro de resumos | Book of
abstracts



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

VII COMBART

ARTE, ATIVISMO E CIDADANIA

SUSTENTABILIDADES ARTÍSTICAS, URGÊNCIAS
E ECO-SENSIBILIDADES

LIVRO DE RESUMOS

PAULA GUERRA
RICARDO CAMPOS (ORGS.)



Ficha técnica

Paula Guerra e Ricardo Campos (orgs.)

Design: Rui Saraiva

Artwork: Esgar Acelerado

Revisão: Andreia Mortágua e Sofia Sousa

ISBN: 978-989-9193-95-6

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-95-6/com>

Primeira publicação: julho 2026

[First Published: July 2026]

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

[University of Porto. Faculty of Arts and Humanities]

Porto, Portugal

All the content presented in texts are solely the responsibility of the authors. The ideas presented do not necessarily represent the opinion of the editors.

Attribution CC BY 4.0. International.

This book is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0. International License (CC BY 4.0). It is allowed to share, redistribute, adapt, remix transform and build upon the content of this book. The appropriate must be given to the authors and editors.

More information: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

Todo o conteúdo apresentado nos textos é de exclusiva responsabilidade dos seus autores. As ideias apresentadas não representam necessariamente a opinião dos editores.

Atribuição CC BY 4.0. International.

Este livro é licenciado sob um Creative Commons Attribution 4.0. International License (CC BY 4.0). É permitido compartilhar, redistribuir, adaptar, transformar e construir o conteúdo deste livro. Os créditos apropriados devem ser atribuídos aos autores e editores.

Mais informação: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>







Instagram



Facebook



COMBART

confcombart@gmail.com

<https://www.combartconf.com/>

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/04647/2025 – CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.
<https://doi.org/10.54499/UID/04647/2025>

Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto UID/00727/2025 (<https://doi.org/10.54499/UID/00727/2025>)



Coordenadores | Coordinators

Paula Guerra – IS-UP, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte - Universidade do Porto, Portugal

Patrícia Pereira - CICS.NOVA – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Ricardo Campos - CICS.NOVA - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Sofia Sousa – Instituto de Sociologia - Universidade do Porto, Portugal

Comissão Organizadora | Organizing Committee

Cat Martins – LabEA/FBAUP - Universidade do Porto, Portugal

Jovani Dalla Bernardina – Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Patrícia Pereira - CICS.NOVA – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Paula Guerra – Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte - Universidade do Porto, Portugal

Ricardo Campos - CICS.NOVA - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Rui Saraiva - – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Sofia Sousa – Instituto de Sociologia - Universidade do Porto, Portugal

Susana Januário – Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto, IS-UP, Portugal

Tiago Barbedo Assis - LabEA/FBAUP, IS-UP- Universidade do Porto, Portugal

Comissão Científica | Scientific Committee

Carles Feixa - Universitat Pompeu Fabra, Espanha

Carlos Garrido Castellano - University College Cork, USA

Cat Martins – LabEA/FBAUP - Universidade do Porto, Portugal

Catherine Strong – RMIT University, Austrália

Chiara Pussetti – Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa, Portugal

Constance DeVereaux - University of Connecticut, USA

Cornelia Eckert - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Dafne Muntanyola Saura - Facultat de CCPP i de Sociologia – Universidade Autònoma de Barcelona, Espanha

Eeva Mäkinen – Kuopio Conservatory, Finlândia

Fátima Vieira – Reitoria Universidade do Porto, Portugal

Francesca de Luca – ICS – Universidade de Lisboa, Portugal

João Wesley - Universidade Federal do Espírito Santo, Grupo de Estudos da Paisagem, Brasil

Júlia Almeida de Mello – Federal University of Santa Maria, Brasil

Kristin Reichborn-Kjennerud - Oslo Metropolitan University, Noruega

Mary Fogarty – York University, Canada

Michael MacDonald - MacEwan University, Canada

Monika Salzbrunn - University of Lausanne, Switzerland

Mykaell Riley - University of Westminster, UK

Patrícia Pereira - CICS.NOVA – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Paula Guerra – Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte - Universidade do Porto, Portugal

Paulo Raposo - ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Pedro Costa – ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Ricardo Campos - CICS.NOVA - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Simone Luci Pereira – Universidade Paulista, Brasil

Thiago Pereira Alberto – Universidade Federal Fluminense, Brasil

Vânia Rodrigues – CEIS – Universidade de Coimbra

Vi Grunvald - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Organização | Organization

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA, NOVA FCSH e IPLEIRIA)
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP)
Dinâmia'CET - ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Apoios | Support

Caixa Geral de Depósitos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
NOVA FCSH
Rede de Pesquisa Luso-Brasileira em Artes e Intervenções Urbanas (RAIU)
Rede Luso-Brasileira Todas as Artes (TAA)
Reitoria da Universidade do Porto
Soalheira



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

VII COMBART

ARTE, ATIVISMO E CIDADANIA

SUSTENTABILIDADES ARTÍSTICAS, URGÊNCIAS
E ECO-SENSIBILIDADES

LIVRO DE RESUMOS

PAULA GUERRA
RICARDO CAMPOS (ORGS.)

ÍNDICE

KEYNOTE SPEAKERS| ORADORES CONVIDADOS.....1

TECITURAS DE SI E DO MUNDO: O DOCUMENTÁRIO "CORPO: ALÉM DO INVISÍVEL" E AS MEMÓRIAS INVENTADAS COMO DISPOSITIVOS DE RESISTÊNCIA E CUIDADO.....2

O ATELIER RADICAL DE HENRIQUE SILVA.....4

PRÁTICAS POÉTICAS E CONSTRUÇÃO DE REALIDADES: O PAPEL DA PESQUISA-CRIAÇÃO DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.....6

OTIMISMO CULTURAL EM TEMPOS DE TURBULÊNCIA: DA COMPETIÇÃO AO CUIDADO....8

EVALUATION ECOLOGICAL THINKING FOR MUSIC AND THE ARTS – FROM BLACKBOXING TOWARDS A ‘SERIOUS’ ANALYTICAL TOOL?.....10

MAPEAR A INVISIBILIDADE: PIONEIRAS E AMADORAS DA FOTOGRAFIA EM PORTUGAL ...14

WALKING FOR IT.....16

AS POSSIBILIDADES DE (RE)EXISTÊNCIA NO/DO ESPAÇO PÚBLICO. O CASO DO PORTO NA CONTEMPORANEIDADE.....18

FOTOGRAFIA: CONTRA A INVISIBILIDADE, O SILÊNCIO E O APAGAMENTO.....20

POSITIVE VISIONS FOR THE FUTURE – QUO VADIS?.....22

FROM GREEN CONFORMITY TO ECOLOGICAL CIVIC CAPACITY: CULTURAL INSTITUTIONS AND THE POLITICS OF SUSTAINABILITY.....24

WORLDS OF MUSIC ACTIVISM.....	26
FESTIVAL ACTIVISM.....	28
PAPERS COMUNICAÇÕES.....	30
A-E.....	32
 HILMA AF KLINT, UM INSTANTE E UM MITO ENTRE MUNDOS.....	34
O PRATO VAZIO: ILUSTRAÇÃO COMO PRÁTICAS DE REFLEXÃO SOBRE DESIGUALDADE ALIMENTAR.....	38
AS REPRESENTAÇÕES DAS PORNOCHANCHADAS NOS JORNAIS: COMBATE, CONSOLIDAÇÃO E PROPAGAÇÃO DE UM GÊNERO.....	40
MATERNITY WITHIN A BRAZILIAN ASYLUM (1958-2001): QUALITATIVE RESEARCH, INTERSECTIONALITY AND DECOLONIAL METHODOLOGY.....	42
THE APARTMENT AS A CURATORIAL DEVICE: DOMESTIC ART INFRASTRUCTURES BETWEEN MOSCOW AND SÃO PAULO.....	44
UM BARULHO QUE DESCOLONIZA! INSURGÊNCIAS ESTÉTICO-POLÍTICAS NO NORDESTE BRASILEIRO.....	46
FROM SOUNDSCAPE REMIX TO GRAPHIC ECOLOGY: MULTIMODAL. ENVIRONMENTAL ETHNOGRAPHY IN THE ANTHROPOCENE.....	48
MENTES À MARGEM: NEURODIVERSIDADE E CIDADANIA CRIATIVA EM CONTEXTOS DESIGUAIS.....	50
CORPOGRAFIA COMO PEDAGOGIA CONTRACOLONIAL: COCRIAÇÃO COMUNITÁRIA E PRESENÇA NEGRA NA CIDADE DO PORTO	52
CULTURA, AGRONEGÓCIO E POLÍTICA: MÚSICA SERTANEJA CONTEMPORÂNEA E EXTREMA-DIREITA NO BRASIL	58
EXPERIÊNCIA CRIATIVA E SUBJETIVAÇÃO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE: O ENGAJAMENTO ARTÍSTICO COMO ESPAÇO INTERCALAR DA AÇÃO.....	60
DIAS MULHERES VIRÃO: EXPRESSÕES COLETIVAS E CANTADAS DE HISTÓRIAS, VIDAS E TRABALHOS.....	62
QUEM INVADE QUEM? PLANTAS, CORPOS E O LÉXICO DA AMEAÇA	64
DA TINTA À MOBILIZAÇÃO: O RECENTE ARTIVISMO DAS CHARGES BRASILEIRAS.....	66

ARTE URBANA: É PRECISO INSTITUCIONALIZAR PARA LEGITIMAR?.....	68
QUARTAS DO REGGAE - O LUGAR DA MÚSICA, DA FESTA E DO TERRITÓRIO NA CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE E DAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	70
PELE-TERRITÓRIO E ECO-SENSIBILIDADES: CORPO, MEMÓRIA E MATERIALIDADE NA INSTALAÇÃO NUNCA DEIXOU DE SER RAÍZES.....	72
DA MÚSICA LIGEIRA À MÚSICA DE REIVINDICAÇÃO: O PANDZA COMO INOVAÇÃO E AGÊNCIA JUVENIL NO ECOSISTEMA MUSICAL DE MAPUTO.....	74
REIMAGINING PARENTAL BONDS IN PRISON: INSIGHTS FROM TWO AR8S8C PROJECTS IN PORTUGAL AND ITALY.....	76
CAN THE ARTS SAVE THE SWINGS? A VISUAL AND REFLECTIVE RETURN TO EMBODIED INTERACTIONS SUSTAINING PUBLIC PLACES IN HAVANA.....	80
ARTIVISMO TÊXTIL COMO FORMA DE CUIDADO COLETIVO.....	82
F-J.....	86
ENTRE O LABOR E A ARTE: HISTÓRIA, TRABALHO E RESISTÊNCIAS NA OBRA ARTÍSTICO-LITERÁRIA DE CLÓVIS MOURA.....	88
O BRASIL EM TEMPOS DE DITADURA, DO POÇO À CASA DA MORTE: A “ESPERANÇA SEM OTIMISMO” NA OBRA LITERÁRIA DE ASSIS BRASIL.....	90
TRAJETÓRIAS DE CUIDADO: FEMINISMOS COMO LUGAR DE ENCONTRO NA INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA.....	92
EL TIEMPO DEL MAGUEY: PHOTOGRAPHIC PRUDENCE AND THE ARCHIVE OF RESISTANCE.....	94
ACTIVISMO TEXTIL COMO PRÁCTICA RELACIONAL: HACERES CUIDADOSOS Y FORMAS DEL ENCUENTRO EN EL CASO DIBUJADO DE MIÉRCOLES DE CHICAS ARDIDAS.....	96
WITNESSING THE PLANTATION: ENVIRONMENTAL VIOLENCE AS VISUAL PRESENCE AND AURAL ABSENCE IN SUMATERA UTARA, INDONESIA.....	98
A ESTÉTICA DO SILENCIAMENTO: IMAGENS FEMINISTAS DE PROTESTO E VISIBILIDADE DESIGUAL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS.....	100
SITUATED JAZZ ECOLOGIES: INTERSECTIONAL FEMINIST PERSPECTIVES FROM PORTUGAL AND TURKEY.....	102
URBAN GREENERY PROTESTS IN VILNIUS: IN SEARCH OF POLITICS.....	106

ROCKIN' BRAZILIAN RHYTHMS: UMA CARTOGRAFIA HISTÓRICA DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS INTERNACIONAIS SOBRE A BANDA CABRUÊRA.....	108
--	-----

K-O.....110

REWRITING POLYPHONIC MUSIC HISTORY: GENDER, CANON FORMATION AND ALGORITHMIC BIAS.....	112
RAP E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE RESISTÊNCIA.....	114
NO FUTURE ON THE MAP? PUNK, EPHEMERALITY AND THE VIOLENCE OF MAPPING.....	116
CORPOREIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS EM O PASSINHO DOS MALOKA: DISPUTAS E NEGOCIAÇÕES DE SENTIDOS.....	118
A RETINA NA ROTINA: DESCOLAMENTO NOS OLHARES DO QUOTIDIANO.....	122
ARTE, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA: PRÁTICAS CULTURAIS NEGRAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA TRAJETÓRIA DE JADSON TITÂNIO.....	124
METODOLOGIAS VULNERÁVEIS – DESENHANDO MULHERES NA DIÁSPORA	126
ENTRE NORMAS E VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS FAMILIARES DA POPULAÇÃO ESCRAVIZADA NA TERESINA OITOCENTISTA.....	130
POR ESTUDANTES, PARA ESTUDANTES: O JORNALISMO UNIVERSITÁRIO EM TERESINA NOS ANOS 1970.....	132
POR ESTUDANTES, PARA ESTUDANTES: O JORNALISMO UNIVERSITÁRIO EM TERESINA NOS ANOS 1970.....	134
A LUTA PELO RECONHECIMENTO DAS MULHERES NA COMUNIDADE GAMER: FEMINISMO E EXPERIÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE BRASILEIRA DE JOGADORAS.....	136
ENTRE A LEGALIDADE E A REPRESSÃO: ADVOGADOS E A CONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA JURÍDICA NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA.....	138
A CIDADE COMO PALCO DE RESISTÊNCIA: TEATRO COMO PRÁTICA CULTURAL NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DO DRAMATURGO BENJAMIM SANTOS.....	140
ELAS E A CIDADE QUE SE TRANSFORMA: O PROTAGONISMO FEMININO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DE TERESINA-PI (1977-1979).....	142
ARTE, A AUTORA DO ARTISTA: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE O PROCESSO CRIATIVO DO SHOW TERRA VISTA DA LUA.....	144

CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: PRÁTICAS ARTÍSTICO-ETNOGRÁFICAS AFRO-DIASPÓRICAS ENTRE CABO VERDE E ESPAÇO ACADÊMICO.....	146
ENTRE AS ESCOLAS E O MUSEU: JOVENS E CRIANÇAS EM SUAS EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS PELA MARÉ-RJ	148
P-T.....	150
A PELE QUE HABITO: A MATERIALIDADE DA PELE E A ECOLOGIA POLÍTICA DO CORPO....	152
ARTIVISM AS FEMINIST INTERVENTION: VISUALIZING AGENCY AND INTERSECTING INEQUALITIES.....	154
ARTE, ATIVISMO E CIDADANIA.....	156
DESCOLONIZANDO CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE E SUAS MARGENS, REPENSANDO MODOS DE REPARAÇÃO: CONFLUINDO COM SINHO BAESSA E SUAS CAMINHADAS AFETIVAS NOZ STORIA	158
O JOGO DOS REFLEXOS: A GUERRA E O RACISMO INTERNACIONAIS COMO ELEMENTOS DE DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO PORTUGUÊS E DA GUERRA COLONIAL (1961-1974).....	160
EM PROL DE UMA RECONFIGURAÇÃO DA ARTE POPULAR NO SÉCULO XXI: UMA PROPOSTA A PARTIR DO CONTEXTO PORTUGUÊS.....	162
RIOT GRRRANDE DO SUL: PUNK, FEMINISMOS E DECOLONIALIDADE PARA ADIAR O FIM DO MUNDO.....	164
ECOLOGIAS DO APRENDER: PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMUNITÁRIAS, EPISTEMOLOGIAS SITUADAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	166
IMAGINARIOS POSTANTROPOCÉNTRICOS. INTERSECCIONES ENTRE ARTE Y ECOLOGÍA EN LA GALICIA CONTEMPORÁNEA	168
CÍRCULO VICIOSO: “UMA BEBEDEIRA PUXA OUTRA E LÁ VEM A MELANCOLIA”	170
MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS DO PENSAR E FAZER HISTORIOGRÁFICO NO BRASIL.....	172
SAÚDE, IGREJA E HISTÓRIA: A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NAS DISCUSSÕES SOBRE A UNIVERSALIZAÇÃO DA SAÚDE NO BRASIL.....	174
IMAGINAR A PALESTINA PRÉ-NAKBA: MEMÓRIA, VISUALIDADE E FICÇÃO EM BIOGRAFIA DE UM OLHO.....	178
DE QUADRADOS DE TECIDO A NARRATIVAS ENTRELAÇADAS: PRÁTICAS DE ARTIVISMO TÊXTIL NUMA REDE TRANSNACIONAL.....	180

A PORNOSSEXUALIGRAFIA COMO FERRAMENTA DE COMBATE À CENSURA NO CAMPO DAS ARTES DAS SEXUALIDADES.....	182
A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E O POSICIONAMENTO DOS JORNAIS MARANHENSE.....	184
REIMAGINAR O MUNDO: MEMÓRIA BIOCULTURAL, CONTRACOLONIALISMO E ARTIVISMO NO CORAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL.....	186
CORPO COMO PONTA DO LÁPIS.....	188
OUT OF THE SHADOWS: OVERVIEW OF AN ARTISTIC RESEARCH COLLABORATION AND THE EXPOSING THEREOF WITH THE AID AND BY MEANS OF ITS DOCUMENTATION.....	192

U-Z.....194

A MÚSICA PUNK CONTRA O REGIME COMUNISTA NA ANTIGA CHECOSLOVÁQUIA.....	196
DO ARQUIVO DO EFÊMERO NO ENTENDIMENTO DAS NOVAS MEDIAÇÕES MUSEOLÓGICAS: A LINGUAGEM SITE-SPECIFIC NOS MUSEUS-ICONE DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	198
TRANSFORMAR RESISTÊNCIA EM DIGNIDADE: PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS DE MULHERES INDÍGENAS.....	200
PACKAGING THE FEMALE BODY: THE ARTIST'S BOOK AS ECOFEMINIST PROTEST IN AKIKO SAKAIZUMI'S FEMALE SAMPLER.....	202
BOMBOS, TERRENO DE FRONTEIRAS DESLOCADAS: MULHERES, PERFORMATIVIDADE E A RECONFIGURAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO.....	204
CORPO COLHEITA: ECOFEMINISMOS, DOMESTICAÇÕES E PRÁTICAS FEITICEIRAS.....	206







KEYNOTE SPEAKERS

**ORADORES
CONVIDADOS**





TECITURAS DE SI E DO MUNDO: O DOCUMENTÁRIO "CORPO: ALÉM DO INVISÍVEL" E AS MEMÓRIAS INVENTADAS COMO DISPOSITIVOS DE RESISTÊNCIA E CUIDADO

Shara Jane Holanda Costa ADAD, Universidade Federal do Piauí, Brasil

**Ábilio Estefanio Lustosa de Brito LOPES, Universidade Federal do Piauí,
Instituto Federal do Piauí, Brasil**

Resumo

A presente proposta nasce do "desejo de ser rio" e de se espalhar em tecituras de arte e memória, onde a investigação se torna um dispositivo biopolítico de resistência e produção de vida. Entrelaçamos aqui duas frentes que se recusam a aceitar o saber descorporificado e hegemônico: a pesquisa-invenção do documentário "Corpo: além do invisível" e o memorial acadêmico "Memórias Inventadas de uma Professora Inventora de Si e de Mundos". Ambas as propostas ancoram-se na Sociopoética e na Cartografia para tensionar as formas tradicionais de produção de conhecimento, propondo uma ciência sensível que não apenas explica imagens, pois, como nos ensina Manoel de Barros, "explicar afasta as falas da imaginação". No chão da escola pública, onde no documentário "Corpo" investigamos o adoecimento juvenil como "ondas" que tensionam corpos, mas também criam no chão, caminhos para a transformação. Diante de um cenário de crescente sofrimento emocional e mental, onde percebemos a naturalização em um processo de medicalização na educação, o audiovisual é mobilizado não apenas como registro, mas como um potente "instrumento de expansão do alcance sensível". Através de oficinas sociopoéticas que criam "Avatares" e moldam o barro e a areia em uma ciranda cartográfica, damos visibilidade aos "confetos" — essas misturas íntimas de conceito e afeto que a linguagem meramente discursiva não alcança. A conexão entre sociopoética e audiovisual reside na criação de um "corpo-tela" capaz de descolonizar o olhar e retirar o "olho do poder" das lentes, transformando a dor e o sofrimento em potência política e coletiva de cuidado. Em diálogo ancestral e pedagógico, o Memorial de Shara Jane Adad — orientadora desta jornada — subverte a rigidez dos documentos burocráticos ao assumir-se como uma "escrita-invenção". Inspirada pela poética das miudezas, a obra recupera trajetórias docentes e processos de formação como espaços de eco-sensibilidade, onde o "tempo espiralar" da ancestralidade e as vivências com comunidades tradicionais se tocam e se avizinham. O memorial opera como uma cartografia existencial que revela a educação como prática de liberdade e de "Cuid(Amar)", reforçando a ideia de que o pesquisador é, antes de tudo, um ser afetado pelo mundo que investiga. O documentário "Corpo" e o memorial, formas de invenção de si e de mundos, demonstram que orientar é também um ato de coabitação e criação mútua. A sociopoética, em seus princípios, nos ajuda na crítica à descorporificação do saber e na busca por sustentabilidades artísticas que valorizem a vida em suas múltiplas formas. Enquanto o documentário expande o alcance das vozes juvenis sobre

o adoecimento, o memorial expande a compreensão do fazer acadêmico como um ato poético e político. Ambas pesquisas propõem a arte como um espaço de experimentação frente à crise das subjetividades contemporâneas, reafirmando a escola e a universidade como territórios de invenção e eco-resistência. Assim, o audiovisual e a escrita de si consolidam-se como laboratórios de imaginação política essenciais para a construção de uma cidadania sensível, planetária e profundamente implicada com o cuidado.

Palavras-chave: Sociopoética, Audiovisual, Memórias Inventadas, Cuid(Amar).

Shara Jane Costa ADAD é Professora Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED - UFPI). Doutora em Educação (UFC). Coordena o NEPEGEI (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania) e o OBIJUVE (Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação). Especialista em abordagens de pesquisa inventivas, como a sociopoética e a cartografia. Possui formação em Arteterapia e Arte do Palhaço, priorizando processos coletivos de resistência e diversidade. Contacto: shara_pi@hotmail.com.

Fábio LOPES é doutorando em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia pela mesma instituição. Especialista em Arte e Educação e Audiovisual e Cinema. Atua como docente de Arte no Instituto Federal do Piauí (IFPI) desde 2014. Como documentarista e pesquisador, dedica-se aos campos da pesquisa audiovisual e do audiovisual expandido. É membro do NEPEGEI (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania) e do OBIJUVE (Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação). Contacto: fabiolopes@ifpi.edu.br.



O ATELIER RADICAL DE HENRIQUE SILVA

Samuel G. BARBOSA, Instituto Politécnico de Viseu, Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Emília SIMÃO, Universidade Portucalense, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Henrique Silva não nasceu artista, fez-se artista. É um artista plástico, das artes da pintura, escultura e desenho, com representação nas letras, videoarte e na música. Mestre de multidisciplinares ofícios, é também um pensador, um homem de elucubrações e provocações. O filme estrutura-se naquilo que o próprio Henrique denomina de Perspetiva Polissémica, assente em três vértices: a Cosmologia, a Técnica e a Moral. Revisitado o passado e o contexto familiar, encontramos Henrique no presente, com 90 anos, em conversa com os realizadores na sua casa, que é também o seu atelier, em Gondar. De modo mais ou menos informal são introduzidos os principais temas do seu percurso artístico, dos quais a colaboração com Árpád Szenes e Vieira da Silva, a participação no grupo das artes, na Cooperativa Árvore, no coletivo Vídeo Porto, na Bienal Internacional de Arte de Cerveira, entre outras, que servem de pretexto para visitarmos as suas obras, tão identitárias quanto ecléticas. Trata-se de um objeto singular sobre Henrique Silva, que se destaca pela proximidade ao autor, estabelecendo um diálogo livre e sem defesas.

Palavras-chave: Henrique Silva, Arte Contemporânea Portuguesa, Perspetiva Polissémica, Documentário Biográfico, Processo Criativo.

Samuel G. BARBOSA é docente do Instituto Politécnico de Viseu e do Instituto Politécnico de Coimbra. É também cineasta e investigador, atualmente doutorando em Média Arte Digital pela Universidade do Algarve. Mestre em Artes Digitais pela ÉESI (França), construiu um percurso na realização e produção cinematográfica, colaborou com nomes como Paulo Rocha, Werner Schroeter e Fernando Lopes. É realizador de A Távola de Rocha, documentário sobre o cineasta Paulo Rocha, de quem foi assistente.

Emília SIMÃO é docente de Multimédia e Artes na Universidade Portucalense e investigadora do CIAUD-UPT e CITCEM-UT. É PhD em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, mestre em Media Arts, em Multimédia e Pós Graduada em Direção Artística e autora de diversas publicações académicas do âmbito das media arts, música eletrónica e estéticas digitais. É também co-fundadora e coordenadora do ObEMMA_Observatório da Música Eletrónica e Media Arts, curadora e media artist. Contacto: emiliasimao@upt.pt.





PRÁTICAS POÉTICAS E CONSTRUÇÃO DE REALIDADES: O PAPEL DA PESQUISA-CRIAÇÃO DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Bibiana BRAGAGNOLO, Universidade Federal de Mato Grosso, Portugal

Resumo

Partindo do pressuposto de que os desafios contemporâneos, sejam eles climáticos, sociais, econômicos ou políticos, exigem novas formas de pensar e intervir no mundo, esta conferência propõe uma reflexão sobre a pesquisa-criação (também entendida sob o nome de pesquisa artística) enquanto ferramenta de ação crítica e sensível frente às crises atuais. Inicialmente, serão delineados os fundamentos e conceitos centrais da pesquisa-criação, acompanhados da exposição de alguns dados gerais advindos de um mapeamento da produção latino-americana na área. Com base nesse levantamento, serão apresentados exemplos de investigações que, por meio de práticas poéticas, propõem repensar modos de viver e existir em meio aos referidos colapsos. O corpus analisado aponta para uma profícua articulação entre a pesquisa-criação e o conceito de mundificação (worlding) de Donna Haraway. Essa conexão emerge no sentido de conceber práxis artísticas e acadêmicas que, em vez de reiterarem estruturas pré-fixadas, engajam-se na construção de novos mundos a partir das fricções com as realidades concretas. Desse modo, a pesquisa-criação desponta como um dispositivo com potencial para o fomento de poéticas críticas e para a invenção de novas realidades, consolidando-se como uma forma de ativismo.

Palavras-chave: Pesquisa-Criação, Mundificação, Ativismo, Práticas Poéticas, Crises Contemporâneas.

Bibiana BRAGAGNOLO é pianista e pesquisadora, com foco na pesquisa artística, na música contemporânea e experimental e nos estudos culturais. Bibiana é Doutora em Musicologia pela Universidade Federal da Paraíba, com período de doutorado sanduíche na Universidade de Aveiro, financiado pela CAPES e sob orientação do Dr. Luca Chiantore. É líder, juntamente com o Dr. Leonardo P. Sanchez, do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq "Observatório e Laboratório de Pesquisa Artística: performance, criação e cultura contemporânea na América Latina". Em 2022 recebeu o Prêmio de Teses da UFPB pela sua tese de doutorado e em 2018 recebeu menção honrosa no Prêmio TeMA pelo artigo "Os contrastes sonoros em Contrastes de Marisa Rezende" e em 2015 realizou, como solista, a estreia brasileira do Concerto para Piano Preparado e Orquestra de Câmara de John Cage. Bibiana é Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso, com atuação no Departamento de Artes, nas áreas de piano, performance, cultura e pedagogia do instrumento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), na linha de poéticas contemporâneas e no Mestrado Profissional em Música. É Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Contacto: bibiana.bragagnolo@ufmt.br.





OTIMISMO CULTURAL EM TEMPOS DE TURBULÊNCIA: DA COMPETIÇÃO AO CUIDADO

Cristina FARINHA, Especialista em Desenvolvimento Cultural, Avaliação, Monitorização, Formação, Mobilidade Internacional e Estratégias de Economia Criativa, Portugal

Resumo

Num contexto de instabilidade económica, aceleração tecnológica, polarização política e crescente precariedade no setor cultural, a cooperação internacional enfrenta pressões crescentes de modelos orientados para a competição, o financiamento por projetos e métricas de impacto. Estas dinâmicas fragilizam a confiança, a continuidade e a equidade. Propõe-se o cuidado como princípio de governação alternativo, assente na responsabilidade partilhada, em condições de trabalho justas e na cultura como bem público, promovendo cooperação sustentável, solidariedade e justiça a longo prazo.

Palavras-chave: Cooperação internacional, Cuidado, Governação cultural; Justiça social.

Cristina FARINHA é uma perita em política cultural e cooperação internacional, com mais de 25 anos de experiência nos setores cultural e criativo na Europa, África e noutros continentes. É especialista em desenvolvimento cultural, avaliação, monitorização, formação, mobilidade internacional e estratégias de economia criativa. Cristina prestou consultoria a instituições europeias e nacionais, cidades, organizações internacionais e da sociedade civil sobre desenho e implementação de políticas culturais, Capitais Europeias da Cultura, programas de cooperação internacional e avaliação de impacto. As suas áreas de interesse incluem: o desenvolvimento da capacidade e organização coletiva do setor cultural; a promoção da cooperação e mobilidade internacionais; e o reforço do papel da cultura na governação e no desenvolvimento. Contacto: cristinafarinha2011@gmail.com.





EVALUATION ECOLOGICAL THINKING FOR MUSIC AND THE ARTS – FROM BLACKBOXING TOWARDS A ‘SERIOUS’ ANALYTICAL TOOL?

Robin KUCHAR, Leuphana University, Alemanha

Resumo

This presentation critically discusses the concept of and questions among the notion of music ecosystems for research in culture and the arts. As a ‘en vogue’ term, the research on cultural or music ecosystems lacks a comprehensive understanding and a systematic framework for its use as analytical tool. How we can use an ecological approach for researching culture? Which role established concepts like ‘scenes’ can play within an ecological approach? The paper discusses these questions by taking a look into different traditions of ecological thinking in social sciences and the humanities in order to enable a more substantial notion of ecosystems in culture and arts-related research.

Palavras-chave: Ecological Thinking, Music, Arts, Cutlure.

Robin KUCHAR holds a PhD in Cultural Studies from Leuphana University Lüneburg, Germany. He currently works as a researcher and postdoctoral fellow and is a professor at the Institute of Sociology and Cultural Organization at Leuphana University. His main research interests are culture and the city, bricolage and underground scenes, cultural production, music industries, live music and music spaces, and cultural participation. He is a member of the KISMIF network, co-founder and co-editor of Urban Music Studies. Contacto: robin.kuchar@leuphana.de.



PROJETO @CATAESTRÓFICA

Catarina de Carvalho LOPES, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Portugal

Resumo

O projeto @cataestrófica nasceu no dia 9 de janeiro de 2020, numa plataforma digital, fruto de uma situação de assédio em transportes públicos e da necessidade de processar a vergonha e o desconforto. Contudo, acabou por alargar-se à discussão de múltiplas temáticas sociais e políticas, abordando questões de género, ambientalismo, anticapitalismo, antirracismo, veganismo, entre outras. Através da antropomorfização das personagens e tons garridos, elementos centrais das ilustrações, procuro abordar temas complexos, com uma linguagem acessível, simples e empática. Partindo desse projeto, procuro explorar de que forma a ilustração, aliada ao humor e forte posicionalidade, pode transformar experiências difíceis em narrativas de resistência, cuidado e ação coletiva. Paralelamente, pretendo compreender de que forma as plataformas digitais, onde o projeto está inserido, podem constituir espaços de expressão, construção de comunidade e intervenção social, promovendo a reflexão crítica e o diálogo e contribuindo para a desconstrução de discursos dominantes e estruturas sociais enraizadas.

Palavras-chave: Ilustração Ativista, Plataformas Digitais, Feminismo, Humor Gráfico, Intervenção Social.

Catarina de Carvalho LOPES é licenciada em Artes Plásticas (2011, ESAD.CR – Instituto Politécnico de Leiria) e mestre em Ciências da Comunicação (2013, FCSH – Universidade Nova de Lisboa). Desde setembro de 2024 que frequenta o Doutoramento em Sociologia através do Programa de Doutoramento Interuniversitário OpenSoc. Paralelamente, tem também desenvolvido trabalho na área das artes, aliando humor e crítica social, através do projeto de ilustração @cataestrófica. Os seus interesses e trabalho de investigação assentam nas Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia, Ciências da Comunicação e Artes, nutrindo interesse sobre temas como género, ativismo, ritual, máscara e performance e privilegiando, sobretudo, métodos baseados nas artes e colaborativos. Contacto: cilopes@edu.ulisboa.pt.



MAPEAR A INVISIBILIDADE: PIONEIRAS E AMADORAS DA FOTOGRAFIA EM PORTUGAL

Susana Lourenço MARQUES, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo

O projecto WOMENPHOT.PT – O que elas viram / o que nós vemos procura reavaliar o lugar das mulheres na história da fotografia em Portugal entre 1860 e 1920. Partindo da hipótese de que a sua invisibilidade resulta menos da ausência de prática do que dos modelos historiográficos que estruturaram o campo, a investigação cruza arquivos públicos e privados, colecções familiares, periódicos ilustrados e associações fotográficas para reconstruir trajectórias, redes de sociabilidade e formas de participação feminina na cultura fotográfica. A comunicação apresentará os objectivos e metodologias do projecto, discutindo alguns casos de estudo e as implicações desta revisão para uma história mais plural da fotografia portuguesa.

Palavras-chave: WOMENPHOT.PT, Mulheres Fotógrafas, História da Fotografia, Arquivos Fotográficos, Fotografia Portuguesa.

Susana Lourenço MARQUES é Professora Associada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e doutorada em Comunicação e Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. É Investigadora integrada do I2ADS/ Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e autora dos livros *Ether/um laboratório de Fotografia e História* (Dafne, 2018) e *Pó, cinza, nevoeiro - um ensaio sobre a ausência* (2018), tendo co-editado *Portugal Ano Zero* (2025), *Livros de Fotografia em Portugal, da revolução ao Presente* (2023), *Lágrimas de Crocodilo* (2022) e *Pedagogy of the streets, Porto 1977* (2018). Como curadora destacam-se as exposições: *Quem te ensinou? Ninguém*, de Elvira Leite (2016), *Opacity of Water* (2021), *Loss of Aura* (Galeria Pedro Oliveira, 2022) *Eternal Youth* (2023), *No tempo dos Dias Lentos* (2023), *Portugal Ano Zero, Livros de Fotografia em Portugal* (2024) e *O que elas viram, o que nós vemos* (2025). Co-fundou em 2014 a editora Pierrot le Fou (www.pierrotlefou.pt). Contacto: smarques@fba.up.pt.





WALKING FOR IT

Alícia MEDEIROS, Artista Independente, Portugal

Resumo

A abordagem do caminhar como forma de percepção e prática tem sido destacada nos campos da arquitetura, artes e planeamento urbano como algo essencial às intervenções em espaços públicos de diferentes metrópoles. Estas práticas têm sofrido diversas reconfigurações no ambiente urbano que está constantemente conectado ao mundo online. No entanto, a invisibilidade, insegurança e falta da liberdade de pessoas do gênero feminino no espaço público permanece um debate atual, afetando esta prática diariamente, seja através de uma estrutura urbana que não contempla as necessidades de mulheres, seja através do assédio e violência de gênero ao quais algumas mulheres estão constantemente submetidas. Através do caminhar como prática artística, esta investigação pretendeu analisar o atual estado deste paradigma, levantando o debate acerca da locomoção e apropriação do espaço público pelo gênero feminino. Com base nesta premissa desenvolveu-se a dissertação de doutoramento 'Walking for It', por meio de uma abordagem metodológica transdisciplinar das quais resultam as obras apresentadas na presente exposição.

Palavras-chave: Arte, Caminhar, Cidade, Gênero.

Alícia MEDEIROS nasceu em Manaus, Brasil, em 1988. Vive e trabalha em Porto, Portugal. É Licenciada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e é Mestre em Arte e Design Para o Espaço Público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Trabalha ao nível das mídias móveis e do caminhar como prática artística/performance desde 2010, intensificando o trabalho nesta área desde 2013. Doutora em Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), onde investigou sobre como o caminhar no espaço público citadino se configura como prática artística sob o olhar feminino e como esta prática se pode transformar com o uso das mídias móveis (smartphones). É co-fundadora do coletivo MAAD. Contacto: aliciabmedeiros@gmail.com.





AS POSSIBILIDADES DE (RE)EXISTÊNCIA NO/DO ESPAÇO PÚBLICO. O CASO DO PORTO NA CONTEMPORANEIDADE

Carla MIRANDA, Produtora e Programadora Cultural, Portugal

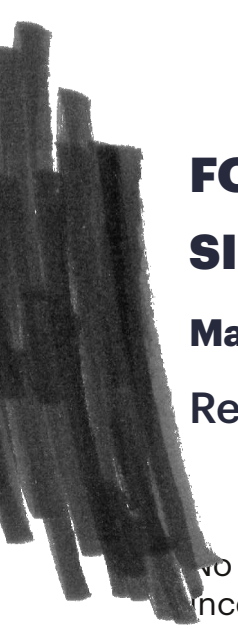
Resumo

Em momento de construção de uma tese de doutoramento intitulada A cidade dos eventos no espaço público da cidade do Porto nos últimos 25 anos – procura-se fazer caminho na compreensão da produção, apropriação e (re)existência do espaço público contemporâneo da cidade. Partindo da geografia urbana, tenta-se perceber a distribuição espacial e temporal dos eventos, os seus impactos sociais e culturais, dinâmicas de acesso e participação e de como os eventos podem simultaneamente reforçar lógicas de inclusão, sociabilidade e direito à cidade ou reproduzir processos de exclusão e mercantilização.

Palavras-chave: Cidade, Espaço público, Eventos, Impactos sociais e culturais, Participação

Carla MIRANDA. Licenciada em Jornalismo e Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto, Carla Miranda fez a sua carreira profissional na companhia de Teatro “As Boas Raparigas vão para o céu, as más para todo o lado”, que fundou em 1993, e onde programou e participou como atriz em várias produções, ao longo de 25 anos. Foi programadora do Faladura- Festival de Spoken word, produtora executiva do projeto Há Festa na Aldeia, e de programas televisivos no Porto Canal. Em 2015, assumiu funções como deputada na Assembleia da República, eleita pelo distrito do Porto nas listas do Partido Socialista, onde permaneceu até março de 2024. Durante esse período, foi coordenadora dos deputados do Partido Socialista na Comissão de Cultura, Comunicação Social, Juventude e Desporto. Exerce atividade profissional nas áreas de gestão e produção cultural e é doutoranda em Geografia na Universidade do Porto. Contacto: carlazmiranda@gmail.com





FOTOGRAFIA: CONTRA A INVISIBILIDADE, O SILÊNCIO E O APAGAMENTO

Manuela Matos MONTEIRO, Fotógrafa e Artista Independente, Portugal

Resumo

No mundo tumultuado e perturbador em que vivemos em que a única certeza é a incerteza, a fotografia ganha um papel cada vez mais importante como prática que torna visível o que se procura invisibilizar, que testemunha, denuncia e resiste ao apagamento das memórias. Mas há novos desafios neste tempo paradoxal: se antes perguntávamos “porque é que não foi fotografado?”, hoje acrescentamos “será que isto aconteceu mesmo?”. A comunicação propõe uma reflexão sobre esta mudança civilizacional, sobre a espiral de incertezas que nos inunda.

Palavras-chave: Fotografia, Apagamento, Mudança Civilizacional.

Manuela Matos MONTEIRO tem formação e lecionou Filosofia e Psicologia sendo autora de vários livros destas áreas. Dirigiu o site NETprof e a revista 2:PONTOS. Dedica-se à fotografia desde a juventude tendo exposto individual e coletivamente em Portugal e no estrangeiro. Além de fotógrafa é curadora na área da fotografia e artes plásticas tendo organizado, entre outras, três edições da Bienal de Fotografia de Lamego e Vale do Varosa. Com João Lafuente, dirige desde 2013 as MIRA Galerias, um projeto privado que contempla três galerias: MIRA FORUM, Espaço MIRA e MIRA | artes performativas Para além da vertente artística, este projeto caracteriza-se por um intenso ativismo social e trabalho com a comunidade. Contacto: miraforum@miragalerias.net.



POSITIVE VISIONS FOR THE FUTURE – QUO VADIS?

Kristin REICHBORN-KJENNURD, Universidade Oslo Metropolitan, Noruega

Abstract

Sustainability and eco-sensibilities (or ecological/sustainable sensibility) involve blending environmental, social, and economic factors to create a long-term, ethical, and regenerative future. It moves beyond mere efficiency, fostering a conscious awareness of human interconnectedness with nature, promoting responsible resource management, biodiversity conservation, and mindful consumption. On a deeper level it implies looking at nature and other beings (human and non-humans) as having value in and of themselves, rather than being something and someone we can extract value and resources from, for our own benefit. Based on my books: "Sustainable Urban Transitions and New Public Management – The Norwegian Experience", and "Social sustainability in the Municipality – planning, co-creation and local sustainable innovation", I discuss whether we, under the current "Surveillance capitalism" and different forms of public and private neo-liberal governance systems, can work effectively towards the sustainability agenda. Weak governments are under regulatory capture, acting as agents of big corporations' interests, instead of peoples' interests. This leads to sustainability washing and cheating. Greed and hoarding are built into our current capitalistic systems. The question is therefore whether sustainability and capitalism are compatible. Greed, or avarice, is regarded as one of the seven deadly sins in Christian theology. Hoarding is not listed as its own deadly sin, but is considered a primary manifestation of the sin of greed. The hoarding in today's global society is empirically demonstrated in Thomas Piketty's book "Capital in the 21st century". We can also see greed and hoarding through the actions of Tech-oligarchs and the "broligarchy". The monopolization and increased control over the marketplace, and peoples' minds and lives, is not only a tech company phenomenon. Increased control and exploitation of people and nature is also visible in the world's food systems, threatening the very core of our subsistence. Big corporations take control of everything from seeds to water, natural elements that we as humans are unable to live without. Contrasting Norway, a country under siege of this capture, and Bhutan, the country creator of Gross National Happiness (GNH), I discuss whether we can work towards a more positive vision - a narrative that can restore the reciprocal relationship between humans and their natural environment. Can the small Buddhist country of Bhutan help us create systems and ways of thinking and being, that safeguard real sustainability?

Keywords: Sustainability, Surveillance Capitalism, Neoliberal Governance, Gross National Happiness, Ecological Sensibility.

Kristin REICHBORN-KJENNURD is a political scientist and sociologist that also has formal education in management and audit. Kristin has been and currently is engaged in several projects on urban governance and -development. Kristin has background from studies on governance in the public sector. Her research interests are in democracy and the organization for co-decisionmaking in urban development. Also, she is interested in urban governance related to social innovation. She was project leader in one NRC funded research- and innovation project on sustainable procurement of food and cateringservices. Se was also workpackage leader in one Horizon research and innovation project on urban gardening and one NRC researchproject on resident participation in urban development. Contacto: kristin.reichborn-kjennerud@oslomet.no.





FROM GREEN CONFORMITY TO ECOLOGICAL CIVIC CAPACITY: CULTURAL INSTITUTIONS AND THE POLITICS OF SUSTAINABILITY

Vânia RODRIGUES, Universidade de Coimbra, Portugal

Abstract

Why do cultural institutions embrace sustainability so visibly while transforming so little? This keynote maps the mechanisms that produce green conformity in the arts and culture sector, drawing on audit culture, institutional isomorphism and the travelling dynamics of sustainability policy, and asks what it would take to move beyond it. Against green conformity, it develops the concept of 'ecological civic capacity': a counter-disposition for cultural management and policy in which imagination, conflict and situated accountability become possible. The argument moves through critical sustainability and the conditions under which cultural institutions might stop demonstrating ecological virtue and start practicing it.

Keywords: Sustainability, Cultural Institutions, Ecological Civic Capacity, Green Conformity, Cultural Policy.

Vânia RODRIGUES (1979) worked as a cultural manager in various artistic organizations and projects before moving into a research career. She holds a Master's degree in Cultural Policy and Management from City University of London (2009) and a PhD in Art Studies from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra (2022). Author of three books and several scientific articles and essays on cultural management and policy, she was the Principal Investigator of the FCT GREENARTS project, as well as the founder of the experimental Postgraduate programme in Arts Management and Sustainability. Currently, she is a Research Fellow at the Centre for Interdisciplinary Studies at the University of Coimbra, of which she is the Deputy Scientific Coordinator. There, she directs and the R&D platform Modes of Production – Performing Arts in Transition where she conducts research dedicated to cultural policies, arts management and cultural institutions, particularly attentive to the context of ecological emergency. She is also co-coordinator of two study programmes, the MA in

Arts Management and Cultural Policies in Transition (FLUC) and the PhD in Contemporary Studies (CEIS20). Contacto: vania.rodrigues@uc.pt.



WORLDS OF MUSIC ACTIVISM

Alix Didier SARROUY, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal

Abstract

Drawing inspiration from Howard Becker's Art Worlds and Edgar Morin's call to think simultaneously through parts and wholes, this presentation proposes a broad reflection on the relationships between music and activism, while paying tribute to these two recently departed giants of sociology. It proposes a broad reflection on the relationships between music and activism. Rather than focusing on a single case study, the presentation adopts a comparative perspective informed by both the sociology of music and ethnomusicology. As coordinator of the Power, Politics and Activism thematic line at the Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md, Portugal), I draw on examples from diverse musical practices, genres, and cultural contexts around the world to explore the many ways in which music becomes political. Where does musical activism reside? In the lyrics of a song, the characteristics of a genre, the intentions of performers, the identities of musicians, or the social and technological contexts through which music circulates and acquires meaning? The presentation also invites us to broaden our understanding of activism beyond visible forms of collective mobilisation. Music can act in subtle yet profound ways, shaping identities, sustaining hope, and helping individuals navigate periods of crisis, exile, war, or personal vulnerability – and that is political too!.

Keywords: Ethnomusicology, music, activism, Howard Becker.

Alix Didier SARROUY é Sociólogo da Música. Investigador integrado no Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança, NOVA.FCSH, no qual coordenada a linha temática Poder, Política e Ativismo. Investigador principal do projeto "YouSound – Educação musical como ferramenta de inclusão de refugiados menores de idade na Europa", financiado pela FCT. Coeditor de "A arte de construir cidadania: juventude, práticas criativas e ativismo" (2022, Tinta da China), e autor de "Atores da educação musical: etnografia nos programas socioculturais El Sistema, Neojiba, Orquestra Geração" (2022, Húmus-CICS.NOVA Edições). O seu mais recente capítulo, a ser publicado brevemente, tem por título: Peripheral youth, collective creativity, and the making of "Sounds of a Revolution". In L. Ferro, O. Raposo, & P. Varela (Eds.), Peripheral Creativities: Youth, Arts and Public Policies in Segregated Territories. Emerald Publishing, 2026. Contacto: alixsarrouy@fcsb.unl.pt.



FESTIVAL ACTIVISM

Andrew SNYDER, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal

Abstract

This presentation will explore the main theoretical contributions of the new book, *Festival Activism* (Indiana University Press 2025), which explores how festivals can be mobilized as strategic forms of direct action. *Festival Activism* is a collection of diverse chapters by scholars, artists, and arts managers, with case studies from the Americas, Africa, Europe, and the Middle East. The authors argue that festivals not only celebrate culture; they also shape it, creating new forms of community with direct political effects. This volume addresses the many ways in which festivals provide resources for imagining and promoting social change, alternative citizenship, and long-term political transformation, revealing how artists, participants, and organizers confront and challenge the multiple forms of violence that shape their worlds. With its emphasis on activism, direct action, and social justice, *Festival Activism* points toward a new paradigm in festival research, one that centers on decolonial and justice-oriented methods to illuminate the latent political potential of festivals. The presentation, given by one of the co-editors, explores the theoretical framework developed in the book's introduction, which argues that festivals have certain intrinsic characteristics that can be mobilized as intervention tactics, and then presents examples demonstrating how the authors implement this theory in practice.

Keywords: Festival Activism, Social Justice, Direct Action, Decolonial Practices, Political Transformation.

Andrew SNYDER is Assistant Research Professor of Music and Politics in the Ethnomusicology Institute at NOVA University Lisbon in Portugal. He is the author of *Critical Brass: Street Carnival and Musical Activism in Olympic Rio de Janeiro* (Wesleyan 2022) and *Postcolonial Intimacy: Brazilian Music and Carnival in Portugal* (Chicago, forthcoming). He is incoming General Editor of the journal *Ethnomusicology*, the flagship journal of his field, and outgoing Coeditor of the *Journal of Festive Studies*, as well as coeditor of the books *Festival Activism* (Indiana 2025), *At the Crossroads of Music and Social Justice* (Indiana 2022), *HONK! A Street Band Renaissance of Music and Activism* (Routledge 2020), and *Music and Modern Statecraft in Portugal* (Routledge forthcoming). He is a trumpeter and guitarist who plays a wide range of popular music styles. Contacto: asnyder@fcsh.unl.pt.





PAPERS

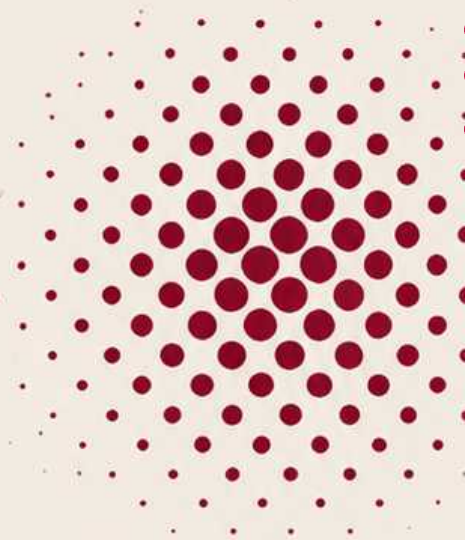
COMUNICAÇÕES |

*In alphabetical order by the last name
of the 1st author)*

(Ordenação alfabética pelo último
nome do/a primeiro/a autor/a)



A-E





HILMA AF KLINT, UM INSTANTE E UM MITO ENTRE MUNDOS

Lina de ALBUQUERQUE, Centro Universitário IESB, Brasil, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Nos estudos filosóficos, a busca pela verdade estabelece-se como fundamento essencial do pensamento e do conhecimento, orientando-se por princípios de racionalidade e coerência. O padre belga em uma entrevista para New York Times em 1933 disse “existem dois caminhos para verdade, e eu escolho trilhar os dois”. Porém, na filosofia, ao longo de sua trajetória histórica, procura construir um arcabouço conceitual que permita interpretar a realidade por meio de métodos sistemáticos e argumentativos. No entanto, no domínio das artes, e especialmente na prática artística, a ênfase desloca-se da verdade objetiva para a experiência subjetiva e sensível. A arte não se ancora necessariamente em dogmas ou certezas absolutas, mas se estrutura a partir da vivência e da interpretação tanto do criador quanto do observador. Assim, a prática artística configura-se como um campo de liberdade expressiva, no qual a subjetividade e a intuição assumem papéis centrais, e a fidelidade à experiência sensível se impõe como seu principal compromisso epistemológico e estético. Este artigo pretende compreender a mediunidade de Hilma af Klint e a maneira como sua produção artística se funda em narrativas que evocam um mundo espiritual, conferindo à sua obra uma estrutura simbólica de fundo mitológico. Esse processo se materializa por meio de símbolos, signos e significados que foram catalogados e traduzidos em seus cadernos, constituindo um corpo de conhecimento sistematizado. O caso de Hilma af Klint, artista mulher nascida no século XIX, que entra no século XX aprofundando-se em estudos sobre o espiritismo kardecista e a Teosofia de Helena Blavatsky, movimentos filosófico-espirituais que influenciaram diretamente sua produção. Nesse contexto, ela estabelece um contato recorrente com entidades espirituais identificadas como Gregor, Clemens, Amanuel e Ananda, que lhe transmitiram mensagens e ensinamentos sobre a percepção do que seria o todo (KLEVELAND, 2014). Hilma deixa um legado de pinturas e manuscritos, com anotações sistemáticas sobre esses encontros, desenhos, estudos sobre símbolos e cores, além de anotações sobre o significado de suas obras. O caráter místico e esotérico de sua produção se reflete, ainda, o mistério sobre seu testamento, onde ela pede que as obras continuem ocultas por pelo menos 20 anos após a sua morte e proibindo, inclusive, sua comercialização. Este material rendeu amplas produções literárias, muitas com abordagens históricas e outra grande parte sobre seu reconhecimento de sua importância no regimento de um estilo artístico de arte abstrata, se tornando a primeira (mulher) pintora abstrata da história, tomando o lugar de Wassily Kandinsky, gerando grande valor para suas obras no mercado da arte. Caminhando por uma direção distinta, este artigo se debruça no entendimento de como a mediunidade e espiritualidade da artista direcionou sua produção, e como isso resulta na mais importante produção artística de Hilma af Klint e sua repercussão póstuma incomum. Para compreender esse percurso, será adotada uma abordagem interdisciplinar que articula três eixos fundamentais: a psicologia, a simbologia e o mito. Esses três domínios constituem um triângulo conceitual no qual cada um dos vértices sustenta a

interpretação do fenômeno mediúnico e artístico da pintora sueca. A psicologia, nesse contexto, possibilita a análise dos aspectos mentais e perceptivos envolvidos na experiência mediúnica, bem como sua relação com o processo criativo. Diversas abordagens psicológicas, como a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, fornecem subsídios para a compreensão da mediunidade como uma manifestação do inconsciente coletivo e de arquétipos que estruturam a psique humana. O estudo simbólico, por sua vez, permite decifrar a linguagem visual empregada por Hilma, que se expressa por meio de formas geométricas, cores e signos que remetem a um sistema de significados esotéricos e espirituais. Esse aspecto dialoga diretamente com a tradição das sociedades iniciáticas e dos sistemas de pensamento místico, nos quais os símbolos desempenham uma função pedagógica e reveladora. Por fim, o mito se apresenta como o eixo que organiza a narrativa espiritual de Hilma af Klint, conferindo coerência e sentido à sua produção artística. O mito, nesse contexto, não deve ser entendido apenas como uma ficção ou fantasia, mas como uma estrutura narrativa que traduz verdades simbólicas e espirituais, oferecendo um modelo interpretativo para sua obra. A análise da obra de Hilma af Klint sob essa perspectiva permite situá-la em um campo artístico que transcende a mera experimentação formal, inserindo-a em um contexto mais amplo de busca espiritual e de construção de um conhecimento visual codificado. Seu trabalho pode ser interpretado como uma tentativa de materializar dimensões sutis da realidade, utilizando a arte como meio de comunicação entre diferentes planos da existência. Essa concepção ressoa com tradições artísticas e espirituais anteriores, como a arte sacra medieval, o simbolismo e o próprio movimento teosófico, que buscavam na arte um veículo para a revelação de verdades superiores. Dessa maneira, a produção de Hilma af Klint se destaca por sua relevância estética e por seu caráter inovador que integra espiritualidade e arte de forma sistemática. Seu legado, por muito tempo negligenciado, vem sendo gradualmente resgatado e valorizado, permitindo uma reavaliação de seu papel na história da arte. A repercussão contemporânea de sua obra demonstra que sua abordagem visionária continua a provocar reflexões sobre os limites entre arte, espiritualidade e conhecimento, reafirmando a importância de sua contribuição para o pensamento artístico e filosófico. Ao examinar a relação entre mediunidade e produção artística, este artigo propõe uma leitura que reconhece a complexidade de sua trajetória e a profundidade de sua obra, destacando o impacto de sua visão espiritual na constituição de um dos mais enigmáticos e significativos legados artísticos do século XX.

Palavras-chave: Hilma af Klint, Mediunidade, Espiritualidade, Simbologia, Arte Abstrata.



Referências Bibliográficas

- af Klint, H. (2018). *Mundos possíveis*. (Catálogo de exposição) Pinacoteca de São Paulo.
- Almeida, A. (2004). *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo.
- Blavatsky, H. P. (1964). *Collected writings* (Vol. X, p. 340). Theosophical Publishing House.
- Blavatsky, H. P. (1991). *A Doutrina secreta* (Vol. I e II). Pensamento
- Blavatsky, H. P. (1999). *A Doutrina secreta* (Vol. III e IV). Pensamento
- Blavatsky, H. P. (2009). *O livro perdido de Dzyan*. Pensamento.
- Budge, E. A. W. (2007). *O livro egípcio dos mortos*. Hemus.
- Carter, M. (2023). *The spiritual in art: An interview with Maurice*
- Tuchman. East of Borneo. <https://eastofborneo.org/articles/the-spiritual-in-art/>
- Collectif. (1999). *Art médiumnique, visionnaire, messages d'outre-monde* (Catálogo de exposição). Hoëbeke.
- Eliade, M. (1991). *Imagens e símbolos*. Martins Fontes.
- Jung, C. G. (2002). *O homem e seus símbolos*. Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (2016). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (M. L. Appy & D. M. R. F. da Silva, Trans.). Vozes.
- Kleveland, Å. (2015). *Den stora omvälvningen - Mysteriets återkomst och monoteismen avväpning* [A grande revolta. O mistério, retorno e desarmamento do monoteísmo]. Consultor de Conhecimento.
- Leadbeater, C. W. (1971). *Man visible and invisible*. Theosophical Publishing House
- Meier, E. (2012). *Vishnu Purana: Um sistema hindu de mitologias e tradições* (E. Meier, Trad.). Oxford University Press.
- Morin, E. (2008). *O método 3: conhecimento do conhecimento* (4ª ed.). Sulina.
- Prabhupada, S. (2017). *Bhagavad-Gita-Krishna* (Edição de 2017). ISKCON.
- Steiner, R. (2019). *A história universal à luz da antroposofia*. Antroposófica.
- Martin, K. (2012). *O livro dos símbolos*. Taschen.

Umesiri, FE. (2025). Reflexões sobre a contribuição de Georges Lemaître para o diálogo entre ciência e fé. *Zygon: Revista de Religião e Ciência* 60(2), 361-80. doi: <https://doi.org/10.16995/zygon.17191>

Voss, J. (2022). *Hilma af Klint: A biography*. The University of Chicago Press.

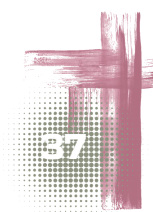
Ward, A. H. (1906). *The seven rays of development*. Theosophical Publishing House.

Wentz, E. (2008). *O livro tibetano dos mortos*. Pensamento.

Zangari, et al. (2009). Psicologia da mediunidade: Do intrapsíquico ao psicossocial. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 77(2), 233-252.

Zingrone, N. L. (1994). Images of Woman as Medium: Power, Pathology and Passivity in the Writings of Frederic Marvin and Cesare Lombroso. In L. Coly & R. A. White (Eds.), *Women and Parapsychology* (pp. 90-123). Parapsychology Foundation Inc.

Lina de ALBUQUERQUE é diretora de Arte, figurinista, designer de moda e Investigadora de Tendências e Estudos Sociais. Contacto: dealbuquerque.lina@gmail.com.



O PRATO VAZIO: ILUSTRAÇÃO COMO PRÁTICAS DE REFLEXÃO SOBRE DESIGUALDADE ALIMENTAR

Bruno de ALMEIDA, Instituto de Sociologia, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Julio DOLBETH, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Paula GUERRA, Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

A fome e a desigualdade no acesso à alimentação permanecem problemas estruturais em muitas sociedades contemporâneas, coexistindo paradoxalmente com elevados níveis de desperdício alimentar. A arte e as práticas narrativas podem desempenhar um papel relevante na visibilização destas contradições e na criação de espaços de reflexão crítica. O livro ilustrado *O Prato Vazio*, escrito por Adriana Falcão e ilustrado por Bruno de Almeida, aborda esta problemática através de uma fábula contemporânea narrada a partir da perspetiva de um prato vazio que observa a espera de uma menina pela comida que não chega. Ao deslocar o ponto de vista narrativo para um objeto doméstico cotidiano, a obra constrói uma metáfora visual da ausência de alimento e da invisibilidade social da fome. Esta comunicação propõe analisar *O Prato Vazio* enquanto prática artística que articula narrativa visual, metáfora e pedagogia social para abordar criticamente a fome e a desigualdade alimentar. A apresentação discute o potencial do livro ilustrado como dispositivo cultural capaz de contribuir para processos de sensibilização e reflexão em torno da justiça alimentar. A análise baseia-se numa abordagem qualitativa centrada na relação entre texto e imagem, considerando a forma como as estratégias narrativas e visuais do livro constroem significados sociais. Particular atenção é dada à construção simbólica do prato enquanto narrador e às metáforas visuais presentes nas ilustrações, entendidas como formas de comunicar uma problemática social complexa. A análise sugere que o deslocamento narrativo para um objeto quotidiano cria um dispositivo simbólico capaz de gerar empatia e de tornar visível uma realidade frequentemente naturalizada. A combinação entre linguagem poética e ilustração permite abordar a experiência da fome de forma acessível sem reduzir a sua dimensão crítica, evidenciando o potencial da narrativa visual como ferramenta de mediação cultural e pedagógica no debate público sobre desigualdade social e direito à alimentação.

Palavras-chave: Ilustração, Livro Ilustrado, Fome, Pedagogia social, Ativismo

Bruno de ALMEIDA iniciou a sua carreira de designer em 2013, especializando-se em Design na Universidade de Franca, Brasil. O seu trabalho explora narrativas visuais como ferramentas críticas para a transformação social, combinando design, ilustração e ativismo. De 2015 a 2019, trabalhou na Tip Toey Joey, ganhando experiência internacional em narrativa visual e desenvolvimento de produtos sustentáveis. Desde 2019, lidera projetos independentes focados em design colaborativo e descolonial, com forte ênfase na ecologia e na memória coletiva. É mestre em Design Industrial e de Produto pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde a sua tese *Corpos em Diálogo* recebeu as maiores honras e foi apresentada em toda a Europa. O seu manifesto visual foi apresentado na exposição *Changemakers* do Parlamento Europeu. As suas ilustrações foram exibidas internacionalmente e reconhecidas por instituições como a Feira do Livro Infantil de Bolonha e o Parlamento Europeu. Em 2024, publicou o livro premiado *Gambiarra* e foi homenageado pelo Museu Aljube e outras instituições portuguesas no contexto do 50.º aniversário da Revolução dos Cravos. É também cofundador da NIBA – Coletivo de Imigrantes de Belas Artes do Porto – e continua a desenvolver projetos centrados na comunidade que abordam a identidade, o território e a justiça social. Contato: uaibru@gmail.com.

Julio DOLBETH completed the PhD in Art and Design in 2014 by the University of Porto Faculty of Fine Arts, Master in Multimedia Art in 2002 by the University of Porto Faculty of Fine Arts and a Degree in Communication Design in 1996 by University of Porto Faculty of Fine Arts. Teaches design and illustration at the University of Porto, Faculty of Fine Arts. Integrated researcher member at ID+ Institute for Research in Media Design and Culture (FBAUP/UA/PICA). Collaborates also at i2ADS - Research Institute in Art, Design and Society (FBAUP). His research is focused on Illustration. Participates regularly on illustration based events, with published work and exhibitions. Contacto: dolbeth@gmail.com.

Paula GUERRA possui doutorado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP). Faz parte ainda de outros centros de investigação internacionais: Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT); Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR); Investigadora Convidada Internacional no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), no Grupo de Pesquisa História, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal do Piauí e Universidade de Brasília (Brasil), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e no Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (L.A.M.A.). Também integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Contacto: pguerra@letras.up.pt.



AS REPRESENTAÇÕES DAS PORNOCHANCHADAS NOS JORNAIS: COMBATE, CONSOLIDAÇÃO E PROPAGAÇÃO DE UM GÊNERO

Julio Eduardo Soares de Sá ALVARENGA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Frederico Osanan Amorim LIMA, Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Paula GUERRA, Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

O presente artigo analisa a consolidação das pornochanchadas como gênero cinematográfico na década de 1970, a partir dos discursos veiculados em fontes hemerográficas, especialmente em resenhas críticas de filmes. Argumenta-se que jornalistas e críticos de cinema produziram textos que, ao mesmo tempo em que combatiam o cinema erótico brasileiro, contribuíam para a definição desse gênero e para sua identificação pelo público. Defende-se ainda que, embora o termo tenha surgido em um contexto de crítica e combate midiático, ele foi posteriormente apropriado por cineastas e produtores, passando a ser utilizado como estratégia de divulgação das obras. Como fontes históricas, foram analisados periódicos como *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *Correio Brasiliense* e *Folha de S. Paulo*. Entre os principais interlocutores estão Beatriz Kushnir, Michel Foucault, Nuno César Abreu e Paul Preciado.

Palavras-chave: História, Cinema, Pornochanchadas, Sexualidade.

Referências Bibliográficas

- Abreu, N. C. P. de. (2015). *Boca do lixo: Cinema e classes populares* (2.^a ed.). Editora da Unicamp.
- Foucault, M. (2022). *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (13.^a ed.). Paz e Terra.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder* (R. Machado, Org. e Trad.). Graal.
- Kushnir, B. (2001). *Cães de guarda: Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988*. (Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas).
- Preciado, P. B. (2022). *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual* (M. P. G. Ribeiro, Trad.; 1.^a ed.). Zahar.

Julio Eduardo Soares de Sá ALVARENGA é doutor em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com período de mobilidade acadêmica na Universidade do Porto (Portugal). Graduado em Licenciatura em História e mestre em História do Brasil pela UFPI. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira pelo Instituto Brasil de Ensino (IBRA). Desenvolve pesquisas nas áreas de História, gênero, sexualidade, cinema e sociabilidades juvenis. Atualmente, é professor substituto no curso de Licenciatura em História da UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Contacto: julioeduardoalvarenga@gmail.com.

Frederico Osanan Amorim LIMA possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2003). É especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2005). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2007). Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (2012). Atualmente é professor Associado II da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar) e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Tem experiência na área de História, com ênfase nos estudos relacionados à imagens, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, sensibilidade, subjetividade, comportamento juvenil, historiografia do cinema brasileiro, cinema brasileiro moderno, Glauber Rocha e cinema experimental e relações de poder. Contacto: fredufpi@gmail.com.

Paula GUERRA possui doutorado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP). Faz parte ainda de outros centros de investigação internacionais: Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT); Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR); Investigadora Convidada Internacional no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), no Grupo de Pesquisa História, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal do Piauí e Universidade de Brasília (Brasil), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e no Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (L.A.M.A.). Também integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Contacto: pguerra@letras.up.pt.



MATERNITY WITHIN A BRAZILIAN ASYLUM (1958-2001): QUALITATIVE RESEARCH, INTERSECTIONALITY AND DECOLONIAL METHODOLOGY.

Daniele S. Filgueiras Silva ALVES, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Abstract

Maternity within a Brazilian asylum is the focus of a qualitative research project developed since 2020 (Alves, 2023). According to Flick (2023), “qualitative research allows women’s voices to be heard and goals realised” while feminist research, in addition, “focuses on the ignorance of women’s life situation”. Thus, a feminist-oriented literature review revealed an unexplored gap: women institutionalized in asylums - understood as total institutions (Goffman, 2015) - whose life stories and their maternity have been pushed into oblivion (Alves, 2023). This gap also reflects a research field that often proved inaccessible. Each attempt to approach the field underscored the difficulty of accessing the historical past of asylum, before Brazilian Psychiatric reform (Passos; Pereira, 2017; Passos, 2017). This paper argues for the urgency of adopting alternative approaches, specifically, the need to establish a methodology capable of reanalysing this history through feminist and decolonial lenses. Accordingly, the qualitative research was grounded in validating the voices of cisgender women who have been historically silenced. Empirical data were accessed through narrated life stories (Rosenthal, 2014), visual materials (Bauer; Gaskell, 2002), document analysis and bibliographic research (Flick, 2023). Intersectionality (Crenshaw, 1991; Collins; Bilge, 2020), used as an analytical tool, made it possible to identify a recurring pattern: Who were the women who gave birth inside the asylum? The majority were cisgender Black women living in conditions of social vulnerability, occupying subordinate labour positions, and many had been raped prior to their institutionalization. These were the life stories of women confined for long periods. In this sense, the research created a pathway to bring peripheral voices to the centre and to challenge

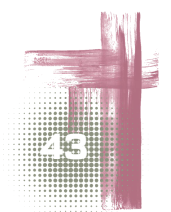
the dominant institutional narrative — a narrative produced by an institution that operated as a “perverse mechanism” (Alves, 2023), generating and reproducing violence against these women.

Keywords: agency, gender, intersectionality, narratives, life stories.

Daniele S. Filgueiras Silva ALVES (Daniele Fil) is a PhD candidate in sociology at

Fluminense Federal University (Niterói, Rio de Janeiro, Brazil). She has master's degree in sociology at Pernambuco Federal University (2023) and degree in theatre education at Bahia

Federal University (2009). Since graduation researching gender and pedagogy of performance art. Her research at postgraduate focuses on maternity, asylum, intersectionality and symbol religious, having been presented at colloquiums and congresses in Brazil, Argentina, Portugal, Spain and United Kingdom. She worked as audio engineer (2009-2015) and lighting designer (2014-2020) for theatre productions, live music concerts and Brazilian festivals. Also worked as a drama teacher (2007-2019) at Brazilian state schools and social projects. Contacto: fillgueiras@gmail.com.



THE APARTMENT AS A CURATORIAL DEVICE: DOMESTIC ART INFRASTRUCTURES BETWEEN MOSCOW AND SÃO PAULO

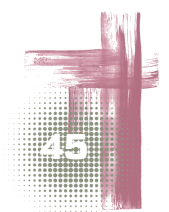
Lais Rabello de ANDRADE, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, Faculdade de Belas Arte da Universidade do Porto, Portugal

Abstract

During the late Cold War and the transition from authoritarian regimes to new cultural economies, artists in different geopolitical contexts developed exhibition formats that operated outside institutional infrastructures. This paper proposes a comparative analysis between APTART apartment exhibitions in Moscow in the early 1980s and artist-organised exhibitions in domestic spaces in São Paulo during the 1980s and early 1990s, particularly in the neighbourhood of Vila Madalena and in the city centre. APTART transformed private apartments into temporary exhibition sites where artworks occupied domestic spaces such as living rooms, kitchens and corridors. These exhibitions functioned simultaneously as homes, galleries and meeting places for artistic communities operating outside the official Soviet cultural system. Rather than simply substituting institutional venues, these apartment exhibitions created an alternative curatorial ecology based on proximity, collaboration and informal networks. In São Paulo, a different but structurally comparable phenomenon emerged in the aftermath of the Brazilian military dictatorship. Artists increasingly organised exhibitions, gatherings and experimental presentations in apartments, studios and houses, especially in emerging artistic neighbourhoods such as Vila Madalena. These spaces operated as informal nodes of artistic exchange, allowing artists to experiment with formats that blurred the boundaries between exhibition, social encounter and collective production. This paper proposes to interpret these practices as domestic curatorial infrastructures, where the apartment functions not merely as a substitute exhibition venue but as a curatorial device that shapes forms of artistic sociability, circulation and knowledge production. By comparing these practices across Moscow and São Paulo, the paper argues that apartment exhibitions can be understood as micro-institutions of artistic experimentation, where curatorial practices emerge from everyday spatial conditions and networks of friendship. This perspective contributes to broader discussions on independent art infrastructures, underground cultural ecologies and the role of domestic space in the formation of artistic publics.

Keywords: apartment exhibitions, domestic infrastructures, independent art spaces, underground art networks, curatorial practices.

Lais Rabello de ANDRADE is a researcher in the areas of History of Exhibitions, Theory and Criticism of Contemporary Art. She is currently developing a PhD project in Art Education at the Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP), hosted by i2ADS, with support from the Foundation for Science and Technology (FCT). Collaborating researcher of the Extreme Sites project, hosted by the Arnaldo Araújo Study Center (CEAA) at the Escola Superior Artística do Porto (ESAP). Master in Art Studies: Theory and Criticism of Art (FBAUP). Specialists in Art: Criticism and Curatorship from the Pontifical Catholic University of São Paulo (COGEAE, PUC-SP). Bachelor of Philosophy (PUC-SP). Bachelor in Art Education: with a specialization in Visual Arts from Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, São Paulo). Contact: lais.rabell@gmail.com.



UM BARULHO QUE DESCOLONIZA! INSURGÊNCIAS ESTÉTICO-POLÍTICAS NO NORDESTE BRASILEIRO

João Batista de Menezes BITTENCOURT, Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Essa comunicação tem por objetivo pensar a relação entre punk e decolonialidade a partir das vivências e experimentações estético-sonoras abraçadas por jovens adeptos do estilo de vida em algumas cidades do Nordeste brasileiro. Quando aproximamos o punk das epistemologias decoloniais temos a possibilidade de revistar o papel das margens, dos corpos e das vozes que se insurgem contra as diferentes formas de opressão. A visão preconceituosa que classifica o nordeste como uma região pobre, eminentemente rural, atrasada e subdesenvolvida, colocou obstáculos ao reconhecimento das produções culturais globalizantes surgidas na região, como foi o caso do punk. Desse modo, pensar a relação entre punk e decolonialidade a partir do nordeste, sugere uma dupla ruptura. É preciso relocalizar o punk epistemicamente em relação a produção hegemônica que se volta para a Inglaterra e os Estados Unidos, mas também posicioná-lo em relação a produção hegemônica brasileira que enxerga o punk especificamente à partir de São Paulo. É inegável que as referências simbólicas das cenas britânicas, estadunidenses e paulistanas influenciaram consideravelmente a produção musical e estética do punk na região nordeste, porém, essas referências foram tensionadas e ressignificadas a partir das vivências e experiências dos atores nos seus diversos territórios de origem. A discussão sobre hibridização cultural do pensador indiano Homi K. Bhabha e a crítica desenvolvida pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall a respeito da fixidez identitária, são aspectos centrais na reflexão proposta. Os dados empíricos que embasam a discussão foram extraídos de análise documental e entrevistas realizadas com pessoas ligadas as cenas punks das distintas capitais do nordeste. Alargar a compreensão do punk para além de uma manifestação cultural nos permite ver outras aproximações entre tal filosofia de vida com os processos de subjetivação e as formas de resistência desenvolvida em contextos coloniais e periféricos.

Palavras-chave: punk, decolonialidade, Brasil, hibridização cultural, fixidez identitária.

João Batista de Menezes BITTENCOURT é Doutor em Ciências Sociais, Docente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Alagoas, Coordenador do LABJUVE - Laboratório das Juventudes, Coordenador da Punk Scholars Network Brasil e Membro-fundador da REAJ - Rede de Estudos e Pesquisas sobre ações e experiências juvenis. Atualmente é Investigador de Pós-Doutoramento no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, sob a supervisão da Profa. Paula Guerra. Contacto: joao.bittencourt@ics.ufal.br.



FROM SOUNDSCAPE REMIX TO GRAPHIC ECOLOGY: MULTIMODAL. ENVIRONMENTAL ETHNOGRAPHY IN THE ANTHROPOCENE

**Guillermo de Llera BLANES, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal**

Abstract

This paper presents the development of a multimodal environmental ethnography that began as an academic exploration of Everest soundscapes and has since evolved into a completed graphic novel and a companion music album. Building on my previous COMbART 2025 presentation on visualizing ethnography, I revisit a trek to Everest Base Camp not as a travel narrative, but as a situated encounter with a Himalayan environment increasingly shaped by touristification, ecological fragility, and the sensory contradictions of the Anthropocene. The project's first stage took the form of an ethno-artistic essay that combined field recordings, notes, photographs, video, and personal experience through what I termed soundscape remix. That earlier work engaged directly with soundscape ecology, ecomusicology, and the Anthropocene, using artistic reinterpretation to document and reflect upon environmental change in the Everest region. It also examined the shifting balance between geophonies, biophonies, and anthrophonies in a landscape increasingly marked by tourism, noise, and broader anthropogenic pressure.

The present paper focuses on the next stage of that inquiry: the transformation of the original research into "Confessions - Inner Reflections Outer Inflections", a completed graphic narrative, and into an album of music derived from the same experiential and documentary audiovisual archive recorded during the trek. I argue that these are not secondary or merely illustrative outputs. Rather, they extend ethnographic research itself. Through drawing, sequencing, pacing, montage, and sonic recomposition, they render perceptible dimensions of field experience that academic prose often compresses: bodily strain, temporal dilation, acoustic saturation, inner reflection, ecological unease, and the ethical discomfort of participating in the very tourist infrastructures one seeks to critique. In this sense, remix operates not only as an artistic procedure but as a methodological principle of continuity, return, and transformation. I use the term graphic ecology to describe this movement from soundscape remix toward a broader multimodal environmental ethnography in which landscape is not simply represented, but critically recomposed across media. The Himalayas thus emerge not as untouched wilderness, but as a contested acoustic, visual, and affective field shaped by aspiration, devotion, mobility, labor, capital, exhaustion, and ecological change. The project proposes that artistic research can do more than illustrate environmental crisis after the fact: it can produce ecological understanding through sensory form, creating new ways of seeing, hearing, and feeling the entanglements of environment, tourism, and selfhood. By tracing the passage from academic article to conference presentation to completed graphic novel and album, this paper shows how multimodal artistic practice can function simultaneously as environmental archive, methodological reflection, and critical response to touristification in the Anthropocene.

Keywords: Multimodal Environmental Ethnography, Anthropocene, Touristification, Artistic Research

Guillermo de Llera BLANES é etnomusicólogo, músico, compositor, artista multimédia e investigador sediado em Lisboa. Desenvolve investigação no Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md), na NOVA FCSH, onde concluiu o doutoramento em Etnomusicologia com trabalho centrado em instrumentos musicais híbridos (digitais/tradicionais), remix e práticas performativas contemporâneas. É fundador/CEO da Kaminari Records, membro da banda Primitive Reason e artista independente na área da performance audiovisual e da criação multimédia. Ao longo de mais de três décadas, construiu uma carreira como intérprete multi-instrumentista e compositor, com foco em práticas musicais interculturais e abordagens híbridas à criação sonora. Especializou-se no estudo e na prática de instrumentos de diferentes tradições, incluindo tablas da Índia, percussões da África Ocidental e do Norte, didgeridoo australiano, mukkuri japonês e saz turco, entre outros, com particular atenção à sua tocabilidade. Atualmente, investiga instrumentos musicais digitais (DMIs) e controladores performativos, com destaque para o desenvolvimento da MidiMbira e para a formulação da Playability Theory, explorando as relações entre tradição, tecnologia, remix e novas formas de musicalidade. A partir de uma perspetiva artacadémica, tem publicado sobre controllerism, cultura do remix, inovação instrumental e práticas musicais em contextos interculturais, articulando investigação académica e criação artística, com especial interesse em publicações multimodais. Contacto: yo@guillermodeಲ್ಲera.com.



MENTES À MARGEM: NEURODIVERSIDADE E CIDADANIA CRIATIVA EM CONTEXTOS DESIGUAIS

José BOLA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Nas últimas duas décadas, a neurodiversidade tem emergido como linguagem política, cultural e identitária para reivindicar reconhecimento da diferença cognitiva. Contudo, muitas abordagens tendem a privilegiar quer explicações biomédicas, quer narrativas identitárias, deixando menos exploradas as estruturas sociais que produzem desigualdade. Esta comunicação propõe analisar a neurodiversidade a partir de uma perspetiva sociológica das desigualdades, articulando o quadro analítico de Göran Therborn, que distingue desigualdades vitais, existenciais e de recursos, com a análise da marginalização institucional desenvolvida por Loïc Wacquant. Argumentamos que diferenças neurológicas se transformam em desigualdades sociais através de instituições e regimes de normalidade que regulam formas legítimas de aprender, comunicar e trabalhar. Simultaneamente, observamos que comunidades neurodivergentes têm produzido práticas culturais e criativas que funcionam como formas de autorrepresentação e intervenção pública. Através de expressões culturais vernaculares, como arte digital, escrita autobiográfica ou produção cultural independente, emergem espaços de cidadania cultural que desafiam regimes

normativos de inclusão e exclusão. Ao articular sociologia das desigualdades e produção cultural contemporânea, esta comunicação procura contribuir para o debate da neurodiversidade enquanto fenómeno social, político e cultural.

Palavras-chave: Neurodiversidade, desigualdades sociais, marginalização institucional, práticas culturais criativas.

Referências bibliográficas

- Becker, H. (2010). *Mundos da Arte* (Luís San Payo Trad.). Livros Horizonte. (Obra original publicada em 1982).
- Butcher, L. & Lane, S. (2025). Neurodivergent (Autism and ADHD) student experiences of access and inclusion in higher education: an ecological systems theory perspective. *Higher Education*, 90, 243-263. <https://doi.org/10.1007/s10734-024-01319-6>.
- Crossley, N. (2009). *Networks of Sound, Style and Subversion*. Manchester University Press.
- Dwyer, P. (2022). The Neurodiversity Approach(es): What Are They and What Do They Mean for Researchers? *Human Development*, 66, 73-92.
- Fraser, N. (2000). Rethinking recognition. *New Left Review*, 3, 107-120.

Hesmondhalgh, D. (2013). *The Cultural Industries* (3rd Edition). Sage.

Hodkinson, P. (2002). *Goth: Identity, Style and Subculture*. Berg.

Isacoff, N., Urosevic, T., Imanova, S., Varma, V., Kis-Herczegh, P., Toner, S. & Le Cunff, A. (2026). Neurodiversity: Integrating evolutionary, philosophical, and sociocultural perspectives. *Research in Autism*, 131

Jones, E., & Orchard, V. (2024). Neurodiversity and disability: what is at stake? *Medical Humanities*, 50, 456-465. <https://doi.org/10.1136/medhum-2023-012808>

Milton D. (2012). On the ontological status of autism: The 'double empathy problem'. *Disability & Society*, 27(6), 883-887.

Silberman, S. (2015). *Neurotribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*. Avery, New York. <https://doi.org/10.1353/anq.2015.0057>

Singer, J. (2016). *NeuroDiversity: The birth of an idea*. Kindle.

Therborn, G. (2013). *The Killing Fields of Inequality*. Polity Press.

Wacquant, L. (2008). *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*. Polity Press.

Wacquant, L. (2009). *Punishing the Poor: The Neoliberal Government of Social Insecurity*. Duke University Press.

José BOLA é Mestre em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e possui um curso de especialização em Educação e Formação pela Universidade de Aveiro. Atualmente, é doutorando em Sociologia na FLUP, estando particularmente interessado em investigar a neurodiversidade através de um prisma sociológico. As suas áreas de interesse incluem também as teorias do conflito social moderno e a produção social de identidades, procurando desenvolver competências metodológicas robustas, diferenciadas e multidisciplinares. Contacto: up202300280@edu.letras.up.pt.



CORPOGRAFIA COMO PEDAGOGIA CONTRACOLONIAL: COCRIAÇÃO COMUNITÁRIA E PRESENÇA NEGRA NA CIDADE DO PORTO

Rafael CAMPOS, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Silvana PEREIRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Caterina V. ARAYA, Artista Independente, Portugal

Resumo

“Conheço a cidade como a sola do meu pé (...) Como os cegos, conheço o labirinto por pisá-lo, por tê-lo de cor na ponta dos pés (...) Conheço a cidade toda (a mínima dobra, retas, cada borda, curvas) e nela – à custa de me perder – me reconheço.” (Aleixo, 2012). No poema de Aleixo a cidade é metáfora do corpo, território de produção de identidade e autorreflexão. A rua torna-se uma casa expandida, espaço de encontros e pulsão da vida. Segundo ele, escrever é uma forma de conhecer a si mesmo, enquanto performar é a corporeidade desse processo. Na videoperformance “Meu Negro” (Motta & Aleixo, 2021), o corpo do artista, no topo de um edifício, funde-se ao poemato, é receptáculo e criador. A poesia reconstrói-se pela corporificação da palavra, do movimento e da cidade, criando uma corpografia que desafia as categorias historicamente construídas de sujeito e objeto, afirmando liberdade e autodeterminação dos povos não-brancos.

Com base nisso, indagamos: como a corpografia pode auxiliar em processos artístico-pedagógicos de problematização da cidade e identidades negras? Quais são suas contribuições para a descolonização do pensamento e da cidade? Como evidenciar presenças e ausências da negritude no território urbano? Apresentamos o caso do projeto CEP: Corpografias Escreviventes Pretuguesas, uma iniciativa contracolonial de cocriação comunitária organizada por e para pessoas negras da cidade do Porto. Idealizado por Rafael Campos e com a participação das artistas Silvana Pereira e Caterina Araya (dentre outros), o projeto integrou o programa Cultura em Expansão, da Ágora – Cultura e Desporto do Porto, 2025, em coprodução com a Casa Odara. A iniciativa reuniu artistas de diferentes áreas em um processo transdisciplinar de cocriação artístico-pedagógica voltado à reflexão sobre identidades e espaço urbano. A metodologia consistiu na criação de processos coletivos que articularam escrituras (Evaristo, 1996) e corpografias para investigar a presença e ausência da negritude na identidade e no espaço urbano do Porto. Como resultado, realizamos três eventos públicos e uma exposição e uma publicação física e digital, visibilizando corpos, palavras e territórios negros. A experiência possibilitou processos de experimentação artística e a criação de um espaço de representação e acolhimento

para artistas negros e imigrantes. Ao ocupar territórios simbólicos — como a Universidade (FBAUP/UPTec), galerias de arte e as ruas — o projeto evidenciou uma centralidade negra que se opõe ao imaginário de marginalização dessas existências. Existem diferentes formulações do conceito de corpografia mobilizados por autoras e autores (Britto, 2008; Jacques, 2008; Campos, 2024; Campos, 2023; Freire, 2019; Silva, 2020) para pensar as relações entre corpo e cidade, texto e memória. Nós a entendemos como uma estratégia de cartografar a cidade com e no corpo, criando espaços de reflexão das colonialidades (Quijano, 2005) e evidenciando a escala humana e identidades plurais frequentemente invisibilizadas na urbe. Apresentamos aqui as contribuições da corpografia como estratégia potente de produção de memória, pertencimento e visibilidade, espacializando identidades afrodiaspóricas no Porto. Ao compartilhar os prazeres e desafios de sermos quem somos, o projeto reforça a potência da arte como catalisadora de reflexão crítica, encontro e reconfiguração simbólica da cidade.

Palavras-chave: Corpografia, Pedagogia Contracolonial, Negritude, Espacialidades Negras, Cartografia Corporal, Cocriação Comunitária.

Referências bibliográficas

- Aleixo, R. (2012). *Labirinto* [Áudio]. Literaturwerkstatt Berlin. <https://www.lyrikline.org/es/poemas/labirinto-8014>
- Britto, F. D. D., & Jacques, P. B. (2008). Cenografias e corpografias urbanas: Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Caderno do PPG-AU – Paisagens do Corpo, Número Especial*, 79–86.
- Campos, R. (2024). Corpografia afetiva na Ilha de Santa Catarina: O rio da bulha e eu. In R. Gonçalves (Org.), *O tempo não pára e no entanto ele nunca envelhece: Ensaios visuais e escritos sobre um corpo na arte e na cidade* (Vol. 1, pp. 33–55). Edição dos autores.
- Campos, R. A. (2023). Corpografias e aparições: A busca por um modo sensível de ler e grafar a cidade no corpo negro e o corpo na cidade negra. In *Anais do 9.º Encontro em Práticas de Investigação e Educação Artística* (EPRAE). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Evaristo, C. (1996). *Literatura negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).
- Freire, I. M. (2019). *Diário corpografias: Aprenda a registrar suas memórias corporais*. Potlach Editora.
- Motta, A., & Aleixo, R. (2021). *Meu Negro* [Videoperformance]. Exibido na ANOZERO'24 Bienal de Coimbra.



Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 117–142). CLACSO. https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

Silva, M. G. (2020). *Entre esquinas, escadarias e encruzilhadas: Corpografias negras urbanas* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/221663>

Rafael CAMPOS é doutorando em educação artística pela FBAUP. É mestre em arquitetura pela UFSC e atualmente é bolseiro da FCT (DOI 10.54499/2023.04734.BD) em Portugal, pesquisador colaborador no Instituto de Investigação em Arte e Design (i2ADS). Contacto: arqrafaelcampos@gmail.com.

Silvana PEREIRA é atriz, produtora cultural e investigadora nas áreas da arte, comunicação e intervenção social. Natural de Cabo Verde e residente no Porto, desenvolve projetos que promovem o diálogo intercultural, a inclusão social e a valorização da cultura cabo-verdiana. Mestre em Marketing pela Universidade da Maia e licenciada em Relações Públicas e Secretariado Executivo pela Universidade de Cabo Verde, alia a prática artística à produção cultural e à reflexão sobre temas como imigração, identidade, racismo e género. É criadora do projeto Vapor di Imigrason, um evento que celebra a independência de Cabo Verde na cidade do Porto, promovendo o encontro entre culturas através da arte, do empreendedorismo e da participação comunitária. Contacto: pereirasilvana376@gmail.com

Caterina V. ARAYA é uma investigadora independente e profissional cultural multidisciplinar que reside no Porto desde 2024. É mestre em Urbanismo Crítico pela Universidade de Basileia, onde a sua tese, intitulada «Radicalismo Negro no Porto: Da Exposição Colonial Portuguesa às Intervenções Urbanas Contemporâneas», explorou a relação entre a memória colonial, o espaço público e as intervenções urbanas contemporâneas. O seu trabalho aborda questões relacionadas com a memória e o legado no espaço público, o direito à cidade, a migração e as ecologias descoloniais.



ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DE MULHERES PRETAS NAS ORQUESTRAS SINFÔNICAS DA BAHIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Kailane Oliveira do CARMO, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Resumo

A trajetória de mulheres negras em orquestras sinfônicas na Bahia durante a segunda metade do século XX é marcada por um paradoxo entre a presença artística e o apagamento documental. O estudo fundamenta-se na premissa de que a música de concerto, enquanto instituição de herança colonial e eurocêntrica, opera mecanismos persistentes de invisibilização de corpos negros e femininos. Esta dinâmica resulta na produção de assimetrias profundas nos acervos e bibliografias oficiais, onde a presença de musicistas negras é frequentemente omitida ou relegada à marginalidade. O contexto da pesquisa centra-se na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (EMUS/UFBA) e na Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA), utilizando como ponto de partida a trajetória da violinista Neide Santos, primeira violinista negra da OSBA. A metodologia fundamenta-se na História Oral e no cruzamento de dados documentais (programas de concerto e arquivos institucionais), sob uma perspectiva teórica interseccional e decolonial. Este cruzamento permitiu identificar que, embora a documentação oficial omita marcadores étnico-raciais, a memória viva revela a presença singular de musicistas negras que desafiaram as estruturas de poder locais. Os objetivos incluem o mapeamento de trajetórias invisibilizadas e a análise de como gênero e raça condicionam o acesso e a permanência nos espaços sinfônicos. Como resultados já alcançados, destaca-se a criação de uma tabela inédita que cataloga a presença feminina na OSBA (1982-1992) e a identificação de Neide Santos como a única mulher negra no período, subvertendo a narrativa de "neutralidade" institucional. A pesquisa conclui que o arquivamento de práticas artísticas através da história oral é um ato de protesto social e uma ferramenta essencial para a descolonização do conhecimento musical, transformando memórias individuais em instrumentos de transformação e justiça histórica. Esta análise é desenvolvida através de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC-AF), "Mulheres (in)comuns: Descortindo experiências, vivências e expressões acadêmicas e culturais" , com financiamento do CNPq, que investiga as tensões entre memória e arquivo no cenário erudito baiano.

Palavras-chave: História Oral, Interseccionalidade, Mulheres Negras, Música de Concerto, Bahia.

Kailane Oliveira do CARMO (Universidade Federal da Bahia - UFBA) é estudante de Licenciatura em História na Universidade Federal da Bahia, atua na interseção entre pesquisa histórica, práticas artísticas e produção cultural. É pesquisadora de Iniciação Científica focada em gênero e raça na música de concerto baiana. Como musicista, integra a Orquestra Ilú Obirim, como integrante do NEOJIBA participou da Turnê da Liberdade Norte-Nordeste (2023) e da Academia de Orquestras Latino-americanas (Chile, 2024). É membro-fundadora do Young Artist Club no Academy For Impact Through Music (AIM), onde colabora na formação de lideranças globais para o combate às desigualdades sociais através da educação musical. Com formação em produção cultural pelo Teatro Escola, atuou em projetos incentivados na Bahia. É também poetisa com publicações em coletâneas literárias. Contato: kailanecarmo@ufba.br.



CULTURA, AGRONEGÓCIO E POLÍTICA: MÚSICA SERTANEJA CONTEMPORÂNEA E EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

Caique CARVALHO, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Resumo

Este trabalho analisa as relações entre a música sertaneja contemporânea e a política no Brasil (2018-2026), com ênfase no contexto recente de ascensão do bolsonarismo, da extrema-direita e suas reverberações na estabilidade democrática. Parte-se do pressuposto de que a produção cultural não é neutra, mas atravessada por relações de poder, interesses econômicos e disputas ideológicas. Nesse sentido, com base em autores como Theodor Adorno e Fredric Jameson, investiga-se como o sertanejo, enquanto gênero musical dominante no mercado brasileiro, articula-se com setores do agronegócio e com projetos políticos específicos, operando não apenas como produto cultural, mas como dispositivo estético-político que participa da construção do “real”. O estudo situa historicamente o desenvolvimento do gênero, destacando a transição de uma música caipira ligada às experiências do campesinato para uma indústria cultural altamente profissionalizada e integrada ao mercado. Paralelamente, ocorreram transformações estéticas que remodelam a representação do mundo rural-urbano, produzindo novas formas de identificação, pertencimento e imaginário social. Essa reconfiguração estética ocorre simultaneamente à consolidação de espaços de circulação específicos, como rodeios e feiras agropecuárias, que operam como arenas híbridas de produção cultural, sociabilidade e mobilização política. Tais espaços podem ser compreendidos como formas contemporâneas de reconfiguração do espaço público, nas quais práticas culturais e performances musicais se articulam a processos de construção de consensos e formas de participação política, ainda que marcadas por forte assimetria de poder. Do ponto de vista metodológico, o trabalho se baseia na análise de conteúdo de canções e performances, articulada à revisão bibliográfica e à análise crítica de discursos e posicionamentos públicos de artistas. Além disso, considera-se o papel das estruturas empresariais que organizam o setor, como escritórios de agenciamento e produção, na definição das direções estéticas e políticas do gênero, evidenciando a imbricação entre indústria cultural e projetos de poder. Como resultados, argumenta-se que a música sertaneja contemporânea

funciona como um dispositivo de legitimação simbólica de determinados interesses econômicos e políticos, especialmente aqueles vinculados ao agronegócio, ao mesmo tempo em que contribui para a produção de representações que naturalizam determinadas visões de mundo e formas de participação política. A dependência estrutural do gênero em relação a esses setores contribui para a conformação de posicionamentos políticos relativamente homogêneos entre seus principais representantes, limitando a emergência de dissensos internos. Assim, o sertanejo não apenas reflete, mas participa ativamente da construção de consensos políticos e da reconfiguração do espaço público no Brasil contemporâneo, evidenciando os vínculos entre estética, poder e democracia.

Palavras-chave: Música Sertaneja, Bolsonarismo, Indústria Cultural, Agronegócio, Democracia.

Caique CARVALHO é licenciado em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Ciências Sociais pela mesma instituição e doutorando em Ciências Sociais (UFBA). Atua como pesquisador nas áreas de sociologia da arte e cultura. Autor de Sertanejo universitário, agronegócio e indústria cultural (Ed. Telha, 2026). Contacto: caiquecarvalho6@gmail.com.



EXPERIÊNCIA CRIATIVA E SUBJETIVAÇÃO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE: O ENGAJAMENTO ARTÍSTICO COMO ESPAÇO INTERCALAR DA AÇÃO

José Maria CARVALHO, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal

Resumo

Nas últimas décadas, as práticas artísticas têm vindo a adquirir uma centralidade crescente no interior de instituições orientadas para a reabilitação e inclusão social, sendo frequentemente mobilizadas como dispositivos de capacitação, participação e reconhecimento. Partindo deste enquadramento, a presente comunicação analisa a experiência criativa artística como uma modalidade específica de engajamento na ação e como um processo de subjetivação situado, desenvolvido em contextos de institucionalização marcados pela vulnerabilidade. O estudo baseia-se numa investigação etnográfica realizada no Centro de Apoio Social do Pisão, onde funciona um atelier de pintura frequentado por pessoas com doença mental severa, e no Estabelecimento Prisional do Linhó, no âmbito do projeto de dança contemporânea CORPOEMCADEIA. A partir de uma perspetiva ancorada nas sociologias pragmáticas, em particular no modelo dos regimes de engajamento, e em diálogo com contributos fenomenológicos e hermenêuticos, a análise incide nas situações concretas em que os participantes se envolvem na criação artística, privilegiando a relação prática estabelecida com o meio, com os outros e consigo próprios. Argumenta-se que o engajamento criativo artístico configura um modo de coordenação da ação com características próprias, assente numa articulação sensório-percetiva, afetiva e rítmica com o ambiente, que não é redutível aos formatos institucionais que o enquadram. Neste sentido, as práticas artísticas observadas funcionam como espaços intercalares da ação, nos quais se tornam possíveis modalidades de subjetivação que excedem as gramáticas dominantes do trabalho institucional. A expressividade emerge como bem moral orientador da ação, sustentando formas de reconhecimento, imputabilidade e responsabilização que permitem aos participantes constituírem-se como autores das suas obras e, simultaneamente, como sujeitos capazes. Os resultados evidenciam que, em contextos onde a participação no comum se encontra frequentemente condicionada, a experiência criativa artística possibilita a emergência de formas situadas de cidadania sensível, baseadas na co-presença, na reciprocidade e na produção de um mundo partilhado. Ao mesmo tempo, mostram que esta experiência depende de composições plurais e precárias com outros regimes de engajamento, revelando tanto as potencialidades como os limites das práticas artísticas no interior das instituições. Ao conceber a criação artística como uma ecologia relacional que articula corpos, materiais, afetos e dispositivos institucionais, a comunicação contribui para a reflexão sobre o papel das práticas artísticas na produção de modos de existência mais inclusivos e sustentáveis, sublinhando a sua relevância enquanto laboratórios de imaginação social e política em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: experiência criativa artística; subjetivação; engajamento; vulnerabilidade; sociologia pragmática.

José Maria CARVALHO é Professor Adjunto Convidado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre e investigador integrado no CARE – Centro de Investigação em Saúde e Ciências Sociais, sendo também investigador colaborador no CICS.NOVA (polo da Universidade de Évora). Doutorado em Sociologia pelo programa interuniversitário OpenSoc, desenvolve investigação no quadro das sociologias pragmáticas, centrando-se na criação artística, nos processos de subjetivação, no cuidado e na intervenção social em contextos institucionais de vulnerabilidade. Realizou trabalho etnográfico prolongado em contextos psiquiátricos e prisionais e publicou em revistas como *Análise Social*, *Tempo Social* e *Dilemas*. É investigador responsável pelo projeto financiado “Memória que Cuida: Património Imaterial, Saúde Mental e Resiliência Comunitária” e integra redes de investigação nacionais e internacionais nas áreas da sociologia das artes, da saúde e da inclusão social. Contacto: carvalhoze10@hotmail.com.



DIAS MULHERES VIRÃO: EXPRESSÕES COLETIVAS E CANTADAS DE HISTÓRIAS, VIDAS E TRABALHOS

Vanessa Ribeiro Simon CAVALCANTI, Universidade Federal da Bahia, Brasil, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Algarve, Portugal

Resumo

As “novas velhas” são integrantes de coros e grupos etnográficos na Península Ibérica, revelando memórias e experiências coletivas entre mulheres. A vida cotidiana e as manifestações de ciclos das vidas e vinculadas às culturas locais/regionais foram transcritas, cantadas, recitadas por mulheres espontaneamente sejam a partir de atividades domésticas ou afazeres agrícolas, manifestações culturais-religiosas e transmissão intergeracional de processos artesanais. Essa comunicação tem como objetivo descrever e assinalar algumas manifestações do cancionário feminino do Brasil e Portugal com a demarcação dos séculos XX e XXI. A abordagem metodológica inscreve-se na recolha de material escrito, oral e audiovisual, valorizando a base documental já existente e a criação de bancos de dados das Humanidades Digitais (preservação de memórias e construção de acervos inéditos), cujas categorias estejam vinculadas aos aspectos relacionais com a Natureza (ciclos, agricultura e artesanato, meios de produção e modos de vida). Com uso amplo de difusão e divulgação de saberes, preservando questões éticas de investigação e reconhecimento de domínio público, serão nomeadas e identificadas pessoas e instituições culturais. Conhecer, conviver, transformar aspectos identitários e de reconhecimento a partir de manifestações culturais e históricas é o eixo que conduzirá essa proposta.

Palavras-chave: Mulheres, Ciclos, Meios de produção, Música.

Vanessa Ribeiro Simon CAVALCANTI é historiadora e professora universitária. Doutorado em Direitos Humanos e Relações Internacionais pela Universidade de León (Espanha), com pós-doutoramento nas Universidade de Salamanca e Universidade de Coimbra. Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e no Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Algarve (Portugal). Contacto: vanessa.cavalcanti@ufba.br.



QUEM INVADE QUEM? PLANTAS, CORPOS E O LÉXICO DA AMEAÇA

Hanna de Oliveira COELHO, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Este trabalho investiga de que modo determinadas categorias linguísticas, especificamente termos como “espécie invasora”, “praga” ou “exótica”, estruturam a forma como percebemos, classificamos e intervimos sobre organismos vegetais e, por extensão, sobre corpos humanos em deslocamento. A partir de uma análise crítica da linguagem, o estudo parte da hipótese de que tais termos não operam apenas como descrições neutras de fenómenos ecológicos, mas como dispositivos discursivos que produzem regimes de interpretação, legitimando práticas de controlo, exclusão e erradicação. Assim, o artigo procura deslocar o debate sobre espécies classificadas como invasoras do campo exclusivamente biológico para uma reflexão que articula arte contemporânea, teoria crítica e história colonial. A reflexão é desenvolvida a partir do diálogo entre duas obras artísticas: *Praga Regada* (2020), curta-metragem de Tomás Abreu, e *Seeds of Change* (1999–), projeto artístico de longa duração de Maria Thereza Alves. Ambas as obras operam como dispositivos sensíveis capazes de revelar as camadas históricas e políticas ocultadas pelo léxico da ameaça frequentemente associado às plantas deslocadas. Em *Praga Regada*, o filme acompanha o percurso de uma inflorescência seca de erva-das-pampas (*Cortaderia selloana*), conduzida pelo vento ao longo de aproximadamente quarenta quilómetros entre o Porto e Guimarães. Através de uma observação silenciosa e de ritmo lento, o trabalho suspende o julgamento moral normalmente associado às chamadas espécies invasoras, permitindo observar a planta como um corpo em trânsito que atravessa paisagens urbanas e infraestruturas humanas. Por sua vez, *Seeds of Change* investiga a chamada ballast flora, plantas que germinaram a partir de sementes transportadas involuntariamente nos solos de lastro dos navios coloniais. Ao cultivar essas espécies em jardins experimentais em diferentes cidades portuárias, Maria Thereza Alves transforma o fenómeno botânico num arquivo vivo da história colonial, evidenciando como processos de circulação global, comércio e exploração moldaram as paisagens ecológicas contemporâneas. As plantas, frequentemente classificadas como invasoras, revelam-se assim testemunhas materiais de processos históricos que ligam colonização, mobilidade e transformação ambiental. O estudo articula essas obras com contributos teóricos de Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Giorgio Agamben e Marc Augé, procurando compreender como a linguagem participa na produção de regimes de verdade e na legitimação de determinadas formas de ação sobre o mundo. Nomear uma planta como “praga” ou “invasora” constitui um ato performativo que orienta práticas concretas de erradicação e gestão ambiental, deslocando frequentemente para o organismo vegetal a responsabilidade por desequilíbrios produzidos historicamente por decisões humanas, económicas e coloniais. Ao aproximar o discurso ecológico das retóricas contemporâneas sobre imigração, o trabalho evidencia paralelos entre a forma como plantas e corpos humanos são frequentemente

descritos como ameaças ao território. Em ambos os casos, o vocabulário da invasão opera como mecanismo de deslocamento da responsabilidade histórica, transformando sujeitos e organismos em problemas a gerir. A pergunta que atravessa a análise — “quem invade quem?” — funciona menos como uma resposta definitiva e mais como gesto crítico capaz de expor as estruturas históricas e discursivas que moldam as nossas perceções sobre pertencimento, deslocamento e território. Ao explorar as interseções entre arte, ecologia e política, esta investigação contribui para o debate sobre eco-sensibilidades nas práticas artísticas contemporâneas, propondo que as obras analisadas não apenas representam questões ecológicas, mas reconfiguram os modos de compreender as relações entre natureza, história e linguagem.

Palavras-chave: espécies invasoras, arte contemporânea, colonialismo, ecologia política, linguagem.

Hanna de Oliveira COELHO é artista visual e investigadora em arte contemporânea. Atualmente frequenta o Mestrado em Estudos de Arte na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), onde desenvolve investigações na intersecção entre arte, ecologia, linguagem e crítica cultural. A sua prática e investigação articulam teoria crítica, história da arte e práticas artísticas contemporâneas, com especial interesse nas relações entre natureza, território, memória colonial e processos de nomeação. Paralelamente, desenvolve trabalhos em artes têxteis e projetos artísticos que exploram materialidades, processos ecológicos e saberes tradicionais. Os seus interesses de investigação incluem ecologias da arte, arte contemporânea, práticas artísticas críticas e relações entre arte, política e ambiente. Contacto: hannaoliveiracoelho@gmail.com.



DA TINTA À MOBILIZAÇÃO: O RECENTE ARTIVISMO DAS CHARGES BRASILEIRAS

Carlos CONTENTE, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Resumo

“Levantes”, palavra que mais tarde seria usada como título de uma importante exposição de Georges Didi-Huberman, tornou-se o slogan em várias cidades do Sul e do Norte globais. Do Occupy Wall Street ao Occupy Tahrir Square e ao Occupy Rio, multidões tomaram as ruas. Pintados nas paredes e segurados nas mãos dos manifestantes egípcios, os desenhos eram de um cartunista da classe média baixa do Rio de Janeiro, proveniente da imprensa sindical, Carlos Latuff. Suas duas décadas de apoio à causa palestina, seu ativismo pela internet livre e sua disposição em ser copyleft fizeram com que seus desenhos fossem reproduzidos globalmente, superando as barreiras linguísticas. Além disso, com o surgimento do movimento feminista um pouco mais tarde, novas cartunistas entraram em cena, contando não tanto com o desenho, mas com meios digitais de produção de imagens. Paula Villar surgiu durante o período da pandemia usando o humor contra as grandes empresas de tecnologia; em poucos anos, seus desenhos foram reproduzidos em projeções de luz nas paredes de prédios em São Paulo. Cartunistas políticos e jornalistas sindicais da velha guarda, do início dos anos 80, se reinventam: Renato Aroeira e a equipe do Brasil de Fato/RS criam Niara, uma personagem negra cujo objetivo é popularizar questões como a tributação de grandes fortunas. Será que o toque rebelde do traço à nanquim está de volta? Será que essa expressão, que poderia ter ficado para trás na mídia impressa do século XX, se reinventou? Como esses criadores colocam suas ideias em prática? Carlos Contente recorre a uma mistura teórica heterodoxa de W. Benjamin, Jeffrey Alexander e Gramsci para tentar responder a essas perguntas. A metodologia da pesquisa se dá através de entrevistas não estruturadas e o acompanhamento da trajetória recente dos chargistas.

Palavras-chave: charge, sociologia da arte, mobilizações.

Carlos CONTENTE vive e trabalha no Rio de Janeiro, é artista visual e doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (Niterói/Brasil). Desenvolve uma prática incluindo desenhos de linhas finas com formas e personagens em repetição, referências à arte contemporânea, temas eróticos e motivos pop, combinados com texto para se tornarem pequenas alfinetadas no sistema. Em sociologia pesquisa chargistas e manifestantes performáticos que são “abraçados” por um público mais amplo que toma parte em manifestações de rua. Contacto: carloscontente@id.uff.br



ARTE URBANA: É PRECISO INSTITUCIONALIZAR PARA LEGITIMAR?

Leiry CORDEIRO, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

A mudança de percepção quando a arte sai da rua e entra na instituição revela uma transformação significativa no olhar do público. O que torna essa arte “melhor”? O que faz o público interessar-se pelo artista nesse novo contexto? Por que, muitas vezes, é necessário pagar para ver, em galerias e museus, aquilo que antes estava disponível no espaço público? A arte urbana, quando situada no seu lugar de origem, a rua, é frequentemente ignorada ou desvalorizada. Práticas como o graffiti, uma das vertentes mais presentes deste estilo artístico, ao serem deslocadas para o interior das instituições, passam a provocar um outro tipo de atenção, adquirindo um novo estatuto. Deixa de ser mencionado o nome “graffiti” e a produção passa a ser reconfigurada sob a categoria legitimadora de “Arte”. Essa distinção não é apenas literal, mas profundamente simbólica, refletindo uma mudança na forma como o público atribui valor à obra e ao artista. Nesse sentido, é possível aproximar esta discussão das reflexões de Michel de Certeau em *A Invenção do Cotidiano*, ao pensar o espaço urbano como um campo de disputas entre práticas e formas de controlo. O graffiti, nessa lógica, surge como uma tática, pois tem na sua própria essência a subversão das normas impostas, escapando aos mecanismos formais de controlo. Diante disso, impõe-se uma questão central: a legitimação da arte urbana vem da obra em si ou do sistema que a enquadra? Esse deslocamento pode ser observado a partir de dois estudos de caso que orientam esta reflexão. O primeiro é a trajetória de Jean-Michel Basquiat, que se inicia nas ruas de Nova Iorque, nos anos 1970, quando as suas intervenções ainda não eram reconhecidas como arte. À medida que passa a integrar, por escolha própria, o circuito institucional, a sua produção é incorporada ao universo das galerias e museus, deixando de ser associada ao graffiti pelos críticos de arte, até se consolidar como um dos artistas mais reconhecidos do século XX. Contudo, em entrevistas, o próprio artista afirma a presença marcante do graffiti na sua produção. Esse mesmo movimento pode ser observado, noutro contexto, na exposição *OS GÊMEOS: Segredo* e na sua versão itinerante *Nossos Segredos* (2020–2023), no Brasil, que apresentou uma retrospectiva da vida artística dos irmãos grafiteiros Gustavo e Otávio Pandolfo, reconhecidos internacionalmente como importantes nomes da arte urbana. A mostra, apresentada em algumas das mais importantes instituições culturais da América Latina, como a Pinacoteca de São Paulo e o Instituto Ricardo Brennand, destacou-se como uma das exposições mais visitadas do país. O que atraiu tanto público para dentro dessas instituições museológicas para ver um tipo de arte cuja essência nasce nas ruas, é livre e, muitas vezes, ignorada nos espaços públicos? Talvez o destaque nos meios de comunicação, o “disse-me-disse” entre vizinhos, colegas de trabalho e estudantes, ou mesmo um impulso coletivo de pertença cultural. Na época, não ter visitado a exposição de *Os Gêmeos* causava estranhamento, como se a experiência fosse quase obrigatória para quem desejasse afirmar um certo grau de envolvimento cultural. Apesar de inseridos em contextos e épocas distintas, em ambos

os casos o reconhecimento e o sucesso das trajetórias não se devem exclusivamente à potência das obras, mas também aos espaços que as acolhem e legitimam. Esse movimento da arte urbana das periferias para o mercado de arte de prestígio não apaga a rua, mas reconfigura-a. O que antes era criticado pelo sistema passa a ser por ele consumido e transformado em produto. Ainda assim, mesmo institucionalizada, a arte urbana mantém a essência e a energia das ruas.

Palavras-chave: graffiti; institucionalização; arte urbana; espaço público.

Leiry CORDEIRO é Historiadora da Arte por formação e mestrande em Estudos Museológicos e Curatoriais na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Desenvolve investigação no campo da arte contemporânea, com especial interesse pelas práticas urbanas, em particular o graffiti, analisando as suas relações com o espaço público e os processos de legitimação institucional. O seu percurso articula investigação, prática e produção cultural, através de uma abordagem crítica que procura problematizar os limites entre a rua e as instituições no contexto da arte contemporânea. Ao longo da sua trajetória, participou em diversos projetos de arte urbana como produtora, idealizadora e arte-educadora. É cofundadora da Batalha de Graffiti Recife Street Mangue, uma das poucas iniciativas deste género no Brasil, evidenciando o seu compromisso com a valorização e o fortalecimento de práticas artísticas periféricas, coletivas e socialmente comprometidas. Contacto: Leirylee182@gmail.com.



QUARTAS DO REGGAE - O LUGAR DA MÚSICA, DA FESTA E DO TERRITÓRIO NA CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE E DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Maria Vitória Melo CORDEIRO, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Resumo

Historicamente, o reggae em Pernambuco se desenvolveu por meio de iniciativas independentes, festas, seletores, DJs, bandas e pequenos espaços culturais que atuam como pontos de encontro e circulação dessa música. Nesse contexto, o Zezinbar e a festa das Quartas do Reggae se consolidaram a partir dos anos 1990 como um dos principais espaços de encontro para apreciadores do gênero, funcionando não apenas como local de entretenimento, mas como um ambiente de convivência e compartilhamento cultural e político, sendo principalmente na sua fase inicial um ponto de encontro e articulação do Movimento Negro de Pernambuco. As noites de reggae ali realizadas reúnem diferentes sujeitos, como músicos, seletores, pesquisadores, trabalhadores da cultura, frequentadores habituais, moradores do entorno que encontram na música um meio de expressão coletiva e de construção de vínculos sociais. Desse modo, este trabalho etnográfico tem como objetivo compreender e apresentar como o reggae, enquanto expressão cultural, se insere nas dinâmicas sociais e territoriais de Recife através das "quartas do reggae", evento quinzenal realizado no Zezinbar, espaço de sociabilidade marcado pela música e pela resistência cultural. O estudo aborda o território não apenas como um espaço físico, mas como um campo de disputas simbólicas e de construção de identidades, onde as relações de raça, gênero e classe se entrelaçam, investigando como as práticas musicais e festivas não são apenas manifestações de prazer e lazer, mas atuam como ferramentas de luta política e afirmação de pertencimento, especialmente para os corpos periféricos, racializados e marginalizados. Assim, o estudo propõe, portanto, uma reflexão sobre como espaços de sociabilidade como esse contribuem para a produção de sentido, a negociação de poder e a reestruturação de identidades urbanas dentro do contexto da cultura do reggae. Por fim, a pesquisa se insere em um esforço ainda incipiente de sistematização acadêmica sobre essa cena musical, configurando-se como um dos primeiros estudos dedicados especificamente ao reggae pernambucano, suas dinâmicas culturais e suas formas de organização no território urbano.

Palavras-chave: Reggae, Performance, Território, Identidade Diáspora, Antropologia das festas.

Maria Vitória Melo CORDEIRO é recifense, cantora, compositora, Licenciada em Ciências Sociais (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), mestranda em Antropologia (PPGA/UFPE), arte-educadora, pesquisadora e curadora artística, atua enquanto artista desde 2018 tendo iniciado na poesia marginal e seguindo para produções musicais em 2019. Comunicadora cultural e idealizadora do projeto ZUADA! (@zzzzuada), realiza projetos ligados à pesquisa, curadoria e difusão cultural desde 2024. No âmbito acadêmico, desenvolve pesquisas sobre produção e consumo de música e cultura popular em Pernambuco e sobre futebol e cultura, assim como também nas áreas de arte-educação, educação decolonial, antropologia urbana e antropologia indígena. É responsável pelo desenvolvimento da primeira pesquisa sobre a história do movimento reggae no estado de Pernambuco. Contacto: mariavitoria.cordeiro@ufpe.br.

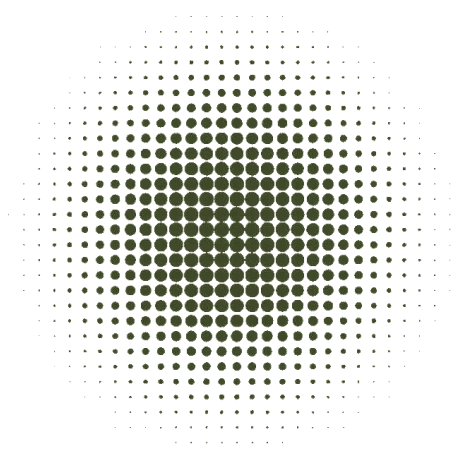


PELE-TERRITÓRIO E ECO-SENSIBILIDADES: CORPO, MEMÓRIA E MATERIALIDADE NA INSTALAÇÃO *NUNCA DEIXOU DE SER RAÍZES*

João Victor CÓSER, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Resumo

Este artigo analisa a instalação *Nunca deixou de ser raízes* como prática artística que reinscreve, no espaço expositivo, um território afetivo atravessado por processos de urbanização e apagamento ambiental, a partir da evocação do mangue de Cocal, no Espírito Santo, Brasil. A pesquisa investiga como a obra opera sem recorrer à representação documental direta, instaurando presença por meio da materialidade, do gesto e da espacialidade. A análise parte da hipótese de que práticas instalativas vinculadas a territórios marcados por processos de transformação ambiental exigem abordagens críticas capazes de ultrapassar tanto a centralidade da experiência sensorial imediata quanto a leitura tradicional do site-specific. Em vez de reconstruir o território como paisagem reconhecível, a instalação mobiliza materiais orgânicos e industriais para produzir um campo sensível no qual memória, corpo e ambiente se articulam em tensão. O enquadramento teórico articula a noção de pele-território, derivada do conceito das “cinco peles” de Friedensreich Hundertwasser, as reflexões de Ailton Krenak sobre ruptura ecológica e pertencimento e a fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty, em diálogo com estudos sobre teoria da instalação e materialidade na arte contemporânea. Nesse contexto, o território deixa de ser compreendido apenas como localização geográfica e passa a ser entendido como um campo relacional, no qual se entrecruzam memória, experiência corporal e transformações ambientais.



Metodologicamente, o artigo combina análise formal e material da instalação com uma leitura situada do território de origem da obra. A investigação evidencia como a materialidade do vermelho — presente na terra e nas redes artesanais — e a inserção de um dispositivo tecnológico mínimo operam como dispositivos sensíveis de memória, instaurando fricções entre organicidade e mediação técnica. Argumenta-se que Nunca deixou de ser raízes instaura uma forma de presença que não se esgota na experiência sensorial imediata, mas emerge como espessura relacional do lugar, na qual se entrecruzam camadas de lembrança, regimes materiais e tensões ecológicas. Ao reinscrever o mangue no espaço institucional da arte, a instalação torna sensíveis processos de apagamento territorial e evidencia o potencial da arte contemporânea como campo crítico de elaboração simbólica das urgências ambientais do Antropoceno e das eco-sensibilidades que atravessam as relações entre humanos, territórios e mundos mais-que-humanos.

Palavras-chave: Instalação, Território, Materialidade, Memória, Ecologia.

João Victor CÓSER é artista queer e pesquisador. Sua prática atravessa a fotografia, o vídeo, a performance, a instalação, o objeto e a escrita poética, tomando o corpo como território simbólico, a memória como matéria e o gesto como dispositivo de escuta e criação compartilhada. É doutorando em Artes pela UFES, integra o coletivo Furtacor e o grupo de pesquisa Nuvem (Núcleo de Visualidades, Espacialidades e Materialidades em Arte Contemporânea) e atua também como arte-educador e curador. Sua pesquisa parte do corpo como arquivo vivo — matéria, símbolo e presença em constante transformação. Contacto: joaocoser.studio@gmail.com.



DA MÚSICA LIGEIRA À MÚSICA DE REIVINDICAÇÃO: O PANDZA COMO INOVAÇÃO E AGÊNCIA JUVENIL NO ECOSSISTEMA MUSICAL DE MAPUTO

Timóteo CUCHE, Universidade de Aveiro, Portugal, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

Resumo

Esta comunicação analisa a emergência e a consolidação do Pandza como um fenómeno de inovação estética e social em Maputo, marcando a transição de um paradigma de "Música Ligeira" para práticas musicais de forte cariz reivindicativo. Partindo de uma análise crítica das categorias taxonómicas instituídas no período pós-independência, discute-se como a juventude urbana de Maputo subverteu as estruturas de produção convencionais através do uso de tecnologias digitais acessíveis e estúdios caseiros. O Pandza, enquanto género híbrido que funde a rítmica da Marrabenta e da Dzukuta com sonoridades eletrónicas contemporâneas, é aqui apresentado como uma manifestação de agência artística que desafia o mercado musical formal. Através de dados etnográficos recolhidos entre 2022 e 2025, demonstra-se como esta inovação juvenil reconfigurou as redes de sociabilidade e os modelos de circulação musical na capital moçambicana, consolidando novas ecologias criativas à margem das instituições estatais.

Palavras-chave: Pandza, Música Ligeira, Música Reivindicativa, Inovação juvenil, Maputo.

Timóteo CUCHE é saxofonista e músico Moçambicano, Assistente Universitário na Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique e doutorando em música (Etnomusicologia), na Universidade de Aveiro, com projeto de pesquisa intitulado, "Práticas musicais, Sociedade e Interações criativas na cidade de Maputo". Integra o Projeto Cultiv'Arte Moçambique. É mestre em música, ramo Etnomusicologia e estudos em música popular pela Universidade de Aveiro - Departamento de Comunicação e Artes, concluiu o MBA - Master of Business Administration - Em Gestão de Projectos em 2014 no Instituto Superior de Gestão, Administração e Educação de Moçambique e a Licenciatura em Música em 2011 na Universidade Eduardo Mondlane - Escola de Comunicação e Artes. É docente, Assistente Universitario na Universidade Eduardo Mondlane. Membro fundador da Associação Moçambicana para Educação e Artes Musicais - SMEAM (2021), do Núcleo de Investigação e Desenvolvimento Cultural de Moçambique - NIDEC (2011) e do Centro de Estudos de Migração Intercultural de Moçambique - CEMIT (2010). Atua na área de Humanidades com ênfase em Artes e Ciências Sociais. Contacto: timoteo.cuche@ua.pt.



REIMAGINING PARENTAL BONDS IN PRISON: INSIGHTS FROM TWO ARTS PROJECTS IN PORTUGAL AND ITALY

Sara Duarte BRANDÃO, Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

Marta REICHLIN, Università Cattolica del Sacro Cuore, Itália

Vicente CONCÍLIO, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Carla MALAFAIA, Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

Abstract

Parentality in prison sits at the intersection of punishment, family rights, and child protection. Frameworks such as the European Convention on Human Rights and the Charter of Fundamental Rights of the European Union emphasize the right to family life and the best interests of the child, encouraging prison systems to maintain parent/child relationships (Council of Europe, 1950, 2018). Ensuring the effective exercise of parental roles in prison remains challenging in practice, despite the existence of protective legal frameworks. Structural constraints — such as limited financial and human resources, overcrowding, and the architectural design of prison facilities — often restrict the availability and quality of family-oriented measures (Condry & Smith, 2018). The paper explores how artistic practices can respond to these challenges (Bernardi, 2004; Cruz, 2019) by presenting two projects, developed respectively in Portugal and Italy, that create spaces of dialogue between detained parents and their children. The first case study is the ongoing doctoral project “Liberdade (in)condicionada: uma investigação participativa de base artística com crianças e jovens filhos/as de reclusos/as” (“Unconditional Freedom: a participatory arts-based research with children and young people of incarcerated parents”), developed in Porto (Portugal). In the first phase of the project, 11 mothers and 23 fathers in detention were interviewed. In the second phase, artistic expression labs are being conducted with children and young people who have incarcerated parents, aiming to understand what kinds of bridges can be built within and beyond the prison context. Simultaneously, several artistic interventions have

already been carried out with incarcerated parents, as well as with parents and their children together. The second case study is represented by the project *Fragili Legami*, developed in the prisons of Brescia (Italy), which aims to strengthen relationships both inside and outside the prison through a theatre-based process. Through a comparative approach, the paper — to be presented by the first and second authors — reflects on how artistic experiences can contribute to the reconfiguration of parental bonds within and beyond prison walls, opening up new spaces for relationality, expression, and affective continuity despite the limits imposed by incarceration. We argue that broadening this dialogue — by placing the Portuguese and Italian contexts in conversation — can foster innovative practices in both countries.

Keywords: Parenthood in Prison, Arts-Based Research, Family Relationships, Participatory Arts.

Referências Bibliográficas

Bernardi, C. (2004). *Teatro sociale. L'arte tra disagio e cura*. Carocci.

Condry, R., & Smith, P. S. (2018). *Prisons, punishment, and the family: Towards a new sociology of punishment?* Oxford University Press.

Council of Europe. (1950). *European Convention on Human Rights (Art. 8: Right to respect for private and family life)*. <https://fra.europa.eu/en/law-reference/european-convention-human-rights-article-8-0>

Council of Europe. (2018). *Recommendation CM/Rec(2018)5 of the Committee of Ministers to member States concerning children with imprisoned parents*. <https://edoc.coe.int/en/children-s-rights/7802-recommendation-cmrec20185-of-the-committee-of-ministers-to-member-states-concerning-children-with-imprisoned-parents.html>

Cruz, H. (Coord.). (2019). *Arte e esperança: Percursos da iniciativa PARTIS 2014–2018*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Sara Duarte BRANDÃO (Porto, 1997). Graduated (2019) in Communication Design at FBAUP; Master (2022) in Literary, Cultural and Interarts Studies at FLUP; Facilitator (2022) in Community Artistic Creation by PELE; PhD student (since 2023) and FCT scholarship holder in Educational Sciences at FPCEUP— CIIE. Co-founder, author and designer at Truz Truz Editora (2020). Author of books such as *Descolonizar o sujeito poético* (2023), Editora Urutau, Honorable Mention in the Glória Sant'Anna Award (2024) and finalist in the National Young Creators Exhibition — Literature (2024); and the novel *Quem tem medo dos santos da casa* (2025), Publicações Dom Quixote, Literary Award Cidade de Almada (2023) and winner of the 2nd edition of the Wook New Authors Award. She integrates projects that cross different artistic areas such as theater, visual arts and literature. Contacto: saraduartebrandao@outlook.com.



Marta REICHLIN is a research fellow in the Department of Communication and Performing Arts at Università Cattolica in Milan, where she earned her PhD with a dissertation entitled *The Impact of Social Theatre Experiences on Health: Possible Evaluation Tools*, developed in collaboration with Università Cattolica (Milan), the Royal Central School of Speech and Drama (London), and the Center for Arts in Medicine (University of Florida). She is currently engaged in studying the impact of artistic—particularly theatre—experiences on health and wellbeing, through projects carried out in various settings, including hospitals, schools, and prisons. Contacto: marta.reichlin@unicatt.it.

Vicente CONCÍLIO is a gay Brazilian theatre practitioner, educator, and researcher from São Paulo, based in Florianópolis since 2008. He is a professor of Performing Arts at UDESC, working across teaching, research, and outreach in arts pedagogy. He holds a BA, MA, and PhD from ECA-USP. His master's research on theatre in prisons was published as *Theatre and Prison: Dilemmas of Artistic Freedom*, and his doctoral work focused on Brechtian pedagogy. He has held key academic leadership roles, including coordinating Pibid (2011–2018) and ABRACE's Pedagogy of Performing Arts working group. Currently, he leads the Observatory of Artistic Practices in Prison, focusing on abolitionist theatre practices and international collaboration. An actor and director, he performs in *Revista Íntima* with La Vaca Company. He also coordinates the postgraduate program in Performing Arts at UDESC. Contacto: viconcilio@gmail.com.

Carla MALAFAIA is Assistant Professor at the Faculty of Psychology and Education Sciences of the University of Porto and is currently Editor-in-Chief of the *European Journal of Cultural and Political Sociology* (EJCPS - published by the MIT Press). She is Principal Investigator of the EDigiPolis Project - "Youth Democratic (Dis)Engagement: Connecting political learning and educational involvement through digital-visual tools" (FCT) and Co-PI of CIVITAS - "Bridging Citizenship and Science for Climate Adaptation in Communities of the Northern Region" (North2030). She is also involved in SYNCRONY (Horizon) and PERICREATIVITY (FCT) Projects. Contacto: carlamalafaia@fpce.up.pt.



CAN THE ARTS SAVE THE SWINGS? A VISUAL AND REFLECTIVE RETURN TO EMBODIED INTERACTIONS SUSTAINING PUBLIC PLACES IN HAVANA.

Ana Laura Escalona DÍAZ, Vrije Universiteit Brussel, Bélgica

Geert VANDERMEERSCHE, Vrije Universiteit Brussel, Bélgica

Aline VERBEKE, Vrije Universiteit Brussel, Bélgica

Jennifer Albín BETANCOURT, Vrije Universiteit Brussel, Bélgica

Hanne DEWINTER, University of Havana, Cuba

Abstract

Public spaces in Cuba force you to confront the rubbish. Landfills can be found in unexpected spots along paths or sidewalks. The streets reflect a crisis that local and national authorities have acknowledged. As reported in the Cuban national press, the crisis was described as a “problem affecting the quality of life and health of the capital’s residents” (Tamayo, 2025). The same outlet identifies multiple causes involving institutional, collective, and individual accountability, from the U.S. embargo, deficiencies in the state waste company’s management, and limited civic responsibility (Aleman & González, 2025). In response, players in the urban and artistic field, such as architects, artists, designers, and cultural organisations, have sought to revitalise these neglected spaces for the benefit of the local community. They aim to create sustainable solutions through creative placemaking initiatives (Courage & McKeown, 2019). This presentation explores how artistic practices contribute to transforming rubbish-filled public spaces into sites of encounter, care, and cultural production. It focuses on the development of Inua Park in Los Pocitos, Marianao (Havana), where a former landfill was reimagined and redesigned as a playground. Using visual documentation and insights from informal conversations, we examine how artistic interventions reshape the material and embodied relationships that constitute place. We argue that embodied interactions are key to how people experience and negotiate urban change, and that sustainable transformation relies on these interactions and on creative practices that make public spaces liveable.

Keywords: Urban Sustainability, Community Engagement, Artistic Interventions, Public Space, Havana.

Ana Laura Escalona DÍAZ is a first-year PhD researcher at the Brussels research centre for Innovation in Learning and Diversity (BILD), Vrije Universiteit Brussel (VUB). With a background in psychology and training in dramatic arts, she has experience in using the arts to support social and emotional development. She completed a Master in Creative Arts in Education at the University of Exeter. Her research focuses on embodiment, participatory arts, and creative placemaking, using qualitative methods. She aims to contribute to increasing exchanges and knowledge on arts practices for social transformation across Global South North contexts. Contacto: Ana.Escalona.Diaz@vub.be.

Geert VANDERMEERSCHE is an associate professor at the Brussels research centre for Innovation in Learning and Diversity (BILD), Vrije Universiteit Brussel (VUB), where he teaches courses on culture and arts education, and youth culture. He researches how digital and urban transformations affect the pedagogy and participation in culture and arts education for young people. Contacto: Geert.Vandermeersche@vub.be.

Aline VERBEKE is a postdoctoral researcher at the Brussels research centre for Innovation in Learning and Diversity (BILD), Vrije Universiteit Brussel (VUB). Her research focuses on the relation between inclusion, disability, and aesthetics in arts practices. Contacto: Aline.Marcelle.Verbeke@vub.be.

Jennifer Albín BETANCOURT is a psychologist, a graduate of the University of Havana, Cuba, where she currently teaches. In her professional practice, she combines psychology with her passion for photography. Her work focuses on establishing guidelines regarding the difference between therapeutic photography and photographic therapy.

Hanne DEWINTER is a postdoctoral researcher at the Brussels research centre for Innovation in Learning and Diversity (BILD), Vrije Universiteit Brussel (VUB). She completed her PhD at Ghent University (UGent), where her research focused on the role of participatory arts practices in relation to urban living. Since October 2024, she has been working on a FWO junior postdoctoral research project (1231825N), exploring how the relationship between arts and their social impacts can be studied beyond the paradigm of participation. Contacto: Hanne.Dewinter@vub.be.



ARTIVISMO TÊXTIL COMO FORMA DE CUIDADO COLETIVO

Daniela Castilho DUARTE, Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha

Resumo

As artes têxteis têm sido usadas por movimentos de reivindicação feminista ao longo da história, e em muitos destes movimentos, destaca-se a realização coletiva desta prática artística. Desde os primeiros anos do século XXI, no contexto da terceira onda feminista e de uma nova revalorização das artes manuais, surgem coletivos urbanos que utilizam o bordado, o crochê e outras técnicas como ferramentas para a organização e a manifestação políticas. Estes coletivos podem ter práticas muito diversas, que vão desde a realização de encontros de bordado em espaços públicos a intervenções urbanas com tricô ou crochê, como no caso do que ficou conhecido como Graffiti Têxtil. Este estudo centra-se em grupos de bordado ativista, que levam esta prática aos ambientes urbanos, bordando coletivamente em locais públicos e participando em ações de protesto. A investigação é baseada na participação ativa em ações coletivas de alguns grupos de bordado, além de entrevistas a participantes de grupos como Linhas de Sampa e Linhas do Horizonte, no Brasil, e Mil Agujas por la Dignidad, de Barcelona, que realiza ações online internacionalmente. Utilizando referentes teóricos da Estética do Cuidado, e bibliografia sobre o Ativismo, e as Artes Têxteis relacionadas ao contexto de reivindicação política, se analisam as ações participativas e performativas destes coletivos. O objetivo é demonstrar como, através destas ações, estes coletivos de arte têxtil não apenas põem em discussão a dualidade público-privada da arte têxtil e do que costumava ser considerado atividade feminina, mas se convertem também em espaços seguros de cuidado mútuo e interdependência. Este estudo se concentra também em como a ação de levar o têxtil aos ambientes públicos e urbanos pode ser uma maneira de atenção e cuidado ao entorno e à comunidade.

Palavras-chave: Ativismo Têxtil, Feminismo, Bordado Coletivo, Cuidado, Espaço Público.

Daniela Castilho DUARTE é artista têxtil e designer brasileira radicada em Barcelona, onde pesquisa artes têxteis contemporâneas. É licenciada em Comunicação Social (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil) e Design de Moda (UNA, Brasil), tem um mestrado em Design Têxtil e de Superfícies (IED Madrid) e um mestrado em Investigação em Arte e Design (EINA/UAB, Barcelona), com foco em «Ativismo Têxtil, Reivindicação Política e Cuidado Mútuo». Atualmente é doutoranda em Estéticas Contemporâneas na Universitat Autònoma de Barcelona, com pesquisa sobre coletivos de arte têxtil e seu papel nos movimentos políticos feministas urbanos. Contacto: dcastilho@eina.cat.



UMA OCUPAÇÃO, UMA LIÇÃO. O QUE TENHO APRENDIDO COM O CCSTOP.

Lúcia EVANGELISTA, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Em *Agonistics. Thinking the World Polically*, Chatal Mouffe irá defender que a experiência democrática se dá por via de uma relação agônica na qual “conflicts, although they would not disappear, would be less likely to take an antagonistic form” (Mouffe, 2013, p. 13). Procurarei articular a perspectiva teórica Mouffe com a pesquisa de campo que tenho desenvolvido no CCSTOP. Lugar já icônico da cidade do Porto, o CCSTOP é um antigo Centro Comercial onde grande parte das antigas lojas foram sendo convertidas, desde a década de Noventa, em salas de ensaio e/ou estúdios de gravação de música. O lugar foi e continua sendo alvo de uma série de disputas internas e externas, mobilizando a comunidade artística (e não só) em sua defesa. Algumas iniciativas têm ido ao encontro da proteção do seu ecossistema. Recentemente, o edifício foi classificado como de interesse do Município. E, atualmente, sob a coordenação da Professora Paula Guerra tem sido realizado um estudo para Classificação do seu Patrimônio Imaterial. É no contexto da minha participação neste estudo que proponho a pensar o STOP como acontecimento no qual a democracia toma forma em sua potência agônica (Mouffe), tendo no *dissenso* a sua própria razão de existir (Rancière). Trabalhos de referência (por exemplo a tese de mestrado de Anselmo Canha) e a própria mobilização das pessoas que integraram ou integraram já deixaram explícito o quão singular é o fenômeno STOP e o quanto este significa para a cultura e para a economia — em um raio que vai da Freguesia para o Centro Histórico, do Porto para o país e de Portugal para a Europa e o mundo. O que procurarei é *pensar com* o “acontecimento STOP”, seguindo a intuição de que a sua existência pode nos ensinar muito sobre como não transformar em mero antagonismo as lutas inerentes ao viver em comum.

Palavras-chave: Democracia Agônica, Chatal Mouffe, Movimentos Artísticos, CCSTOP.

Lúcia EVANGELISTA tem concentrado sua pesquisa nas poéticas modernas e contemporâneas do Brasil e de Portugal, assim como aos estudos Interartísticos e nas interseções entre Estética e Política. É doutora em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto com uma tese dedicada à obra de Alberto Pimenta. É mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela mesma Instituição. Foi bolsista de pós-doutoramento do projeto “Contextos Críticos do Modernismo e do Surrealismo em Portugal” (CLEPUL - Universidade de Lisboa). Coorganizou os volumes Performances Poéticas | Poéticas Performativas (ILCML) e Adília Lopes: do privado ao político (Documenta). Membro da Comissão Executiva da Revista Todas as Artes. Coorganiza a IV Jornada de Poesia e Performance (ILCML – U.Porto). Contacto: luciaevan1980@gmail.com.



F-J

|





ENTRE O LABOR E A ARTE: HISTÓRIA, TRABALHO E RESISTÊNCIAS NA OBRA ARTÍSTICO-LITERÁRIA DE CLÓVIS MOURA

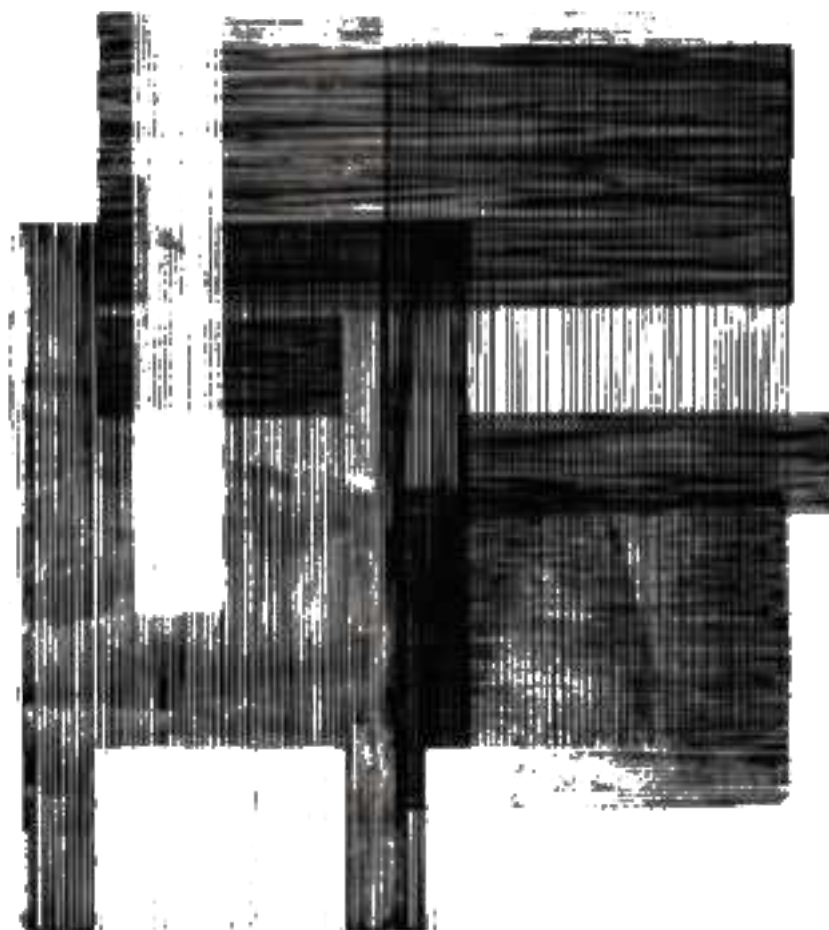
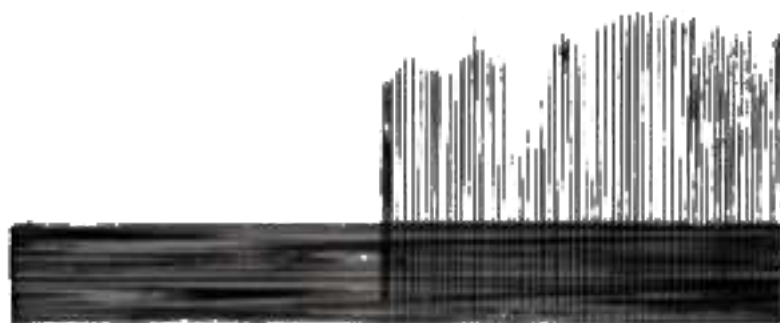
Pedro Pio Fontineles FILHO, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Resumo

O presente estudo tem o objetivo principal de compreender as abordagens artístico-literárias do intelectual Clóvis Steiger de Assis Moura, referente às lutas do trabalhador, notadamente o no acesso à terra e o negro no mercado de trabalho, no Brasil da década de 1980. A partir disso, busca-se, ainda, analisar como a temática do trabalho e do trabalhador é abordada em um período recente da redemocratização do país; discutir sobre as diversas narrativas e linguagens utilizadas na obra artística e literária do intelectual; refletir sobre aspectos da interpretação por meio de mecanismos de leitura semiótica, para o entendimento da obra; e pensar a historicidade da temática do trabalho por meio das relações políticas, econômicas, sociais e culturais, representadas pela literatura e pelas charges. Metodologicamente, a pesquisa foi realizada mediante leituras analítico-interpretativas da obra de Clóvis Moura, com foco no livro literário *História de João da Silva* (1986) e o livro de charges *O Negro no Mercado de Trabalho* (1986), no recorte temporal da pesquisa, buscando problematizar termos e expressões como “trabalho”, “força de trabalho”, “trabalhador”, “emprego”, “desemprego”, “mercado de trabalho”, “trabalhador rural”, ancorado em referenciais teórico-históriográficos sobre História, Narrativas e Linguagens, com destaque para a literatura e para as charges como narrativas marcadas por seu tempo e seu espaço. Por meio de seu texto literário, o intelectual constrói uma narrativa que problematiza as práticas de apagamento do sujeito, que, além de não ter acesso à terra, luta para não perder sua identidade, sua humanidade. No trabalho em charges, o autor lança mão do humor, a partir das charges produzidas pelo artista Pestana, para criticar as muitas maneiras de exclusão do homem negro no mercado de trabalho. O estudo considerou que a análise transita, em larga medida, pelas inquietações entre o fazer artístico e os debates históricos e sociológicos, visto que a obra de Clóvis Moura toma a arte como mecanismo de denúncia, de luta, de resistência e de transformação. Além disso, a revisitação da obra do intelectual permite compreender o processo de construção da prática de combate ao racismo e de uma educação antirracista.

Palavras-chave: História, Narrativas, Literatura, Charges, Clóvis Moura.

Pedro Pio Fontineles FILHO é doutor em História Social (UFC). Professor Permanente do Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História da UESPI. (ProfHistória/UESPI). Professor do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, em nível de Mestrado e Doutorado (PPGHB/UFPI). Mestre em História do Brasil (UFPI). Especialista em História do Brasil(UFPI).Graduado em Licenciatura em História (UESPI). Graduado em Letras-Inglês (UFPI). Contacto: pedropio@ccm.uespi.br.



O BRASIL EM TEMPOS DE DITADURA, DO POÇO À CASA DA MORTE: A “ESPERANÇA SEM OTIMISMO” NA OBRA LITERÁRIA DE ASSIS BRASIL

Cláudia Cristina da Silva FONTINELES, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

A partir das concepções de “esperança sem otimismo”, “esperança trágica” e “banalidade do otimismo”, inspiradas nas pesquisas de Terry Eagleton, analisamos as fontes históricas constituídas pelos romances do escritor brasileiro Francisco de Assis Brasil: “O aprendiz da morte” e “Os crocodilos”, publicados no período da ditadura civil-militar brasileira, bem como os estudos historiográficos sobre o período ditatorial no Brasil, para entender as interfaces entre a história e a produção literária. Analisamos como essas obras literárias discutem temas que afligiam a sociedade brasileira no período, mas que continuam a inquietar a história brasileira nos tempos hodiernos, constituindo-se como relevantes para entender a História do Tempo Presente, sob a ótica de Jean-Pierre Rioux, Agnes Chauveau e Phillipe Tértat.

Palavras-chave: História, Literatura, Otimismo, Esperança.

Cláudia Cristina da Silva FONTINELES é bolsista em Produtividade Científica CNPq. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí (Departamento de História, Pós-Graduação em História e Pós-Graduação em Ciência Política). Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em História Sociocultural pela Universidade Federal do Piauí e Especialista em História Política Contemporânea pela Universidade Estadual do Piauí. Licenciada em História e em Pedagogia, Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Piauí. Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Memória, História Política, História e Mídia, História e Cidade, História e Literatura, História dos Esportes, História da Educação, Ensino de História, entre outros temas. Coordenadora Voluntária do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/HISTÓRIA/CAPES/UFPI). Autora de livros sobre História, entre os quais, “O Recinto do elogio e da crítica” e “Nasce um bairro, renasce a esperança”. Contacto: cfontinelles@gmail.com.

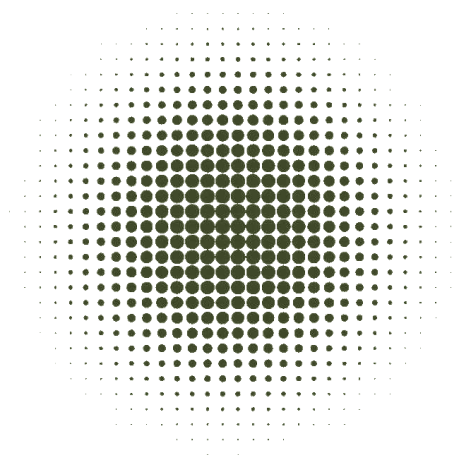


TRAJETÓRIAS DE CUIDADO: FEMINISMOS COMO LUGAR DE ENCONTRO NA INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA

Marina Didier Nunes GALLO, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Nos últimos anos, o campo da investigação artística tem sido atravessado por debates que questionam as formas tradicionais de produção de conhecimento, especialmente diante das pressões neoliberais que atravessam a universidade e o sistema artístico. Métricas de produtividade, aceleração do tempo e valorização da performance individual têm contribuído para a invisibilização das dimensões relacionais, afetivas e materiais que sustentam o trabalho intelectual e criativo. Nesse contexto, epistemologias feministas têm proposto revisitar as condições de produção do conhecimento, reconhecendo o cuidado, a interdependência e a vulnerabilidade como dimensões constitutivas da prática investigativa. Este trabalho parte dessas discussões para refletir sobre o cuidado como metodologia de investigação artística feminista. Mais especificamente, analisa a experiência dos Encontros Perspetivas Feministas na Investigação, realizados no Porto entre 2024 e 2025, como um estudo de caso sobre como práticas de organização coletiva podem constituir, simultaneamente, formas de investigação e intervenção no campo artístico-acadêmico. Inspirado por autoras como Sara Ahmed, Joan Tronto, Silvia Federici e Judith Butler, o trabalho propõe compreender o cuidado não apenas como valor ético ou gesto individual, mas como uma prática política capaz de reconfigurar os modos de produção de conhecimento. Nesse sentido, a organização dos encontros foi pensada como um experimento metodológico, em que aspectos frequentemente considerados periféricos na academia — como tempo de escuta, condições materiais de participação, organização do espaço, alimentação, presença de crianças ou práticas coletivas de criação — passaram a ser tratados como dimensões centrais da própria investigação. A análise das três primeiras edições dos encontros evidencia como essas escolhas metodológicas influenciam a qualidade das interações, a construção de comunidades de prática e a emergência de conhecimentos situados.



Ao privilegiar tempos de conversa, formatos não hierárquicos de apresentação e práticas artísticas coletivas, os encontros buscaram deslocar a lógica competitiva e produtivista dominante, criando condições para formas de partilha que articulam teoria, experiência e criação. Ao mesmo tempo, o trabalho reconhece as tensões e limitações que atravessam essas iniciativas, especialmente no que diz respeito à distribuição desigual do trabalho de cuidado, às restrições institucionais e às persistentes desigualdades de raça, classe e localização no campo académico e artístico. Mais do que propor um modelo replicável, este artigo sugere que o cuidado pode operar como uma metodologia encarnada de investigação artística, capaz de reorientar as formas de produzir, organizar e partilhar conhecimento. Nesse sentido, os encontros feministas são aqui compreendidos não apenas como eventos académicos, mas como infraestruturas experimentais de pensamento coletivo, nas quais arte, investigação e ativismo se entrelaçam na criação de práticas e saberes comprometidos com a justiça social.

Palavras-chave: Investigação Artística, Feminismos, Ética do Cuidado, Metodologias Feministas, Produção de Conhecimento.

Marina Didier Nunes GALLO é investigadora CEEC – 7.^a edição da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), integrada no i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde atua também na gestão editorial das publicações do instituto. Doutora em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), a sua investigação articula feminismos, metodologias de investigação artística e práticas de cuidado na produção de conhecimento. O seu trabalho explora as interseções entre arte, pedagogia, investigação e ativismo, com foco em epistemologias feministas, decoloniais e práticas coletivas de criação. É criadora e organizadora dos encontros Perspetivas Feministas na Investigação e Criação Artística, dedicados à reflexão sobre metodologias feministas na investigação artística, e integra redes internacionais de investigação em arte e educação artística. Contacto: mdgallo@fba.up.pt.



EL TIEMPO DEL MAGUEY: PHOTOGRAPHIC PRUDENCE AND THE ARCHIVE OF RESISTANCE

Frédérique GÉLINAS, Montreal, Canadá

Abstract

This work proposes a reciprocal support between documentary photography and situated research, positioning the visual act as a mediator of relations, an incubator for affective attunement and a space for collaborative thinking. Rather than treating the image as a mere illustration of data, it argues that closeness allows for the co-creation of knowledge between the researcher (or photographer) and the context of its territory of presence. The contribution applies this reflection to the specific context of the rise of mezcal production in Mexico. Through a methodology based on prudent photography, the research combines architectural thinking with visual narration to realize an archive of resistance from the pueblo in which intimate images and alternative mapping re-position mezcal as an integral part of its cosmovision and communitarian rituals. Mexico is home to the world's richest agave biodiversity. In the last decade, the rising global demand for mezcal has exerted increasing pressure on the territory of the Valles de Oaxaca, disbalancing thousand of years of human-agave interactions. Yet, the market narrative continues to rely on its mythification, suffocating the complexity of the pueblo with a hegemonic representational regime. Through a process that recalls Furio Jesi's "mythological machine", the design of the spaces, architectures and images of the mezcal industry feed a Western idealization of its ancestral roots. The palenque is transformed into a consumable set for sensorial experience, while the territory is disconnected from its relational web by the rigid organization of industrial plantations. This research turns to visual practice as a critical field of intervention to stimulate other imaginaries of mezcal as a form of neobaroque resistance. Drawing on the situated rural literature of Juan Rulfo and Gabriel García Márquez, the research contextualizes how power continues to reproduce colonial schemes of domination in which the territories of production are subordinated to those of elitist consumption. The prophetic nature of *Cien años de soledad* sustains a speculation around the disappearance of the pueblo which, like Macondo, faces dissolution by extractivist dynamics that appropriate territories and delegitimize local practices to prioritize an accelerated, capitalist temporality. Applying a methodology of prudence, the research seeks to move beyond the dominant narrative to re-center the ones surging from the complex social and spatial realities of the Oaxacan pueblo. Through the photographic event as thought by Ariella Azoulay, fieldwork takes on a ritualistic dimension that opens spaces of confession and honesty supported by pacts of mutual trust. To reach the photograph itself, an immense relational agreement is born, moving the practice from objective representation to a mode of participative and hypersensitive thinking extremely close to the territory. The photography project thus becomes both a practice and a materiality of resistance, as the collective process shares room with the visual result. The emerging images oppose the sanitized, blanked spaces of the market narrative with blurred, nocturnal and ambiguous atmospheres in which the multiple lives, specters and worlds inhabiting the margins of mezcal production prevail and resist in an archive of maguey temporality.

Keywords: Documentary Photography, Situated Research, Mezcal Landscapes, Archive of Resistance, Decolonial Imaginaries.

Frédérique GÉLINAS is a photographer and architect originally from Québec, I have been based in Turin for seven years. I hold a Master's degree in Architecture for Sustainability from the Politecnico di Torino, where I am a PhD candidate applicant. My photographic practice was solidified with my first project, El tiempo del maguey, realized in parallel with my master's thesis. This work was awarded first prize in the Top News category of the Andrei Stenin International Press Photo Contest and has been featured in various publications and exhibitions. Influenced by my architectural studies, I adopt an approach rooted in authenticity, aiming to reflect with care on fragile human interactions and the socio-cultural and territorial issues arising from colonial dynamics and capitalist extraction processes. I am deeply interested in the ethics of photography and the potential of visual imaginaries to generate new ideas between the real and the magical, revealing plural and amplified worlds. Contacto: frederiquegelinas@gmail.com.

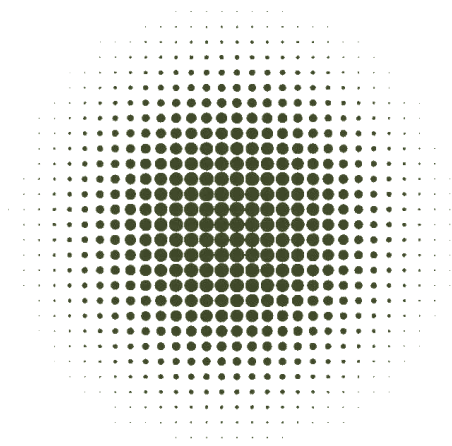


ACTIVISMO TEXTIL COMO PRÁCTICA RELACIONAL: HACERES CUIDADOSOS Y FORMAS DEL ENCUENTRO EN EL CASO DIBUJADO DE MIÉRCOLES DE CHICAS ARDIDAS

Sylvia GÓMEZ-GÓMEZ, Universidad Nacional de Colombia, Colombia

Abstract

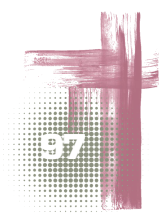
Starting from my experience as a cultural agitator and cartoonist, I critically and sensitively review the graphic and curatorial production of the Latin American activist collective, *Viernes de chicas*, a collective that has focused its action on the management of events and curatorial projects, for more than 10 years, and which, although it was born in Bogotá, Colombia, is now present in other cities of the country and other countries in Central and South America. In this article I focus on his emblematic initiative: the Manifesto of the bra and only cuckoo, a proposal that concentrates his commitment to textile activism, which he develops annually within the framework of the commemorations of March 8 and November 25. Multiple groups of activists and artists join this initiative to embroider and talk about issues that cross women's lives. It is embroidered on underwear, which is displayed on long clotheslines, linking the domestic with the public, and the feminine with the political. This commitment from the textile not only gives an important place to the doings, mainly embroidery, it also puts the garments, their materiality and meaning at the center. Underwear, its communicative and sensitive power is fundamental to the repertoires that this group displays. Cuckoos, breeches, panties and bras are garments intervened mainly with threads and pieces with which, in turn, spaces in the city are intervened; a graphic and material language that generates encounters and intervenes squares, parks or streets. Thus, the meetings to be held and to learn together, break into the common ways of inhabiting these spaces, influencing their configuration.



The intervention in the city and configuration of meetings to be held; The use of social networks, spatialities and links make it possible, as well as the making of textiles, graphic production and material as a place are the three elements that I will develop in this article. I go through the years from 2017 to 2024 and two of the three components of the Manifesto; the curatorial proposal and the embroidery picnics, through the review of the social networks of the collective, the realization of semi-structured interviews and direct participatory action as a researcher-cartoonist. In this journey I draw on feminist geographies to understand the ways in which these activist actions challenge the gendered ordering of space, by proposing ruptures and continuities between the public-private, in which collective encounters, social networks and textile materialities acquire a fundamental role. The activist actions of Viernes de chicas Ardidás, in this way bring together multiple bodies and spatialities, configure joints that are connected from doing and materiality, from alliances, time, work and affection arranged so that each intervention can be carried out.

Keywords: Feminisms, textile activism, feminist geographies, community networks, care.

Sylvia GÓMEZ-GÓMEZ is a Colombian editor, cartoonist and cultural agitator based in Portugal. Specialist in Feminist Studies and Master's Degree in Gender Studies at the School of Gender Studies of the National University of Colombia. Linked to the textile seedbed Artesanal Tecnológica and co-founder of the Liquen foundation. Contact: Sylviagomezgomez@gmail.com.



WITNESSING THE PLANTATION: ENVIRONMENTAL VIOLENCE AS VISUAL PRESENCE AND AURAL ABSENCE IN SUMATERA UTARA, INDONESIA

Giulio GONELLA, Politecnico di Torino, Itália

Abstract

Across planet Earth, plantations emerge as sites of ecological simplification, disrupted inhabitation, and the slow and ever-going violence of land grabbing against local communities and Indigenous populations. In Sumatera Utara, Indonesia — one of the world's leading region for palm oil production — monocrop plantations expand as territorial machines, encroaching on farmers' village grounds and the pluvial forest, endangering humans and non-humans alike. Since Dutch colonialism first implanted tobacco plants in the region in the early 20th century, through the spike in palm oil cultivation in the 1970s under the neoliberal dictatorship of general Suharto, plantation ecologies signal the 'colonial continuum' of territorial transformation in the service of (Western-inflected) agro-extraction. This research employs a situated practice of documenting the ongoing environmental violence of plantation expansion through art methodologies. Understanding land as an archive, and ground-matter as a register of events, it approaches the territory of Sumatera Utara haptically. As land can be read as a 'material witness' to the historical and on-going presence of palm oil ecologies, and to their attendant forms of erasure, this research investigates plantations' past and present leftovers of expansion as physical tellers of its sustained violence across time. Drawing on photographic testimonies and visual documentation, I make emerge the out-bounding presence of the plantation by showing what materially remains onto the ground in the ebbing and flowing of monocrop expansions. Yet, as much as visibility can account for the way the plantation systematically erases previous forms of inhabitation (that is, palms in spite of houses), the plantation also speaks through what is sensorially absent. As such, moving beyond the image, I attempt to further employ field recording as a performative method to engage with the unspeakable violence of the plantation. Through such an aural form of spatial inquiry, the sound of (and in) the plantation (or its lack thereof) emerges as a signal of its erasing violence. At the same time, sound is a teller of the its withstanding presence as a simplified ecology. Within the contested palm oil zone in the surroundings of Sei Litur (Langkat regency), where part of the research was conducted, the uncanny silence of the plantation emerges as an absenting evidence of the ever-going ecological depletion occurring within monocrop fields. Through visual and sonic methods, the research engages with hapticality and the sensible as a way to staying attuned to ecological violence, but also to archive otherwise its traces. As such, I interrogate existing archives while building an archive-in-the-making made of found media, historical cartographies, and newly drafted maps, that can be further activated as tools of testimony and accountability for communities that inhabit these contested territories. Sitting-with people in struggle within Sumatera Utara's palm oil sites, and engaging with their militancy through these expanded documentary practices, the research further interrogates what responsibilities and limits attach to the act of making visible traces of violence and its attendant material forms.

Keywords: Plantation Ecologies, Environmental Violence, Documentary Practices, Palm Oil Extraction, Counter-Archives.

Giulio GONELLA is a spatial researcher and educator, currently a PhD candidate in Architecture at Politecnico di Torino, Italy. His research explores the materialities of environmental violence, the weaponisation of (post)colonial ecologies, and the histories of agro-extractivism. He is completing a dissertation on Dutch ecological imperialism and struggles for land in Sumatera Utara, Indonesia, focusing on the material legacies and memorial landscapes of the plantation-form. He works with written text as well as with photographs, visual excerpts, and 'found media.' His contributions appeared in the collective volume *Territorio e produzione* (Quodlibet Studio), as well as on *L'internationale Online*, *Volume* magazine and *Failed Architecture*. Contacto: giulio.gonella@polito.it.



A ESTÉTICA DO SILENCIAMENTO: IMAGENS FEMINISTAS DE PROTESTO E VISIBILIDADE DESIGUAL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Sara HENRIQUES, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal

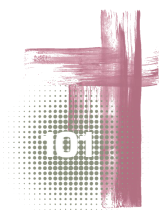
Resumo

Neste trabalho, proponho explorar como as plataformas digitais configuram a circulação de imagens feministas de protesto, sem recorrer, na maior parte dos casos, à censura explícita. O meu ponto de partida é outro: o silenciamento nem sempre se produz por remoção. Pode operar através da fragilização da visibilidade, da instabilidade da descoberta, da redução de alcance e da perda de legibilidade pública. É precisamente nesse intervalo, entre a presença técnica e o enfraquecimento político, que situo a estética do silenciamento. Tomo como horizonte o movimento Women, Life, Freedom (WLF), emergente no Irão após a morte de Mahsa Amini e rapidamente expandido para espaços digitais transnacionais. Interessa-me, em particular, a circulação de imagens feministas de protesto produzidas no cruzamento entre arte digital, ativismo visual e circulação em rede. O objetivo central é explorar de que modo essas imagens, mesmo quando permanecem acessíveis, podem perder encontrabilidade, persistência e impacto no interior das plataformas. Assim, procuro deslocar a análise da oposição simples entre o visível e o invisível para uma leitura mais fina das gradações de visibilidade e das formas desiguais de reconhecimento. Parto do pressuposto de que a visibilidade digital não é um dado neutro nem um mero efeito técnico. Ela é configurada por infraestruturas, sistemas de recomendação, regras comunitárias e práticas classificatórias que distribuem desigualmente as condições de circulação. Nesta perspetiva, as plataformas não funcionam apenas como suportes de difusão: participam ativamente na definição das condições sob as quais certas imagens contam, reaparecem, se dissipam ou adquirem estatuto político. Metodologicamente, o trabalho adota um desenho qualitativo e exploratório. A análise incidirá sobre um corpus delimitado de imagens feministas de protesto e de arte digital publicamente circuladas no contexto transnacional do movimento WLF, com foco em peças visuais produzidas e assinadas por artistas da diáspora iraniana. Esta opção justifica-se pela centralidade da diáspora na circulação global do movimento, pela maior acessibilidade pública do corpus e pela possibilidade de trabalhar materiais visualmente consistentes e eticamente menos vulneráveis. O corpus será construído de forma intencional com base em três critérios: recorrência de circulação, centralidade visual no protesto e pertinência analítica para observar formas de visibilidade desigual.

A partir desse conjunto, desenvolverei uma análise visual qualitativa, de inspiração semiótica, centrada na composição, nos elementos simbólicos, nos motivos recorrentes e nas formas de enunciação visual, articulando-a com uma análise documental das políticas de moderação e das regras comunitárias das plataformas em causa. Como resultado esperado, sustento que o silenciamento deve ser pensado menos como exceção e mais como modo ordinário de gestão desigual da visibilidade. É nessa gestão, frequentemente discreta, que as plataformas intervêm na relação entre arte, ativismo e cidadania.

Palavras-chave: Estética do silenciamento, protesto, feminismo, plataformas digitais.

Sara HENRIQUES é doutoranda em Política Internacional e Resolução de Conflitos na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, e exerce funções como Técnica de Relações Internacionais na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. A sua investigação situa-se na interseção entre os estudos críticos da Internet, a cultura visual, as plataformas digitais e a resistência feminista, com particular enfoque nas questões da visibilidade, do silenciamento e da circulação de imagens de protesto em contextos repressivos. Com formação em Relações Internacionais e Artes Digitais, interessa-se especialmente pelas formas como o poder, a representação e a mediação digital moldam a expressão política contemporânea. Contacto: sara.silva.henriques@gmail.com.



SITUATED JAZZ ECOLOGIES: INTERSECTIONAL FEMINIST PERSPECTIVES FROM PORTUGAL AND TURKEY

Deniz ILBI, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Abstract

Responding to the theme of the VII COMbART International Conference Art, Activism and Citizenship: Artistic Sustainabilities, Urgencies and Eco-Sensibilities, this paper examines how gendered power relations are produced and negotiated within jazz scenes located at the semi-peripheries of global jazz circulation. Focusing on Portugal and Turkey, the study approaches these contexts not as marginal extensions of Anglo-American jazz modernity, but as situated cultural spaces from which dominant narratives of jazz history can be critically reconsidered. Drawing on intersectional feminist framework together with the notion of situated knowledge (Haraway, 1988) the study approaches jazz scenes as locally embedded cultural ecologies shaped by specific social, historical, and political contexts. Rather than treating women musicians as exceptional figures within male-dominated histories, the study foregrounds their leadership practices and professional trajectories as critical sites for understanding how gendered inequalities are embedded within the broader organization of the global jazz field. As part of a doctoral research dedicated to studying women jazz leaders, funded by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT - 2021.07645.BD), the paper explores how knowledge about jazz practices, and careers is produced from specific social positions within jazz ecologies. By centring women musicians, the study highlights the often-unspoken mechanisms that structure opportunities, exclusions, and recognition within distinct transnational jazz ecologies. In such ecologies, artistic practices unfold within uneven global circuits of cultural production while simultaneously being shaped by local institutional structures, cultural policies, and forms of artistic mobility. These dynamics influence how visibility, authority, and leadership are distributed among musicians and how gendered hierarchies are reproduced within local jazz communities. By examining these jazz scenes as situated cultural ecologies, the paper contributes to ongoing discussions on artistic practices and knowledge production in semi-peripheral cultural contexts. Ultimately, it argues that perspectives emerging from Portugal and Turkey offer important insights for rethinking transnational jazz beyond hegemonic centres, while revealing how gendered power relations shape the cultural and social organization of contemporary jazz worlds.

Keywords: Jazz ecology, women musicians, intersectional feminism, Portugal, Turkey.

Deniz ILBI is a PhD candidate at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (FLUP). Her research titled, Women Leading the Stage: A Contemporary Gendered History of Jazz in Portugal is funded by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT). Ilbi is a collaborator of CITCEM – the Transdisciplinary Research Centre «Culture, Space and Memory» within the “Tangible and Intangible Heritage” research group. She holds a Master’s in Musicology from Istanbul University State Conservatory and a Bachelor’s in Sociology from Istanbul University Faculty of Letters. Contacto: denizilbi@gmail.com.



AESTHETICS, ETHICS AND INSTITUTIONS IN THE PRODUCTION OF ACTIVIST KNOWLEDGES

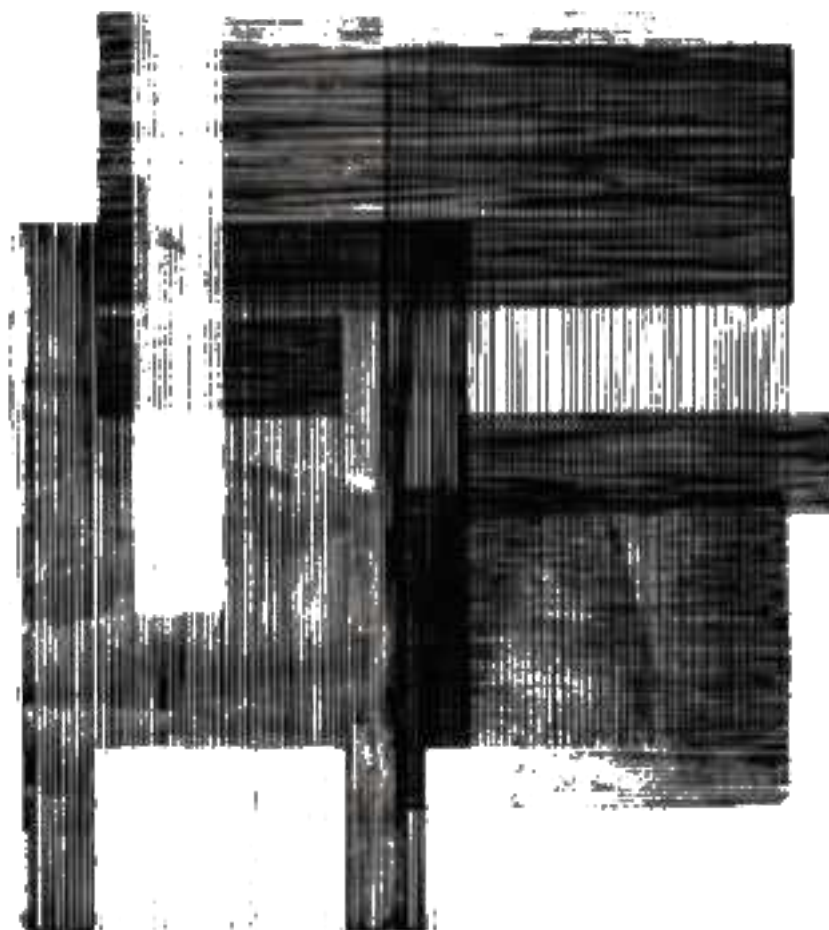
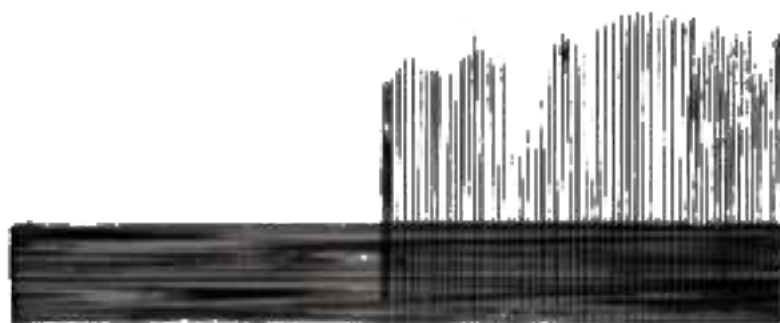
Hannah JONES, Universidade de Warwick, Inglaterra

Abstract

This paper reflects on an in-progress project of knowledge-production through collaborative zine-making by antiracist and decolonial international solidarity activists working across generations. The project brings together 15 activists involved in diverse international solidarity work in either the 20th or 21st century, or both. Engaging with archives and collections of the People's History Museum, Manchester, UK, and with their own experiences, this group has come together to share movement practice and learning between generations in order to organise and plan more effectively, navigate pitfalls, and make more effective progress towards achieving antiracist and decolonial goals. Through a series of workshops, this group build trust and share experience, and produce zines (home-made magazines or pamphlets) which both crystallise their experiences and learning from the encounters, and share this more widely as the zines circulate within the museum and through activist networks. This paper will focus on learning from the practice of collaborative zine-making and research co-production in this context, including reflections on the role and ethics of the scholar-activist and of institutions such as universities and museums in facilitating such encounters. This research is funded by Research England and led by the author in collaboration with Ala Sirriyeh (Lancaster University), Shirin Hirsch (Manchester Metropolitan University), People's History Museum, and fifteen international solidarity activists.

Keywords: International Solidarity, Collaborative Research, Anti-Racism, Decolonization, Zine-Making

Hannah JONES is a Professor of Sociology at the University of Warwick, UK, where she teaches, researches and writes about racisms and antiracisms, belonging and unbelonging, and creative and participative research methods. Her most recent book, *Violent Ignorance: Confronting Racism and Immigration Control*, was published in 2021 by Zed Books and Bloomsbury. Contacto: h.jones.1@warwick.ac.uk.



URBAN GREENERY PROTESTS IN VILNIUS: IN SEARCH OF POLITICS

Karolis JONUTIS, Universidade de Vilnius, Lituânia

Abstract

This paper analyzes the escalating tension between performative urban environmentalism and grassroots ecological activism in Vilnius. While the city's designation as the 2025 European Green Capital was intended to showcase a commitment to sustainability, local reality has been marked by a series of heated controversies over the removal of mature trees and the degradation of green infrastructure. This research examines the structural gap between the municipality's PR-driven ecological narratives and the "obScene" reality of urban management, in which mature vegetation is often sacrificed for sterile, market-driven aesthetics. Drawing on Jacques Rancière's framework of post-democracy and Erik Swyngedouw's concept of the "Anthropo-obScene," this study analyzes why ecological conflicts are consistently displaced from the political-ideological arena into technocratic management. Through seven semi-structured interviews with "professional activists" and "green professionals," the paper identifies a "tactical caution" among protesters. It argues that by avoiding ideological framing to maintain media visibility and public consensus, activists inadvertently reinforce the post-political condition. Furthermore, the research explores the "post-socialist ontology of urban nature," where greenery is perceived as a vital, inherited infrastructure resisting neoliberal "landscape cleansing". The findings suggest that while protesters successfully diagnose the underlying neoliberal growth imperative, their resistance remains trapped in "parapolitics"—correcting administrative errors rather than challenging the structural logic of urban development.

Keywords: Urban Greenery, Vilnius, Post-politics, Jacques Rancière, Techno-managerialism, Environmental Activism.

Karolis JONUTIS is an Assistant Professor at the Vilnius University, Lithuania. He completed his bachelor's degree in information science and his master's degree in communication science and sociology. In 2019, he defended his doctoral dissertation in sociology titled "Post-democracy and Populist Discourses in Lithuania (2004-2016)." From 2020 to 2023, he participated in a postdoctoral research program on "The Relationship between Ideological, Populist, and Technocratic Discourses in the Political Fields of Lithuania and Ukraine," conducting research at universities in the Czech Republic and Bulgaria. In 2024, he began leading a young researchers' project titled "Controversies over Public Spaces in Vilnius: structure of the Conflicts and Patterns of the Transformation." Since 2016, he has been teaching various sociology courses. Contacto: karolis.jonutis@fsf.vu.lt.



ROCKIN' BRAZILIAN RHYTHMS: UMA CARTOGRAFIA HISTÓRICA DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS INTERNACIONAIS SOBRE A BANDA CABRUÊRA

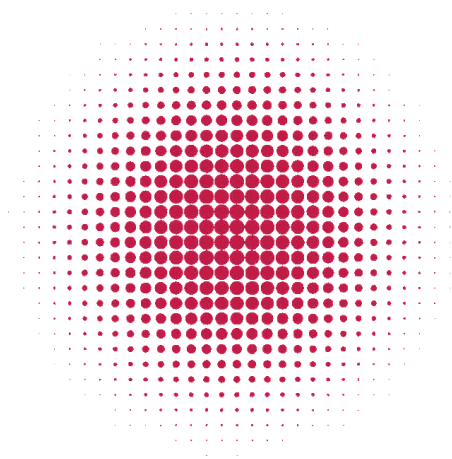
Francisco Didier Guedes Albuquerque JUNIOR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Paula GUERRA, Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Revelada originalmente em meio ao ambiente da universidade pública no Nordeste brasileiro, a banda Cabruêra foi formada no ano de 1998 e, com pouco tempo, foi amplamente celebrada mundialmente por conta de sua sonoridade. Iniciando sua trajetória na cidade de Campina Grande, interior do estado da Paraíba, logo o grupo foi pauta de importantes jornais nacionais como Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil. Foi aí que a mídia brasileira passou a ressaltar a singularidade apresentada nos palcos, leia-se a complexa mistura entre os sons tradicionalmente pensados para o sertão nordestino com a visceralidade do rock, e por sua inventividade, principalmente ao usarem uma caneta esferográfica para tocar as cordas do violão. Acompanhando esse processo de divulgação na esfera pública brasileira, diversos jornais internacionais passaram a destacar a história da banda, saindo do interior para os grandes centros, das margens para os grandes festivais de música no Brasil e no mundo. A partir disso, enviesado pela teoria e metodologia do conceito de cartografia, apresentado pelos filósofos e psicanalistas Suely Rolnik e Félix Guattari (1989), a presente exposição tem por objetivo mapear as teias de sentido produzidas sobre a banda brasileira nos jornais mundiais. Dentre os periódicos que serão analisados, podem ser listados: The Prague Post (República Tcheca), MetroXpress (Dinamarca), Libération (França), Diário de Notícias (Portugal), O País (Moçambique), Berliner Morgenpost (Alemanha).

Palavras-chave: Cabruêra, Nordeste brasileiro, Rock, História & Música.



Referências Bibliográficas

Albuquerque Júnior, D. M. de. (2011). *A invenção do Nordeste e outras artes* (5.^a ed.). Cortez.

Albuquerque Junior, F. D. G. (2025). "A única lei fixa no universo é movimento": Banda Cabruêra e os hibridismos musicais entre o Nordeste brasileiro, América Latina e África. In *Anais do XVI Congresso da IASPM – América Latina* (pp. 189–196). CNPq, UFPE & IASPM.

Guattari, F., & Rolnik, S. (2000). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (12.^a ed.). Vozes.

Guerra, P. (2013). *A instável leveza do rock: Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Edições Afrontamento.

Napolitano, M. (2002). *História & música: História cultural da música popular*. Autêntica.

Ventura, L. C. (2022). *A trama dos sons: Invenção e arquivo na fabricação de uma escuta do Nordeste (1910–1950)*. Cancioneiro.

Francisco Didier Guedes Albuquerque JUNIOR é historiador e pesquisador musical. Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com intercâmbio na Universidade do Porto, e sob a coorientação da professora Dr. Paula Guerra. É autor dos livros "Canções e tensões apocalípticas" e "De tocaia com o meu som", além de diretor e roteirista do curta-metragem documental "Filhos do caos". Contacto: didierjr0105@gmail.com.

Paula GUERRA possui doutorado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP). Faz parte ainda de outros centros de investigação internacionais: Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT); Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR); Investigadora Convidada Internacional no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), no Grupo de Pesquisa História, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal do Piauí e Universidade de Brasília (Brasil), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e no Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (L.A.M.A.). Também integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Contacto: pguerra@letras.up.pt.



K-O



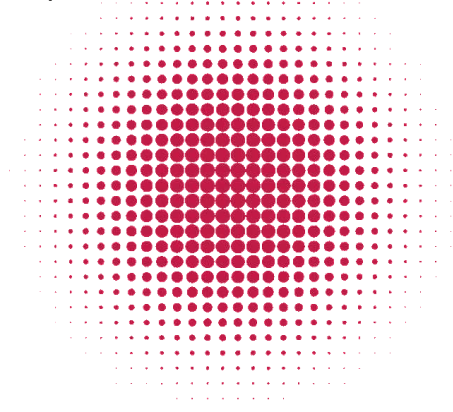


REWRITING POLYPHONIC MUSIC HISTORY: GENDER, CANON FORMATION AND ALGORITHMIC BIAS

Esra KARAOL, Conservatório Estadual da Universidade de Istambul, Turquia

Abstract

Despite profound social transformations, the history of polyphonic music continues to be shaped by patriarchal structures that systematically marginalize women's contributions. Conservatories, music institutions, and canonical historiography, while presenting themselves as neutral and merit-based, have historically reproduced gendered exclusions through tradition, selective memory, and male-centered reference systems. This paper offers a theoretical reflection on music historiography as a culturally embedded knowledge system, arguing that the underrepresentation of women in polyphonic music is not the result of isolated acts of discrimination but the outcome of historically accumulated structural bias embedded in institutions, archives, and narratives. Drawing on feminist musicology and sociological discourse analysis, the study revisits the history of polyphonic music through the lens of representation, focusing on pioneering women composers, performers, conductors, educators, and critics from Europe, United States and Türkiye. Through historical case studies and archival readings, the paper foregrounds moments of rupture, women who entered institutions, genres or professional roles previously defined as male domains. By doing so, it challenges the presumed neutrality of the musical canon and reveals how historiographical authority is constructed through exclusionary practices rather than purely aesthetic evaluation. In dialogue with contemporary debates on artificial intelligence and gender bias, the paper develops an interdisciplinary analogy between algorithmic decision-making and music historiography. Just as AI systems trained on biased historical data reproduce discriminatory outcomes, illustrated by Amazon's discontinued AI-based recruitment algorithm that favored male candidates without explicit sexist intent, music history similarly "learns" from patriarchal datasets. Canon formation, repertoire selection, and academic curricula function as cultural algorithms: unless critically reprogrammed, they reproduce past inequalities under the guise of objectivity. This analogy allows music historiography to be conceptualized as a feedback loop in which historical exclusions continue to shape present-day knowledge production. The findings demonstrate that women who pioneered polyphonic music frequently occupied multiple professional roles such as composer-performer, conductor-educator or critic-scholar, often exceeding the so-called "glass ceiling" observed in many other professional fields.



Despite these achievements, their visibility remains fragmented and largely confined to specialized academic research or restricted archival access. (The study also identifies a significant gap in Turkish-language scholarship, where no comprehensive, cross-disciplinary mapping of women pioneers in polyphonic music has yet been established.) By proposing a feminist reconfiguration of music history, this paper contributes to broader discussions on epistemic justice, canon critique and critical methodologies in the arts and humanities. It argues that rewriting music history is not an additive gesture of inclusion but a structural intervention that questions how knowledge is produced, legitimized and transmitted. Ultimately, the paper asks whether a more equitable music history is possible and contends that such a history requires not only new subjects but also critically reflexive frameworks capable of confronting both historical and contemporary forms of systemic bias.

Keywords: polyphonic music, feminist musicology, canon formation, gender representation, algorithmic bias, AI.

Esra KARAOL is an associate professor in the Department of Musicology at Istanbul University State Conservatory, where she also serves as Deputy Head of the Musicology Department. She began her musical education in viola performance and later completed her undergraduate studies in music theory at Istanbul University. She holds a master's degree from the Advanced Music Studies Center (MIAM) at Istanbul Technical University and a Ph.D. in Musicology and Music Theory at ITU Conservatory. Her research interests include musicology, polyphonic music history-theory, social sciences and humanities with a particular focus on gender representation, canon formation, and interdisciplinary approaches in music studies. Dr. Karaol has taught musicology, music history-theory and piano, participated in workshops and concerts, and presented at international academic conferences. Her work combines historical, theoretical, and critical perspectives on musicology. Contacto: esra.karaol@istanbul.edu.tr.



RAP E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE RESISTÊNCIA

Redy Wilson LIMA, CEaA, Universidade de Lisboa & CICS.NOVA.FCSH, Portugal

Resumo

Esta comunicação examina o rap cabo verdiano como prática cultural situada na confluência entre marginalidade urbana, circulação transnacional de referências afrodiaspóricas e processos de reconstrução identitária juvenil. A reflexão assenta numa abordagem etnográfica de longa duração, articulando observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de letras, permitindo compreender o rap como dispositivo de produção identitária juvenil que reconfigura categorias como badiu, negritude e classe, convertendo-as em recursos de resistência face à estigmatização territorial e recuo do Estado. A análise evidencia a apropriação local do gangsta rap e da estética thug, revelando uma ambivalência constitutiva: simultaneamente mecanismo de empoderamento identitário e matriz de legitimação simbólica da violência juvenil de grupo. Esta ambivalência é interpretada à luz das teorias críticas da masculinidade, que permitem compreender como códigos de virilidade, agressividade e performatividade de tornam capitais simbólicos num campo artístico marcado por disputas de legitimidade. Paralelamente, examina a emergência de um rap politizado que veio introduzir no universo juvenil cabo-verdiano uma pedagogia afrocentrada e comunitária de resolução de conflitos e reivindicação do mal-estar urbano. Conclui-se que o rap cabo-verdiano opera como uma arena de produção de subjetividades políticas e de cidadania insurgente, onde jovens elaboram diagnósticos sociais, disputam narrativas históricas e constroem pertenças coletivas num contexto pós-colonial marcado por contradições políticas e identitárias.

Palavras-chave: Rap Cabo-Verdiano, Identidades Juvenis, Afrodiáspora, Masculinidades, Cidadania Insurgente.

Redy Wilson LIMA é formado em Sociologia (ULHT e FCSH-UNL, Portugal) e doutorando em Estudos Urbanos (FCSH-UNL e ISCTE-IUL, Portugal). É investigador em doutoramento no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa - CICS.NOVA.FCSH (Portugal), investigador colaborador no Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina - CEaA, Universidade de Lisboa (Portugal), membro do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África - CODESRIA (Dakar), da Associação Portuguesa de Antropologia - APA (Portugal), da Associação Portuguesa de Sociologia - APS (Portugal), da Rede de Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional e professor assistente convidado no Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais (Cabo Verde). Faz pesquisas etnográficas e colaborativas no contexto cabo-verdiano, bem como tem várias publicações nos campos dos estudos urbanos críticos, desigualdades e direito à cidade, da sociologia da violência, juventude, movimentos sociais e identidades. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa de doutoramento sobre os processos de afirmação juvenil na cidade da Praia. Contacto: redywilson@hotmail.com.



NO FUTURE ON THE MAP? PUNK, EPHEMERALITY AND THE VIOLENCE OF MAPPING

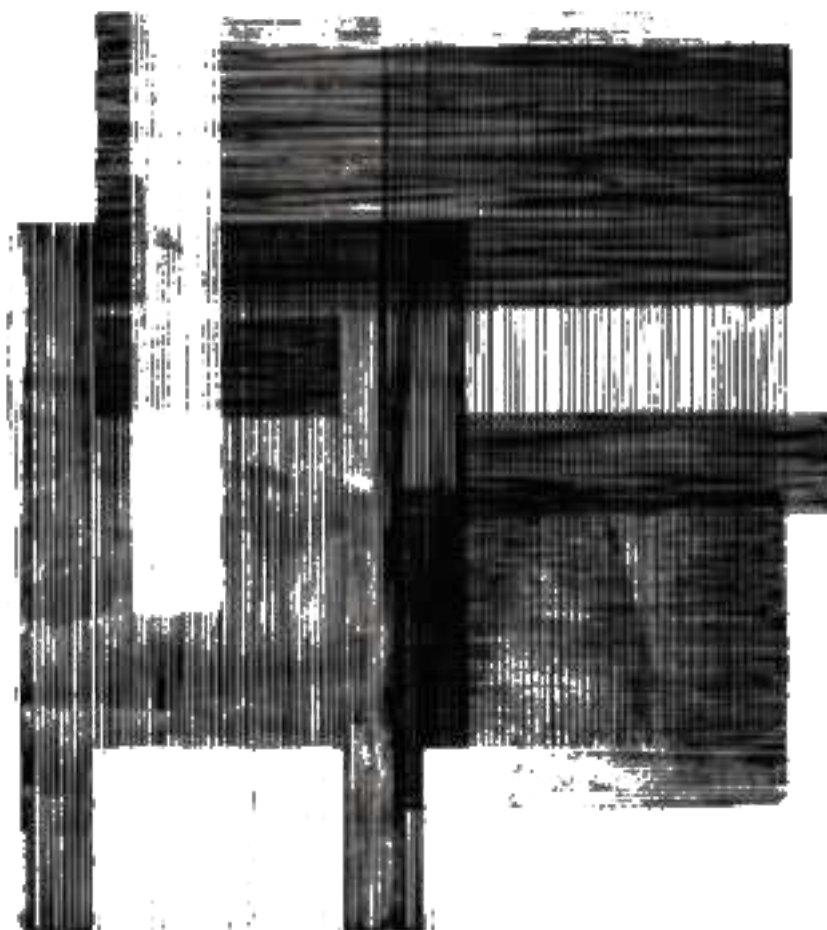
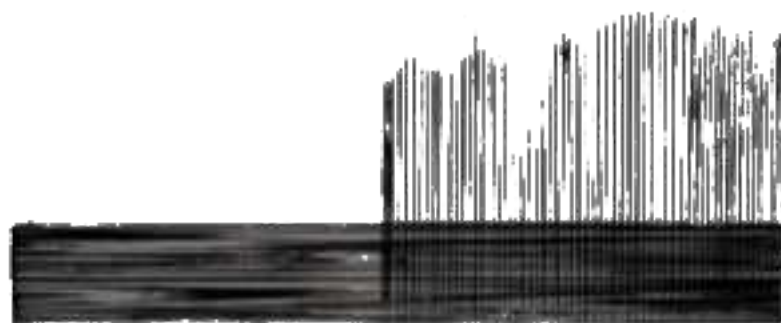
Diana Choi LOUREIRO, Universidade Lusófona, Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, Portugal

Abstract

Punk scenes have long been sustained through informal networks, temporary venues, and DIY practices that often escape formal documentation. In cities like Porto, many of these spaces exist only through fragmented memories, word-of-mouth circulation, and embodied experience. Attempts to map such practices raise critical questions: what does it mean to make visible a culture that has historically resisted stabilization and institutional recognition? This paper proposes a critical reflection on participatory digital cartography in relation to punk spaces, taking the city of Porto as a point of departure. Rather than presenting finalized results, it examines the conceptual and methodological tensions involved in translating ephemeral, dispersed, and often undocumented practices into structured forms of representation. Focusing on the act of mapping punk spaces—such as rehearsal rooms, informal venues, squats, and short-lived cultural infrastructures—the paper explores how processes of selection, categorization, and visualization inevitably shape what becomes visible and what remains excluded. In this sense, mapping is understood as a situated and contested practice, entangled with questions of power, memory, and mediation. Engaging with debates on archives, mediated memory, and counterpublics, the paper questions the assumption that documenting subcultural practices simply preserves them. Instead, it argues that mapping punk involves a tension between visibility and fixation, potentially transforming fluid and resistant practices into legible cultural objects. By framing digital cartography as an open methodological and political problem, this contribution reflects on how subcultural memory is negotiated, constructed, and contested in urban contexts.

Keywords: Punk Subculture, Digital Cartography, Subcultural Memory, Participatory Mapping, Urban Space.

Diana Choi LOUREIRO is a PhD candidate in Communication and Activisms at Universidade Lusófona (Porto) and a research fellow at CICANT – Centre for Research in Applied Communication, Culture and New Technologies. Her work explores the intersections between punk culture, communication, digital media, and political participation, with a particular focus on subcultural memory, urban space, and alternative cultural networks. Contacto: Diana.choi.loureiro@ulusofona.pt.

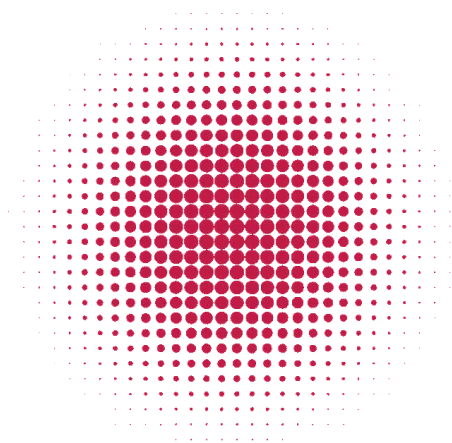


CORPOREIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS EM O PASSINHO DOS MALOKA: DISPUTAS E NEGOCIAÇÕES DE SENTIDOS

Danilo MEIRELES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo

O passinho dos maloka, cuja grafia, marcada pela ausência de concordância normativa, respeita a forma como os próprios sujeitos nomeiam a dança, refere-se a uma prática performática vinculada a uma vertente do movimento cultural pernambucano, no Brasil. Embora tenha origem em Recife, essa expressão não se restringe a esse território, expandindo-se por diferentes contextos do Nordeste brasileiro. O termo “maloka” deriva de “maloqueiro”, designação frequentemente utilizada para se referir a sujeitos das periferias urbanas (KondZilla, 2020), sendo aqui ressignificado como marcador identitário e de pertencimento. O passinho dos maloka inspira-se no brega funk, gênero musical que articula elementos de dois estilos historicamente estigmatizados no Brasil: o funk e o brega (Matias, 2021; Soares, 2021, 2023; Moreau, 2022). Além disso, o movimento dialoga com a swingueira, ritmo também pernambucano, cujas dinâmicas corporais, centradas na pelve, nos ombros, nos braços (Rocha, 2019) e nos quadris, evidenciam o corpo como eixo estruturante da performance. Nesse sentido, a dança constitui-se como ponto nodal da manifestação estética e política, na qual o corpo opera simultaneamente como meio de expressão, afirmação identitária e forma de protesto. O objetivo deste trabalho é demonstrar de que modo as corporeidades artístico-culturais do passinho dos maloka tensionam instâncias de poder do Estado brasileiro, evidenciando como práticas artísticas de dança operam formas de protesto por visibilidade, respeito, reconhecimento e cidadania. Os conceitos mobilizados são o de mídia como uma tecnocultura, implicando-a na reconfiguração das formas tradicionais de sociabilização a partir de uma “nova tecnologia perceptiva e mental” (Sodré, 2002, p. 27); dança como movimento artístico-cultural (Tomazzoni, 2015); dança e música e seus significados sociais, disputas e negociações de sentido envolvendo (Marcon; Sedano; Raposo, 2018; Soares, 2023); ativismo e artivismo (Taylor, 2023); e, o corpo como dispositivo de protestos (Nogueira, 1998; Butler, 2018).



A metodologia fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter interpretativista, com análise de um corpus constituído pela reunião de quatro materiais dispersos entre a plataforma YouTube e dispositivos legais no âmbito municipal (Recife-PE) e estadual (Pernambuco). O corpus é composto por: (i) o vídeo “Por dentro do passinho, nova febre das favelas do Recife” (LeiaJá, 2019) ; (ii) o Projeto de Lei n.º 494/2019, que dispõe sobre a proibição, no âmbito escolar, da exposição de crianças e adolescentes a danças que aludem à sexualização precoce; (iii) a Lei Municipal n.º 18.807, de 29 de junho de 2021, que declara o “Movimento Brega” como Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife, incluindo o passinho; e (iv) o Projeto de Lei n.º 5.426-A/2023, que reconhece o brega como manifestação da cultura nacional. Espera-se demonstrar, em primeiro lugar, que o passinho dos maloka constitui-se como uma prática ativista por meio da qual jovens periféricos reivindicam visibilidade, reconhecimento e cidadania, evidenciando tensões entre controle estatal e legitimação cultural, bem como o papel das mídias digitais na ampliação dessas práticas. Assim, o corpo emerge como dispositivo de protesto, produzindo identidades, sociabilidades e formas contemporâneas de resistência no contexto urbano brasileiro.

Palavras-chave: Passinho dos maloka, Ativismo, Corpo e Protesto, Juventudes Periféricas, Brega Funk.

Referências Bibliográficas

- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia* (F. S. Miguens, Trad.; C. Rodrigues, Rev. téc.). Civilização Brasileira.
- KondZilla. (2020, janeiro 14). *Como dançar o brega funk? O passinho do Recife* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=p6EUdPXdxJo>
- Marcon, F., Sedano, L. J., & Raposo, O. (2018). Juventudes e músicas digitais periféricas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 7(1). <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1354>
- Matias, M. da C. (2021). *Na batida do brega funk: As batalhas de passinho em João Pessoa/PB* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba].
- Moreau, F. (2022). *O brega funk como estratégia identitária e de resistência dos jovens da periferia recifense* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco].
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].
- Rocha, G. L. (2019, fevereiro 6). *Conheça o “passinho dos maloka” de Recife*. KondZilla. <https://kondzilla.com/conheca-o-passinho-dos-maloka-de-recife/>
- Soares, T. (2021). Bregafunk e disputas morais. In *Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Soares, T. (2023). Disputas morais nas músicas pop periféricas: Estudo a partir do bregafunk. *Mídia e Cotidiano*, 17(3), 144-163. <https://doi.org/10.22409/rmc.v17i3.57565>

Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes.

Taylor, D. (2023). Artivistas (artistas-ativistas) ou o que fazer? In D. Taylor, *Performance*. Perspectiva.

Tomazzoni, A. (2015). Lições de dança na mídia. *Educação*, 38(1), 77-86. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18465>

Danilo MEIRELES é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. Contacto: meirelesdanilo9@gmail.com.



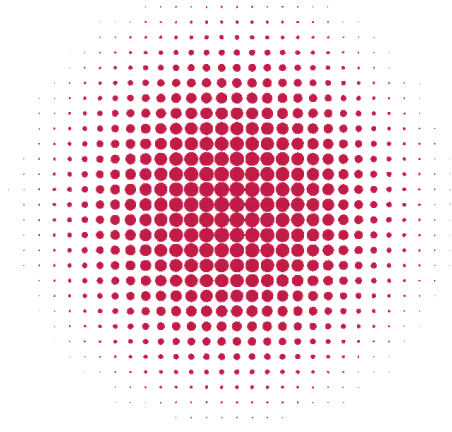
A RETINA NA ROTINA: DESCOLAMENTO NOS OLHARES DO QUOTIDIANO

Francisco MESQUITA, Universidade Fernando Pessoa, Portugal

Resumo

Num dia do outono de 2017, uma mancha invadiu um olhar com corpos flutuantes, que se atravessavam aleatoriamente na visão. Tentar fixá-los era uma aventura sem fim. Soltos, ágeis e fluídos, assumiam-se em bruscos movimentos perturbadores. A “realidade” visível era então uma simbiose de fragmentos que se fundiam em camadas flutuantes. Os flashes de luz nas noites anteriores, fotopsias, que projectavam percepções visuais de flashes, luzes e faíscas, surgiam sem um estímulo luminoso real: sintomas de descolamento da retina. A estética fotográfica proposta tem como fundamento a patologia assinalada, fixando duas tipologias de imagens. A reprodução fotográfica do fenómeno fotopsias; e a “duplicação da imagem” num só fotograma, consequência da impossibilidade do cérebro fazer uma síntese da imagem que cada um dos olhos capta. As alterações provocadas no olhar levaram ao desenvolvimento de uma estética fotográfica que tenta reproduzir uma forma de ver. Em ambos os casos, trabalha-se a variável tempo, prolongando o tempo da captura, permitindo ondulações da câmara fotográfica, alterações de enquadramento e sobreposições. O que é a imagem? Pergunta sem respostas ou, eventualmente, com uma panóplia infindáveis de possibilidades. Para Michele Melot, ninguém pode hoje fornecer uma definição de imagem que faça autoridade, abrindo, assim, um leque de possibilidades infinitas. Eduardo Lourenço corrobora, de alguma forma este olhar, quando afirma que “o fluxo das imagens que nos cerca tem uma lógica interna que não pertence à esfera da comunicação”. Ou seja, “Vemos o que somos”, parafraseando Pessoa, escancarando, assim, a infindável multiplicação de olhares. Serão estas imagens uma cópia da realidade? Mas, o que é a realidade? Uma ficção e o seu contrário, convocando Vilém Flusser, abrindo um leque de possibilidades sem fim. O tempo destas imagens parece-nos evidenciar a metáfora de um tempo, tempo ausente, tempo que nos escapa, na vertigem do tempo que nos é imposto. Resta, pois, uma prática de protesto que possa fundamentar e questionar, pelos extremos, a dicotomia que balizam desde a Grécia antiga a dualidade da imagem “Liberta - engana”, “informa-manipula”, que Aristóteles e Platão, respectivamente, sustentaram. O descolamento da retina e todas as consequências visuais que balizam este projecto, é materializado numa fuga à rotina, que aqui classificamos de descolamento.

Palavras-chave: Fotografia Experimental, Percepção Visual, Imagem e Realidade, Temporalidade.



Francisco MESQUITA é Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa, onde leciona as unidades curriculares de Design Gráfico e Comunicação Web, Design, Criatividade e Inovação, Publicidade e Marketing Digital, coordenando também o MBA Marketing, Publicidade e Design para PME. Realizou um Pós-Doutoramento em Comunicação Visual na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil. É Doutorado em Engenharia Têxtil pela Universidade do Minho (2006), possui Mestrado em Design e Marketing pela Universidade do Minho (1999) e é licenciado em Publicidade pela Universidade Fernando Pessoa (1996). Possui ainda formação em Gestão Publicitária pelo Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração (Aveiro). Contacto: fmes@ufp.edu.pt.



ARTE, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA: PRÁTICAS CULTURAIS NEGRAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA TRAJETÓRIA DE JADSON TITÂNIO

Giuliano de MIRANDA, Universidade Federal do Espírito Santo/FAPES, Brasil

Fabíola Fraga NUNES, Universidade Federal do Espírito Santo/FAPES, Brasil

José CIRILLO, Universidade Federal do Espírito Santo/FAPES/CAPES/CNPQ, Brasil

Resumo

Este trabalho analisa a atuação artística e social de Jadson Titânio, artista e educador capixaba cuja trajetória se desenvolve no cruzamento entre culturas urbanas, expressões afro-diaspóricas e práticas comunitárias. A pesquisa parte da compreensão da arte como prática social situada, investigando como determinadas linguagens performativas - especialmente as danças urbanas e a cultura ballroom - operam como dispositivos de produção de pertencimento, visibilidade e resistência em contextos periféricos. A partir de análise documental, entrevistas e observação de práticas culturais, o estudo discute de que modo experiências artísticas enraizadas no território podem gerar processos de mobilização coletiva e fortalecimento identitário. Nesse contexto, as práticas culturais articuladas por Titânio revelam-se não apenas como produção estética, mas como formas de mediação social que conectam juventudes negras e dissidentes a espaços de expressão e reconhecimento. O trabalho também examina o papel de iniciativas culturais locais na construção de redes de cuidado, sociabilidade e formação artística, evidenciando como a cultura ballroom e outras linguagens urbanas se consolidam como plataformas de produção de conhecimento e intervenção social. Ao dialogar com perspectivas críticas sobre arte, ativismo e práticas culturais comunitárias, a pesquisa argumenta que essas experiências configuram formas contemporâneas de ativismo, nas quais criação estética, pedagogia social e militância cultural se entrelaçam. Ao destacar a trajetória de Jadson Titânio, o estudo contribui para ampliar o debate sobre práticas artísticas engajadas no Brasil, evidenciando como iniciativas culturais emergentes podem atuar como estratégias de resistência simbólica e transformação social.

Palavras-chave: culturas urbanas; ativismo; cultura ballroom; arte e território; resistência cultural.

Giuliano de MIRANDA é Historiador , professor, mestre em Artes e doutorando em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com atuação nas relações entre arte, cidade e memória. Pesquisador do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA)/UFES e especialista em arte pública. Contacto: giulianohistoria@hotmail.com.

Fabíola FRAGA é doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, mestra em Artes (UFES), possui Licenciatura plena em Artes Visuais pela UFES, pesquisadora do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA/UFES), Professora da Educação Básica do Município de Vitória do Espírito Santo. Contacto: fragafabiola02@gmail.com.

José CIRILLO é Pós-doutor em Artes pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Artista e Pesquisador Produtividade PQ2 CNPQ. É o fundador e atual coordenador do LEENA-UFES (grupo de pesquisa em Processo de Criação). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGA/UFES), foi professor do Mestrado em Comunicação (PPGCS/UFES) de 2014 a 2022. Graduação em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1999); doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Atualmente, é professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolve pesquisas e projetos sobre ecossistemas urbanos e arte pública, observados pelo processo criativo com financiamentos do CNPQ, CAPES e FAPES. Contacto: josecirillo@hotmail.com.



METODOLOGIAS VULNERÁVEIS – DESENHANDO MULHERES NA DIÁSPORA

Tatiana MÓES SPINELLI, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Portugal

Paulo Luis ALMEIDA, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Este projeto integra a investigação, “Identidades fluídas. Uma investigação em Desenho sobre a identidade de mulheres imigrantes em Portugal”, que utiliza o desenho para abordar as experiências maternas de imigrantes que vivem na periferia espacial e social do Grande Porto. São mulheres originárias de países que foram colónias portuguesas e muitas vezes se encontram numa situação de necessidade financeira, lidando com burocracia estatal, com o acesso ao sistema nacional de saúde e com desafios específicos em termos fisiológicos, psicológicos e emocionais, e com possíveis restrições à identidade, permanecendo vulneráveis a inúmeros tipos de violência, seja financeira, doméstica ou sexual. O desenho incorpora o paradoxo da vulnerabilidade encontrado no contexto social e cultural das mulheres participantes: refere-se a uma condição de suscetibilidade a danos ou influências externas e, simultaneamente, a uma qualidade de abertura que desencadeia encontros transformadores e significativos. Neste projeto, uma série de ações levaram a um novo tipo de intimidade e compreensão que só foi possível por meio da vulnerabilidade disponível da artista/investigadora e das outras mães. Assim, a investigação envolve uma experimentação entre entrevistas e desenho de observação, como metodologia vulnerável, abordando diversos contextos sociais, culturais e territoriais: a percepção das mulheres sobre o seu lar e como esse espaço influencia a relação com a família e com os filhos. A falta de acesso à habitação digna e sua localização influenciam o estado de saúde mental e física da família, no descanso, nas relações pessoais e na socialização. Muitas mães imigrantes encaram grandes desafios neste quesito, necessitam dividir o espaço com estranhos, morar em habitações sem condições estruturais e/ou ir para periferias; sentem medo não conseguir pagar o aluguel ou de perder seus filhos, caso o Estado considere a habitação inadequada. Foi realizado um desenho a partir das entrevistas que fabula uma habitação a partir das medidas reais de uma das casas, 24 m². Utilizou-se sal para delimitar as linhas da planta - na superstição brasileira, o componente limpa espiritualmente o ambiente, anulando poderes ocultos, como mal-olhados e invejas. Sobre esta planta foram expostos desenhos representando objetos que as mães possuem em suas casas, selecionados com base na pergunta “De qual objeto você gosta mais na sua casa?”.

Os desenhos formam uma autotopografia dessas mulheres, ao unirem seus desejos identitários, memórias e afetos à forma como se relacionam com seus objetos pessoais. A obra pode ser compreendida como um ritual de limpeza e afeto contra as políticas neoliberais que delineiam o processo de gentrificação do Grande Porto, que enxerga a região como mais um produto e não um bem essencial. Uma política que direciona a vida dessas mulheres e torna a cidade do Porto um ambiente vulnerável à especulação imobiliária, ao turismo e a alojamentos locais. Nesse sentido, os desenhos criam um elo entre vulnerabilidades e funcionam como um manifesto em prol dos direitos civis, da habitação de qualidade; e através do seu operativo contribuem para o fortalecimento das subjetividades da investigadora e das participantes.

Palavras-chave: Desenho Contemporâneo, Mulheres Imigrantes, Vulnerabilidade, Habitação, Diáspora.

Referências Bibliográficas

Bréville, B. (2026). A fatura oculta da habitação. *Le Monde Diplomatique – Edição Portuguesa*, 27–28.

Brice, S. (2023). Critical observational drawing in geography: Towards a methodology for ‘vulnerable’ research. *Progress in Human Geography*, 0(0), 1–18.

Gonzales, J. A. (1995). Autotopografies. In M. Driscoll & G. Brahm Jr. (Eds.), *Prosthetic territories, politics, and hypertechnologies*. Westview Press.

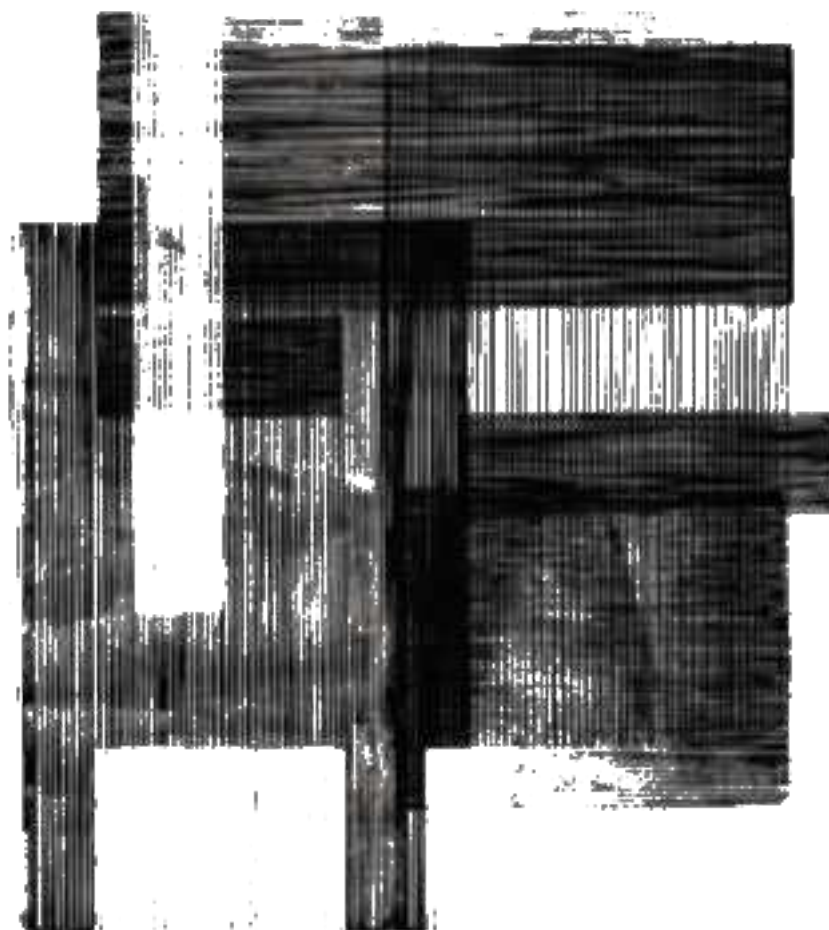
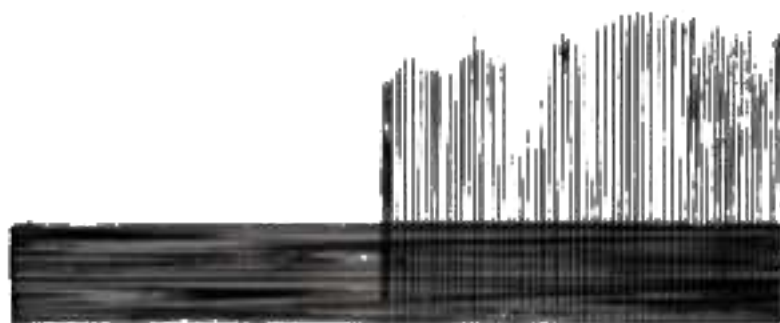
Neves, A. S. A., Nogueira, M. da C. O. C., Topa, J. B., & Silva, E. G. (2016). Mulheres imigrantes em Portugal: Uma análise de género. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 33(4), 723–733.

Padilla, B., & Ortiz, A. (2012). Fluxos migratórios em Portugal: Do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39).



Tatiana MÓES SPINELLI é natural do Recife, é artista plástica, professora e mestre em Desenho e Técnicas de Impressão pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), onde recebeu o “Certificado de Mérito” por sua excelência acadêmica. Atualmente, é doutoranda em Artes Plásticas - FBAUP, bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT, e investigadora do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade – I2ADS. Sua presente investigação, em contexto doutoral, defende o desenho contemporâneo como parte imbricada em seu universo político, capaz de manifestar-se em prol das lutas sociais contra as diversas opressões que delimitam as subjetividades dos indivíduos, como o racismo, a xenofobia, o classismo e o sexismo. Possui em seu currículo exposições nacionais e internacionais, além de participar da gestão e produção cultural da Associação AL859, espaço multicultural no Porto, que promove residências artísticas, exposições e eventos. Contacto: Moestatiana@gmail.com.

Paulo Luís ALMEIDA é Professor Associado do Departamento de Desenho da FBAUP e Investigador no I2ADS (Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade). Doutorou-se em 2009 na Universidad del País Vasco, como bolsista da FCT, com a tese intitulada ‘La Dimensión Performativa de la Práctica Pictórica – Transferencias de Uso entre Campos Performativos’, um estudo sobre as interferências entre processos pictóricos e processos performativos. Projetos recentes incluem *Cúmulo-Nimbo* (Lugar do Desenho, 2014), *Entre o Céu e a Terra* (Extéril, 2014), *History-MyStory* (Oliva Rewind Drawing, 2013) e o projeto *Aigua/Água* (Universidade do Porto/Universidad de Barcelona, 2012). Contacto: palmeida@fba.up.pt.



ENTRE NORMAS E VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS FAMILIARES DA POPULAÇÃO ESCRAVIZADA NA TERESINA OITOCENTISTA

Francilene Cunha de MORAIS, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Pedro Vilarinho Castelo BRANCO, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

O artigo analisa as relações familiares da população escravizada no Brasil oitocentista, tomando como recorte a cidade de Teresina (PI), considerando as normatizações estabelecidas pela Igreja Católica e pelo Estado nacional brasileiro. Empiricamente, o trabalho ampara-se em fontes como a literatura, relatos de memória, bem como em regulamentos católicos, particularmente as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, além da legislação do Estado imperial, com destaque para decretos publicados entre os anos de 1860 e 1880. A investigação esclarece como essas instituições regulamentavam as uniões matrimoniais e buscavam organizar a vida familiar da população brasileira, bem como de que forma essa questão se refletia na população negra em uma sociedade marcada pela escravidão. O estudo evidencia que, apesar das normas oficiais, os escravizados desenvolveram estratégias para constituir e manter seus vínculos familiares, negociando e reinterpretando as regras impostas. Dessa forma, o casamento pode ser compreendido como um espaço de interação entre o controle normativo e as práticas sociais.

Palavras-chave: História, Família, Casamento, africanos e afro-brasileiros, Piauí.

Referências Bibliográficas

- Falci, M. B. (2007). Família escrava: Antigas e novas reflexões. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, (25-1), 145-156.
- Farias, J. B. (2012). Sob o governo das mulheres: Casamento e divórcio entre africanas e africanos Minas no Rio de Janeiro do século XIX. In G. Xavier, J. B. Farias, & F. Gomes (Orgs.), *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. Selo Negro.
- Oliveira Filho, F. H. de A. (2016). *Cativos do sertão: A família escrava na freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Piracuruca, Piauí (1850-1888)*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Maranhão).
- Salvador (Arquidiocese). (2010). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. EDUSP.

Silva, D. G. (2013). *Arranjos de sobrevivência: Relações familiares entre escravos no sertão do Piauí* (São Raimundo Nonato, 1871-1888). (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Maranhão).

Sousa, T. M. L. (2012). Nascer, casar e morrer: Os eventos vitais da população negra na cidade de Teresina, 1852-1888. In *Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural* (pp. 1-13). Universidade Federal do Piauí. <https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Talyta%20Marjorie%20Lira%20Sousa.pdf>

Francilene Cunha de MORAIS é Graduada em História. Especialista em Direitos Humanos e Movimentos Sociais e em Ensino de História. Mestra em História, atualmente desenvolve estudos de doutoramento no PPGHB/UFPI, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Faz parte do Grupo de Trabalho História, Cultura e Poder no longo século XIX e do Núcleo de Pesquisa em História e Memória do Piauí (NUPEM). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da família e História do Piauí. Contacto: fran.morais0709@gmail.com.

Pedro Vilarinho Castelo BRANCO é doutor e Mestre em História, é Professor Titular na Universidade Federal do Piauí, onde atua no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil e no Departamento de História. Integra o Grupo de Pesquisa História Cultura e Poder no longo século XIX brasileiro. É Coordenador Adjunto do NUPEM (Núcleo de Pesquisa em História e Memória do Piauí). Foi diretor do CCHL/UFPI e Pró-Reitor de pesquisa na UFPI. Tem experiência em História do Brasil Império e República, atuando principalmente nos seguintes temas: História, relações de gênero e família; história do catolicismo no Brasil; História e Imprensa; História, memória e interações entre estado e sociedade no longo século XIX brasileiro. Contacto: pedrovilarinho@uol.com.br.



POR ESTUDANTES, PARA ESTUDANTES: O JORNALISMO UNIVERSITÁRIO EM TERESINA NOS ANOS 1970

Carlos Alberto de Melo Silva MOTA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

O presente trabalho propõe-se a analisar produções escritas difundidas em meios universitários de Teresina ao longo da década de 1970. Serão examinados os jornais Toco Cru Pegando Fogo, vinculado ao curso de Medicina da Universidade Federal do Piauí; Unha de Gato, do Diretório Central dos Estudantes; Eco, do curso de Economia; e O Sol, do Diretório do Centro de Ciências Humanas e Letras da mesma instituição. A partir do estudo desses periódicos, analisaremos as narrativas veiculadas, a materialidade dos impressos e os conceitos mobilizados em sua produção, compreendendo-os como espaços de sociabilidade, crítica e experimentação discursiva. Considera-se que a década de 1970 corresponde ao período de consolidação da Universidade Federal do Piauí como instituição sediada em Teresina, em meio a políticas públicas de caráter ufanista e a projetos de modernização e expansão urbana. Nesse contexto, investigam-se as tensões e implicações da constituição de um centro de formação crítica em um cenário marcado pelo autoritarismo político, atentando para os movimentos de avanços e recuos que caracterizaram o período. O trabalho fundamenta-se na análise de fontes primárias, articuladas aos campos da História da Imprensa, História Política e História Cultural. Para a construção teórico-metodológica do estudo, estabelecem-se diálogos com autores como Robert Darnton, Roger Chartier, Michel de Certeau, Michel Foucault e René Rémond.

Palavras-chave: História, Jornalismo Universitário, Ditadura Militar, Universidade Federal do Piauí.

Carlos Alberto de Melo Silva MOTA é Professor Substituto na Universidade Federal do Piauí e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Doutorando em História pela Universidade Federal do Piauí, com período de mobilidade acadêmica na Universidade do Porto. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2021) e licenciado em História pela mesma instituição (2017). Atuou como Professor Substituto na Universidade Estadual do Piauí (2023) e na Faculdade do Centro Maranhense (2022). Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Imprensa, História e Memória, História Política e História Cultural. É membro da International Association for the Study of Popular Music - Portugal (IASPM-PT) e integra a editoria da Todas as Artes Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura, além de compor o comitê executivo do Combart Conference e do Encontro Internacional Todas as Artes. Contacto: carlos.mota@ufpi.edu.br.



POR ESTUDANTES, PARA ESTUDANTES: O JORNALISMO UNIVERSITÁRIO EM TERESINA NOS ANOS 1970

Carlos Alberto de Melo Silva MOTA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

O presente trabalho propõe-se a analisar produções escritas difundidas em meios universitários de Teresina ao longo da década de 1970. Serão examinados os jornais Toco Cru Pegando Fogo, vinculado ao curso de Medicina da Universidade Federal do Piauí; Unha de Gato, do Diretório Central dos Estudantes; Eco, do curso de Economia; e O Sol, do Diretório do Centro de Ciências Humanas e Letras da mesma instituição. A partir do estudo desses periódicos, analisaremos as narrativas veiculadas, a materialidade dos impressos e os conceitos mobilizados em sua produção, compreendendo-os como espaços de sociabilidade, crítica e experimentação discursiva. Considera-se que a década de 1970 corresponde ao período de consolidação da Universidade Federal do Piauí como instituição sediada em Teresina, em meio a políticas públicas de caráter ufanista e a projetos de modernização e expansão urbana. Nesse contexto, investigam-se as tensões e implicações da constituição de um centro de formação crítica em um cenário marcado pelo autoritarismo político, atentando para os movimentos de avanços e recuos que caracterizaram o período. O trabalho fundamenta-se na análise de fontes primárias, articuladas aos campos da História da Imprensa, História Política e História Cultural. Para a construção teórico-metodológica do estudo, estabelecem-se diálogos com autores como Robert Darnton, Roger Chartier, Michel de Certeau, Michel Foucault e René Rémond.

Palavras-chave: História; Jornalismo Universitário; Ditadura Militar; Universidade Federal do Piauí.

Referências Bibliográficas

- Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Vozes.
- Chartier, R. (2014). *A mão do autor e a mente do editor*. Editora Unesp.
- Darnton, R. (2016). *Censores em ação: Como os Estados influenciaram a literatura*. Companhia das Letras.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Edições Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Vozes.
- Rémond, R. (Org.). (1996). *Por uma história política*. Editora UFRJ & Fundação Getúlio Vargas.

Carlos Alberto de Melo Silva MOTA é Professor Substituto na Universidade Federal do Piauí e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Doutorando em História pela Universidade Federal do Piauí, com período de mobilidade acadêmica na Universidade do Porto. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2021) e licenciado em História pela mesma instituição (2017). Atuou como Professor Substituto na Universidade Estadual do Piauí (2023) e na Faculdade do Centro Maranhense (2022). Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Imprensa, História e Memória, História Política e História Cultural. É membro da International Association for the Study of Popular Music - Portugal (IASPM-PT) e integra a editoria da Todas as Artes Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura, além de compor o comitê executivo do Combart Conference e do Encontro Internacional Todas as Artes. Contacto: carlos.mota@ufpi.edu.br.



A LUTA PELO RECONHECIMENTO DAS MULHERES NA COMUNIDADE GAMER: FEMINISMO E EXPERIÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE BRASILEIRA DE JOGADORAS

Catherine MOURA, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Resumo

A cultura dos jogos digitais foi historicamente construída como um espaço predominantemente masculino, marcado por dinâmicas de exclusão, invisibilização e assédio direcionadas às mulheres. Mesmo diante do crescimento da participação feminina no consumo de games, as estruturas sociotécnicas e culturais da indústria ainda reproduzem padrões de desigualdade de gênero, frequentemente associados à colonialidade do poder, à lógica patriarcal e às dinâmicas do capitalismo de plataforma. Nesse contexto, esta pesquisa investiga como mulheres gamers articulam estratégias coletivas de permanência e sociabilidade em ambientes digitais marcados por práticas misóginas. O objetivo é compreender de que maneira comunidades exclusivas de mulheres funcionam como espaços de apoio, proteção e fortalecimento identitário dentro da cultura gamer contemporânea. A pesquisa se fundamenta em perspectivas teóricas que articulam estudos decoloniais, feministas e dos Game Studies, mobilizando autores que discutem colonialidade, tecnologia e produção de subjetividades nas mídias digitais. A análise parte da compreensão de que os jogos e as plataformas digitais não são neutros, mas integram ecossistemas sociotécnicos que reproduzem relações de poder estruturais, incluindo desigualdades de gênero, raça e sexualidade. Nesse cenário, as experiências de mulheres gamers evidenciam tanto os mecanismos de exclusão presentes na cultura gamer quanto as formas de resistência e organização coletiva que emergem nesses ambientes. Metodologicamente, o estudo adota a etnografia virtual como abordagem principal, combinada aos princípios da etnografia multissituada. A pesquisa foi realizada a partir da observação participante em uma comunidade fechada de mulheres gamers na rede social Facebook, além de incursões em ambientes de jogo on-line, especialmente no jogo multiplayer Valorant. O trabalho de campo incluiu diferentes etapas de observação, interação com participantes e participação direta em partidas on-line. A investigação também acompanhou as conexões estabelecidas entre as jogadoras em outras plataformas digitais, como Discord, Twitch e grupos de WhatsApp, evidenciando a circulação de sociabilidades entre múltiplos espaços digitais. Os resultados indicam que comunidades exclusivas de mulheres desempenham um papel fundamental na construção de redes de apoio e pertencimento, oferecendo um ambiente considerado mais seguro para compartilhar experiências, organizar partidas, trocar conhecimentos sobre jogos e lidar coletivamente com situações de assédio. Nessas comunidades, as jogadoras encontram oportunidades para desenvolver habilidades, construir amizades e fortalecer sua presença na cultura gamer. Ao mesmo tempo, a pesquisa revela que, mesmo nesses espaços, persiste a necessidade de estratégias de autoproteção, como o uso de pseudônimos neutros, o silenciamento de microfones em partidas públicas e a preferência por interações em ambientes controlados. Além disso, a experiência etnográfica evidencia como a participação em partidas on-line, especialmente em ambientes competitivos, pode expor mulheres a comportamentos agressivos e

discriminatórios, reforçando a percepção de que a misoginia é um elemento estrutural da cultura gamer contemporânea. Nesse sentido, as comunidades femininas funcionam como espaços de resistência e negociação dessas tensões, permitindo que as jogadoras construam coletivamente formas de permanência em um campo historicamente hostil. Conclui-se que as comunidades de mulheres gamers constituem importantes redes de sociabilidade e suporte dentro da cultura digital plataformizada, revelando práticas de resistência que tensionam as estruturas excludentes da indústria de jogos. Ao evidenciar essas experiências, o estudo contribui para ampliar o debate sobre gênero, tecnologia e cultura digital, destacando a importância de considerar as dimensões sociopolíticas e afetivas das práticas de jogo na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Mulheres Gamers, Misoginia, Etnografia virtual.

Referências Bibliográficas

Falcão, T., Marques, D., Mussa, I., & Macedo, T. (2020). At the edge of utopia: Esports, neoliberalism and the gamer culture's descent into madness. *gamevironments*, 13(2), 382–419.

Falcão, T., Marques, D., & Mussa, I. (2020). BOYCOTTBLIZZARD: Capitalismo de plataforma e a colonização do jogo. *Contracampo*, 39(2), 59–78.

Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.

Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2012). *Métodos de pesquisa para internet*. Sulina.

Galdino, R. J., & Silva, T. T. (2020). *Notas sobre gênero, tecnologia e videogames*. *Obra Digital*, 18, 57–69.

Hine, C. (2016). Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In B. Campanella & C. Barros (Orgs.), *Etnografia e consumo midiático: Novas tendências e desafios metodológicos*. E-papers.

Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. SAGE Publications.

Catherine MOURA é doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), na linha de pesquisa Estéticas e Tecnologias da Comunicação. Atualmente realiza doutorado sanduíche no Departamento e no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Games, Gambiarras e Mediações em Rede (GamerLab). Contacto: catherine.nataliamouraferreira@gmail.com.



ENTRE A LEGALIDADE E A REPRESSÃO: ADVOGADOS E A CONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA JURÍDICA NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

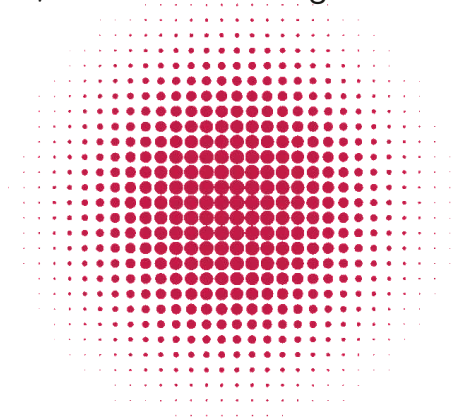
Mariana dos Santos NASCIMENTO, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Cláudia Cristina da Silva FONTINELES, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

O presente trabalho analisa a participação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) durante a ditadura civil-militar (1964–1985), enfatizando suas ambiguidades institucionais e a atuação de advogados que tensionaram o alinhamento inicial da entidade ao golpe de 1964. Embora a OAB tenha, em um primeiro momento, legitimado a chamada “revolução”, figuras como Sobral Pinto, Miguel Seabra Fagundes, Modesto da Silveira e Eny Moreira emergiram como protagonistas de uma resistência jurídica ancorada na defesa da Constituição e dos direitos humanos. Do ponto de vista analítico, o trabalho dialoga com a história política de René Rémond (2003), mobilizando os conceitos de legitimidade, cultura política e instituições para compreender como a OAB construiu um discurso jurídico capaz de conciliar formalismo legal e adesão ao regime. A noção de cultura política, conforme Bernstein (1998), permite interpretar o anticomunismo, o liberalismo jurídico e a defesa da ordem como elementos estruturantes das posições assumidas por seus dirigentes. A abordagem institucional evidencia a OAB não como ator monolítico, mas como arena de dissensos. A história política, portanto, não se limita à narração de acontecimentos fixos ou episódicos; ao contrário, é atravessada por dinâmicas sociais, econômicas e culturais que redefinem seus objetos, métodos e problemáticas. A pesquisa fundamenta-se ainda nas reflexões de Jacques Le Goff (1978) acerca do documento como construção social inscrita em relações de poder. Metodologicamente, adota-se abordagem qualitativa, baseada na análise de atas do Conselho Federal da OAB, manifestos e discursos institucionais, bem como fontes jornalísticas, compreendidos como registros das disputas internas e dos limites institucionais da atuação da entidade.

Palavras-chave: História, Ordem dos Advogados do Brasil, Ditadura Civil-Militar.



Mariana dos Santos NASCIMENTO é advogada, pós-graduanda em Direito Civil e Empresarial pela Faculdade Damásio. Membro da Comissão de Direito das Famílias e Sucessões da OAB - PI. Membro da Comissão de Proteção à Criança e ao Adolescente OAB - PI. Bacharel em Direito pela Faculdade Estácio Teresina (2021). Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisadora PIBIC/CNPq (IC). Participa de Grupo de Pesquisa República: Núcleo de Pesquisa Jurídica. Desenvolve pesquisa na área de Direito Constitucional, bem como História Política e Ciência Política, com ênfase na Democracia e Processos Eleitorais. Experiência em monitoria de Ciências Políticas e Teoria da História. Contactos: marianadsantosn@gmail.com.

Cláudia Cristina da Silva FONTINELES é bolsista em Produtividade Científica CNPq. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí (Departamento de História, Pós-Graduação em História e Pós-Graduação em Ciência Política). Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em História Sociocultural pela Universidade Federal do Piauí e Especialista em História Política Contemporânea pela Universidade Estadual do Piauí. Licenciada em História e em Pedagogia, Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Piauí. Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Memória, História Política, História e Mídia, História e Cidade, História e Literatura, História dos Esportes, História da Educação, Ensino de História, entre outros temas. Coordenadora Voluntária do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/HISTÓRIA/CAPES/UFPI). Autora de livros sobre História, entre os quais, "O Recinto do elogio e da crítica" e "Nasce um bairro, renasce a esperança". Contacto: cfontinelles@gmail.com.



A CIDADE COMO PALCO DE RESISTÊNCIA: TEATRO COMO PRÁTICA CULTURAL NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DO DRAMATURGO BENJAMIM SANTOS

Francisco de Assis de Sousa NASCIMENTO, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

Esta pesquisa investiga as formas de resistência na cidade por meio da arte teatral, utilizando como fio condutor a trajetória artística e a produção do dramaturgo piauiense Benjamim Santos, entre os anos 1964 a 1979. O estudo analisa o trânsito criativo entre as cidades de Parnaíba, Recife, Rio de Janeiro e Paris, compreendendo a experiência artística como conhecimento situado e uma prática de luta pelos direitos humanos, propondo a articulação entre a estética teatral engajada e as tensões políticas no período da ditadura militar, compreendendo a experiência artística, como prática cultural e luta pelos direitos humanos. A investigação se fundamenta nas teorias da Nova História Cultural, utilizando a dramaturgia de Benjamim Santos como processo de vivências, construção de memórias, processos identitários e a luta contra a ditadura militar no Brasil. Ao articular estética do teatro nordestino e transformação social, o trabalho examina como as criações artísticas operam como formas de protesto e preservação de identidades em contextos de repressão, reafirmando o papel do teatro como produção de conhecimento e espaço de resistência na esfera pública.

Palavras-chave: História, Teatro, Resistência, Cidades, Benjamim Santos.

Referências Bibliográficas

- Abi-Abidd, M. E. (2013). *Palco Giratório: Circuito nacional do Sesc*. Departamento Nacional.
- Andrade, S. (2012). Libertamos o gigante: E abrimos o baú de história do teatrólogo Benjamim Santos. *Revista Revestrés*, 8–18.
- Certeau, M. de. (2007). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (13.^a ed., E. F. Alves, Trad.). Vozes.
- Nascimento, F. de A. de S. (2009). *Teatro dialógico: Benjamim Santos em incursão pela história e memória do teatro brasileiro*. (Tese de doutoramento, Universidade Federal Fluminense).
- Nascimento, F. de A. de S. (2017). Benjamim Santos: Um dramaturgo, diretor e crítico teatral nos palcos brasileiros. *ArtCultura*, 19(34), 171–181.
- Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas* (3.^a ed.). Jorge Zahar.

Francisco de Assis de Sousa NASCIMENTO é Professor Titular da Universidade Federal do Piauí, lotado no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Possui graduação em História pela UESPI, em Pedagogia pela UFPI e em Psicologia pela UNINASSAU. Possui especialização em Docência do Ensino Superior pela UESPI, Mestrado em História do Brasil pela UFPI, Doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense e Pós-doutorado em História pela PUC-SP. Coordenou os Programas Stricto Sensu da Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação (PRPG/UFPI). É líder do Grupo de Pesquisa do CNPq 'História Política, Arte e Cultura' e coordenador do Museu Virtual de História do Piauí. Contacto: francisconascimento@ufpi.edu.br.



ELAS E A CIDADE QUE SE TRANSFORMA: O PROTAGONISMO FEMININO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DE TERESINA-PI (1977-1979)

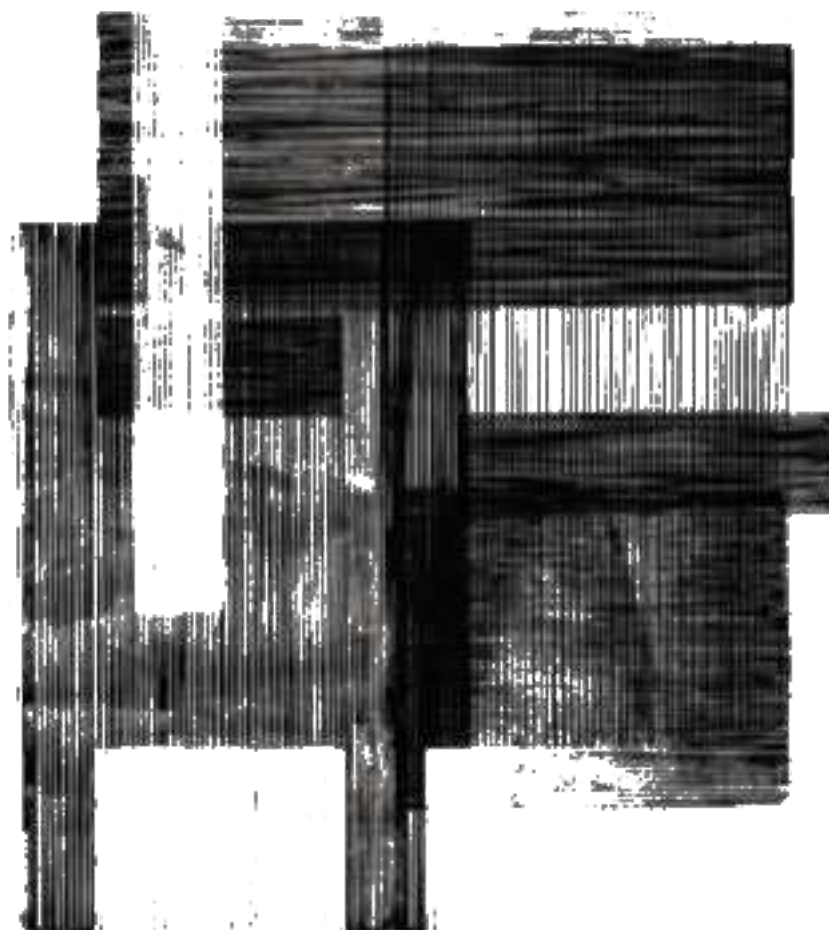
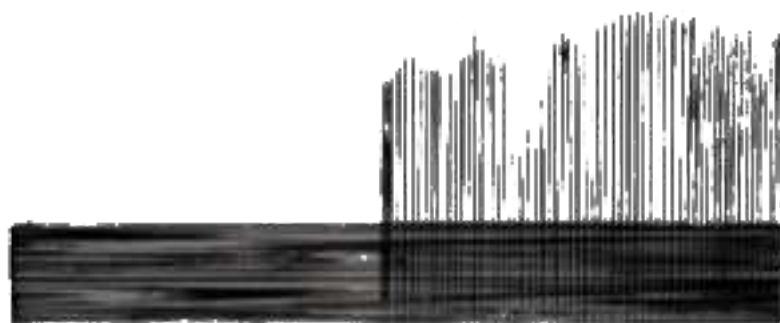
Marcelo de Sousa NETO, Universidade Estadual do Piauí, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

Este trabalho investiga as formas de acesso à moradia popular em Teresina, Piauí, Brasil, por meio da análise da construção e ocupação do Conjunto Dirceu Arcoverde, entre 1977 e 1979. O estudo privilegia as memórias das moradoras, reconhecendo seu protagonismo na modulação espacial e na formação histórica da região. Muitas dessas mulheres foram figuras centrais na decisão de se transferir para o novo habitacional, impulsionadas pelo desejo de uma casa própria e melhores condições de vida para suas famílias, mesmo diante de desafios como a precariedade das moradias e a falta de infraestrutura básica. O recorte temporal abrange um período de intenso processo migratório e transformação urbana em Teresina, marcado por políticas de grandes obras. Nesse contexto, a pesquisa discute como a forte presença feminina foi determinante na alteração do cotidiano da cidade e no crescimento de uma nova região que acolheu grandes levas de novos moradores. A metodologia empregada combina fontes hemerográficas com a História Oral, através de entrevistas que permitiram acessar as experiências e lutas dessas mulheres, cujos relatos evidenciam a resiliência e a capacidade de adaptação na construção de um novo lar e de uma comunidade. Assim, o artigo demonstra como a cidade de Teresina assumiu novos contornos, moldados significativamente pela ação e pela memória dessas mulheres no processo de ocupação do Dirceu Arcoverde.

Palavras-chave: História, Cidade, Moradia Popular, Memória, Gênero.

Marcelo de Sousa NETO é Doutor em História, é Professor Associado da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, onde dirige a editora universitária e atua na graduação e pós-graduação em História. É Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí – PPGHB/UFPI. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (UESPI/FAPEPI) desde 2021. Coordenador de Área PIBID História - UESPI/CCM. Líder do Grupo de Pesquisa em História e Educação – GPHED/UESPI. Contacto: marcelo@ccm.uespi.br.



ARTE, A AUTORA DO ARTISTA: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE O PROCESSO CRIATIVO DO SHOW TERRA VISTA DA LUA

Felipe de OLIVEIRA, Universidade de Aveiro e Universidade do Estado de Minas Gerais, Portugal e Brasil

Resumo

Esta pesquisa parte de um relato de produção artística para averiguar os impactos que um processo criativo é capaz de causar na subjetividade de seu fazedor. Seu objeto é a produção de um show musical realizado pelo próprio pesquisador, tornado um estudo autoetnográfico que pretendeu evidenciar como não apenas o autor faz a obra, mas o processo de feitura de uma obra também faz seu autor, na medida em que impacta, atua, erode, recria e altera sua subjetividade. O processo gerou uma dissertação de mestrado, em que são analisados os procedimentos dos bastidores do espetáculo, cotejando o relato do processo aqui descrito aos conceitos de modos de subjetivação, em Michel Foucault, e infamiliar, em Freud. Assim, se evidencia como a arte é hábil em burlar os limites da nossa capacidade de simbolização das experiências, intercedendo quando nenhuma palavra parece adequada o suficiente para dar conta de descrever a concretude e materialidade de uma vivência. Concluímos que a arte oferece recursos para ampliar nossa habilidade de narrar o mundo e sustentar a inquietação do que não pode ser posto em palavras, dando novos contornos ao vivido que não estavam disponíveis ao sujeito antes da criação da obra.

Palavras-chave: Arte, Subjetividade, autoetnografia.

Felipe de OLIVEIRA é um cantor brasileiro que iniciou sua carreira musical em 2015, após uma trajetória no cinema, área na qual é graduado. O artista vincula a música à herança cênica deixada pela sua passagem pelo audiovisual, criando trabalhos de interseção entre som e cena. Gravou 3 álbuns: Coração Disparado (2018), Terra Vista da Lua (2021) – vencedor do Prêmio Popular da Música Mineira - e Velho Bandido (2025). Os trabalhos circularam por diversos palcos no país, dividindo programação com grandes nomes da música brasileira. Oliveira é também pesquisador e atualmente cursa o Doutorado em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais, com intercâmbio em curso na Universidade de Aveiro. Sua atuação profissional lhe possibilitou viabilizar suas realizações através de programas públicos e privados de financiamento à cultura, além de integrar, como parecerista, comissões de seleção de editais culturais. Contacto: avozdofelipe@gmail.com.

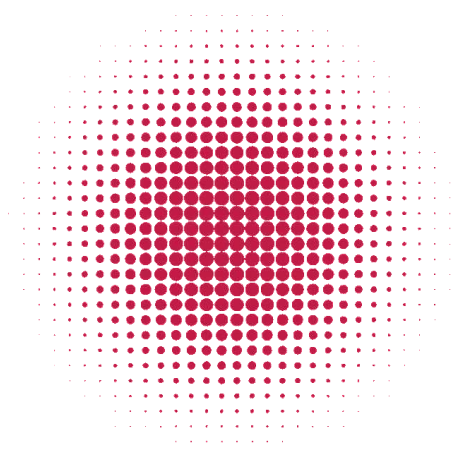


CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: PRÁTICAS ARTÍSTICO-ETNOGRÁFICAS AFRO-DIASPÓRICAS ENTRE CABO VERDE E ESPAÇO ACADÊMICO

Luana de OLIVEIRA, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

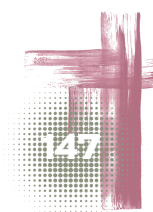
Este trabalho apresenta uma reflexão sobre práticas artísticas e performativas como formas de produção de conhecimento situado, articulando design etnográfico, memória ancestral e ativismo cultural afro-diaspórico. A investigação parte da minha prática enquanto artista multimédia e designer cabo-verdiana, nascida em Santiago, Cabo Verde, cuja produção é atravessada por experiências de migração, identidade racial e pertença cultural no contexto académico europeu. O projeto desenvolve-se a partir de uma metodologia híbrida entre investigação artística, observação etnográfica e recolha de narrativas orais. Através da dança tradicional cabo-verdiana, ilustração, design editorial, criação têxtil e produção de objetos performativos, procuro documentar e reinterpretar práticas culturais afrodescendentes como dispositivos de memória, resistência e transmissão intergeracional. A investigação inspira-se particularmente nas batucadeiras de Cabo Verde, mulheres historicamente associadas ao batuque enquanto forma de expressão corporal, resistência política e preservação cultural. Um dos eixos centrais deste trabalho foi a entrevista realizada com Nha Balila, batucadeira histórica e sobrevivente da fome de 1947 em Cabo Verde. O encontro funcionou como arquivo vivo e metodologia de escuta, permitindo recolher testemunhos sobre sobrevivência, corpo, performance e memória coletiva. Entre os resultados materiais desta investigação destacam-se a criação de bonecas articuladas inspiradas nas batucadeiras, com partes móveis que remetem para movimento, liberdade e agência corporal; a produção de t-shirts com mensagens identitárias e padrões africanos; e o livro *Nha Terra N Kre-u Txeu*, desenvolvido em colaboração com Vitória Salazar, integrando ilustração, escrita e design editorial como prática de valorização cultural e pedagógica. No contexto universitário, onde frequentemente ocupo uma posição de isolamento racial enquanto única mulher negra na sala de aula, esta prática assume também um carácter crítico e interventivo. A investigação questiona ausências e desigualdades estruturais nos espaços educativos e artísticos, propondo a arte como ferramenta de pertença, reconhecimento e empoderamento para crianças e jovens afrodescendentes.



Conceptualmente, o trabalho dialoga com epistemologias decoloniais, conhecimento situado e práticas artísticas engajadas, entendendo o corpo negro feminino como território de inscrição histórica e possibilidade de futuro. A performance surge não apenas como representação estética, mas como metodologia de investigação e ativação comunitária. Esta comunicação propõe discutir como práticas artístico-etnográficas enraizadas em heranças afro-atlânticas podem operar simultaneamente como arquivo, pedagogia e ação política, contribuindo para formas alternativas de produção de conhecimento nas artes e nas ciências sociais.

Palavras-chave: Memória Afro-Diaspórica, Investigação Artística, Práticas Performativas, Epistemologias Decoloniais, Batucadeiras de Cabo Verde.

Luana de OLIVEIRA é artista multimédia e estudante do 4.º ano da Licenciatura em Design de Comunicação na Universidade de Belas Artes. Nascida em Santiago, Cabo Verde, a sua prática artística investiga memória, identidade afro-diaspórica, ancestralidade e resistência através de desenho, performance, design editorial, criação têxtil e objetos inspirados em tradições culturais cabo-verdianas. O seu trabalho articula metodologias artístico-etnográficas e perspetivas decoloniais, explorando o corpo como arquivo vivo e ferramenta de transmissão intergeracional. Desenvolveu o livro *Nha Terra N Kre-u Txeu* em colaboração com Vitória Salazar, integrando ilustração, escrita e design editorial. Atualmente, dedica-se à criação de materiais artísticos e pedagógicos centrados em representatividade negra, educação visual e empoderamento de crianças e jovens afrodescendentes. Contacto: luao1601@gmail.com.



ENTRE AS ESCOLAS E O MUSEU: JOVENS E CRIANÇAS EM SUAS EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS PELA MARÉ-RJ

Mariana Muniz OLIVEIRA, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil, ISCTE, Portugal

Resumo

O trabalho em tela apresenta e discute a relação entre arte, corpo e território a partir de experiências realizadas em duas escolas localizadas no Conjunto de favelas da Maré-RJ- Brasil entre 2024 e 2025. Da Escola Municipal Nova Holanda, Nova Holanda, um grupo formado por crianças de 8-9 anos, alguns pais, ex-alunas e pesquisadores adultos partiram rumo ao Museu da Maré, reconhecido por sua relevância de preservação da história do território e por ser um dos únicos museus situados em favelas. Apenas 1,4 km separam escola e museu, porém, a travessia por entre áreas de facções criminosas rivais, não raramente, impede a realização do percurso. Tal fato reafirma a importância da promoção de atividades desse tipo pela escola de modo a perceber seu território para além da fronteira, entendendo a favela como espaço de produção cultural e artística. Outra iniciativa tem origem no CIEP César Pernetta, Parque União, em que jovens, muitas/os dos quais nunca foram a um museu, dispõem suas obras de arte feitas de materiais reciclados. Estudantes, assim, criam arte para comunicar o aprendizado trilhado durante o trimestre escolar. Através de um projeto escolar implantado no chão da instituição como avaliação final obrigatória, o corpo discente se torna pesquisador-ativo produzindo artes para suas apresentações/exposições pedagógicas. São realizadas montagens artísticas/fotográficas, em que as/os estudantes assumem o papel de curadores de uma exposição museal, desempenhando funções múltiplas, como pintores, redatores, finalizadores, organizadores espaciais, palestrantes, etc. Vale ressaltar que, ao transformar a sala de aula em uma ala de museu, os estudantes oferecem às suas apresentações um giro epistemológico favelado: a sala expositiva é feita a partir de suas vivências e experiências nascidas dentro da favela. Tal fato gera um a(r)tivismo sócio-cultural que ensina aos mestres e estudantes de outras turmas. Além disso, o museu escolar desenvolvido não copia a estaticidade dos museus institucionais: as obras de arte se movem, são tocadas, apreciadas para além do olhar. Nesta perspectiva, todos os sentidos estão envolvidos com a música do ambiente, com a fala dos estudantes, com a representação teatral criada para a apresentação de seus trabalhos. Este relato de experiências é, portanto, confeccionado por muitas cabeças e corações, sendo construído por duas professoras-pesquisadoras e com as/estudantes de diferentes faixas etárias.

As práticas supracitadas tinham como objetivos valorizar o território favelado em que escola e museu se inserem, além de estimular o senso de pertencimento à Maré, por meio do deslocamento por entre seus espaços. Além da amizade que une estas duas mulheres pretas e faveladas, a linha da reminiscência aproxima suas práticas, sendo o fio responsável pela confluência entre o passeio ao Museu e a exposição feita na escola. É fundamental mencionar que não há objetos trazidos de outros territórios, tudo é memória, criatividade, produção de conhecimento destes praticantes pensantes do cotidiano favelado – os criadores são parte de suas criaturas/criações e vice-versa.

Palavras-chave: Maré, Escola, Museu, Emancipação, Arte.

Mariana Muniz OLIVEIRA é formada em Letras Português/Literaturas- UERJ; Especialista em Literatura Brasileira- UERJ; Mestra em Educação- PUC- Rio; Doutoranda PPGE- PUC- Rio; Membro do Estetipop - Laboratório de Pesquisa Antropológica em Estéticas, Aprendizagens e Cultura Pop/Popular; Estudante em modalidade Doutorado-Sanduiche no ISCTE; Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Contacto: mariaanamuniz@gmail.com.



P-T





A PELE QUE HABITO: A MATERIALIDADE DA PELE E A ECOLOGIA POLÍTICA DO CORPO

Jaqueline PARAENSE, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Resumo

A pesquisa intitulada “A Pele que Habito: A Materialidade da Pele e a ecologia política do corpo”, parte do problema de que materiais capazes de evocar ou emular a pele humana ainda são pouco explorados no campo das artes visuais como estratégia poética. Diante disso, pergunta-se de que maneira a investigação de materiais não convencionais — orgânicos e inorgânicos — pode possibilitar a criação de obras que produzam reflexões críticas sobre as construções sociais de gênero, raça e classe. Parte-se da hipótese de que a experimentação com tais materiais pode constituir uma poética artística capaz de tensionar criticamente essas estruturas, evidenciando a materialidade da pele como campo de reflexão sobre o corpo, suas marcas e suas implicações políticas. Assim ao investigar a pele como suporte e linguagem artística, a pesquisa articula corpo, memória e matéria, compreendendo- a não apenas como território simbólico de inscrição social, mas também como uma membrana ecológica que estabelece trocas entre corpo, ambiente e estruturas sociais, criando um espaço de fricção entre vulnerabilidade e potência. O ponto de partida conceitual reside na compreensão do corpo — e, mais especificamente, da pele — como fronteira simbólica e física entre o sujeito e o mundo. A pele é entendida como uma superfície que registra e inscreve, muitas vezes de forma inconsciente, as relações sociais e culturais que moldam a existência e a identidade de corpos feminizados e racializados, historicamente posicionados à margem das estruturas hegemônicas de poder. A investigação envolve a experimentação de materiais como pele sintética, pele de porco e a própria pele da artista-pesquisadora, analisando tonalidades, processos de pigmentação, conservação, contraste e elasticidade como qualidades que orientam a produção de objetos artísticos capazes de trazer um desconforto crítico diante dessas estruturas, e ao trabalhar suportes orgânicos e biomiméticos que evocam tecidos vivos, a investigação aproxima-se de debates presentes no campo da bioarte. A escolha desses materiais não é neutra: eles evocam a carne exposta, o corpo vulnerável, o limite entre o humano e o abjeto - conceito que, segundo Judith Butler (2019), refere-se aos corpos que são excluídos das normas da inteligibilidade social, por não se adequarem às convenções de gênero, sexualidade ou aparência. Metodologicamente, a pesquisa articula revisão e aprofundamento teórico de autores como David Le Breton, Angela Davis, Judith Butler, Valeska Zanello, Carol J. Adams, Anne Lafont, Sandra Rey e Silvana Jeha, com uma investigação prática, em Artes Visuais, de caráter experimental, processual e documental, desenvolvida em ateliê, que busca referências nos trabalhos artísticos da artista Costarriquenha Priscilla Romero Cubero, dos artistas Brasileiros Luiz Escanuelã e Adriana Varejão, e do artista Indo-Britânico Anish Kapoor. Portanto, a pesquisa em questão propõe uma abordagem sensível e crítica, na qual o fazer artístico está imerso na experimentação como forma de pensamento. Configurando o ateliê como laboratório de investigação material e crítica, no qual a materialidade da pele- real ou simulada- torna-se dispositivo para pensar subjetividades, ecologias do corpo e políticas da carne.

Palavra-chave: Materialidade da Pele, Corpo e Política, Bioarte, Género, Raça e Classe, Ecologia do Corpo.

Jaqueline PARAENSE é natural de Salvador, desenvolve uma prática artística que atravessa questões sociais e de género, com ênfase na investigação da materialidade da pele como suporte para desdobramentos poéticos. Sua relação com a pele iniciou em 2017, ao ingressar no campo da tatuagem como aprendiz. Essa experiência corporal e simbólica passa a atravessar sua pesquisa acadêmica durante a graduação em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFBA, onde investigou os potenciais estéticos e políticos do corpo feminino tatuado e modificado com apoio do programa institucional de bolsas de experimentação artística (PIBExA/UFBA), resultando em obras instalativas, experimentações com pele artificial e um curta-metragem performático, apresentados no congresso UFBA 2024. Atualmente é mestranda em Processos de Criação Artística no PPGAV-UFBA e participou de exposições coletivas em Salvador e São Paulo, como Perambulagens, O Feminino na Arte, Fronteiras Flutuantes e Reza Forte. Contacto: Jaqueline.paraense.13@gmail.com.



ARTIVISM AS FEMINIST INTERVENTION: VISUALIZING AGENCY AND INTERSECTING INEQUALITIES

Fatima-Ezzahraa RADOUANE, Laboratory of Applied Language and Culture Studies, Universidade de Chouaib Doukkali, Morocco

Raja RHOUNI, Laboratory of Applied Language and Culture Studies, Universidade de Chouaib Doukkali, Morocco

Karima BOUZIANE, Laboratory of Applied Language and Culture Studies, FLSH, Universidade de Chouaib Doukkali, Morocco & CEOS.PP, ISCAP, Portugal

Abstract

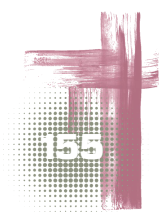
Contemporary visual art is increasingly shaped by ARTivism, as artists move beyond the ideal of l'art pour l'art (art for art's sake) to engage directly with social and political realities. In this shift, art is no longer confined to aesthetic concerns but becomes a means of expression, intervention and critique. In the Moroccan context, this ARTivist turn is particularly pronounced in the work of Zainab Fasiki, whose practice as a feminist activist, visual artist and comic illustrator, mobilizes art as a critical tool for intervention, advocacy and social change. Using a detailed Barthesian semiotic approach, this study analyzes visual artworks of Fasiki at both denotative and connotative levels. Moreover, drawing on hook's concepts of "coming to voice" and "talking back", alongside an intersectional framework, this study investigates the ways visual art functions as a medium by which marginalized voices articulate presence, agency and critique. Findings illustrate that the marginalization represented in Fasiki's work is intersectional, and it is produced through the convergence of multiple overlapping structures of oppression that shape and constrain women's lived experiences, which further position them unevenly within gendered hierarchies. Findings further convey that Fasiki, using art, talks back to the inequalities faced by marginalized women while equally comes to voice to stress their agency by amplifying their voices and highlighting their attempts to resist oppression. Overall, this study contributes to the scholarship on ARTivism and feminist visual art by shedding light on how visual art operates as a crucial form of expression and activism through which artists engage with social and political issues, raise awareness and foster social change. More specifically, it demonstrates that visual practices can function as forms of "talking back" that do not rely solely on overt opposition, but also operate through subtle acts of representation and visibility.

Keywords: Artivism, Feminist Visual Art, Intersectionality, Voice and Agency, Social Change.

Fatima-Ezzahraa RADOUANE is a doctoral student at Chouaib Doukkali University, El Jadida, Morocco. She is also a teacher of English as a foreign language in Casablanca. Her research focuses on contemporary Moroccan visual art, particularly feminist ARTivism, examining questions of voice, agency, and representation through postcolonial feminist and intersectional frameworks. She also maintains a personal practice in painting, which informs her engagement with visual culture. Contacto: radouane.fatimaezzahraa@ucd.ac.ma.

Raja RHOUNI is a full professor at the department of English, Faculty of Letters and Human Sciences, Chouaib Doukkali University, El Jadida, Morocco. She is the author of *Secular and Islamic Feminist Critiques in the Work of Fatima Mernissi* (Leiden and New York: Brill, 2010), and a number of articles and book chapters on feminist thought in Morocco and Islamic feminism. Rhouni is the recipient of several international grants, such as a postdoctoral fellowship in the research program "Europe in the Middle East – The Middle East in Europe," of the Berlin Institute for Advanced Study, Berlin, Germany (2006-2007), or the Junior Fellowship grant from the Institute for the Study of Islamic Thought in Africa (ISITA), Program of African Studies, Northwestern University, Evanston, United States. She is currently a member of the Fatema Mernissi Chair, HEM and Mohammed V University, Rabat, Morocco. She is also a member of the ALCS Laboratory at Chouaib Doukkali University. Contacto: rhouniraja@yahoo.com.

Karima BOUZIANE is an Associate Professor at Chouaib Doukkali University. She holds a Doctorate in Intercultural Communication and Translation Studies. She leads the Cross-cultural Studies and Media research group at the ALCS Laboratory. She is a Research Associate at both LERIC Laboratory, FLSH, El Jadida, and CEOS.PP, ISCAP, Polytechnic of Porto, Portugal. She serves as Editor-in-Chief of CMS and IAJESP Journals. Bouziane is also an artist (painter) who has participated in multiple individual and collective projects addressing social and environmental issues. Contacto: bouziane.k@ucd.ac.ma; bouzianekarima@iscap.ipp.pt.

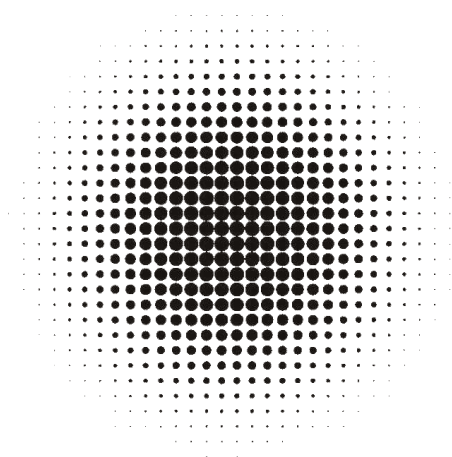


ARTE, ATIVISMO E CIDADANIA

André RAMOS, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Centro de Estudos de Arquitetura - do Território ao Design, Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo

Nada é mais sustentável que a cidade. Ainda que o desejo-manifesto de Carlos Moreno coloque a cidade enquanto (a) parte da solução, nada continua a parecer tão insustentável quanto a cidade, pelo menos enquanto o corpo urbano continuar a reproduzir e a criar novas injustiças sociais. Tal obriga-nos permanentemente a questionar o nosso papel enquanto urbanitas no processo de cura desde dentro (da cidade). A gentrificação da cidade contemporânea promove a necessidade de procura de outros lugares do espaço urbano, sem que isso tenha resultado numa redistribuição funcional e simbólica. E assim, nos centros gentrificados, a cidade de proximidade resiste. Uma leitura diacrónica revela que desde a segunda metade do séc. XX temos assistido a um percurso social, cultural e morfológico nas nossas cidades em direção ao prazer, ao lazer, ao entretenimento, onde se destacam a viagem e a economia especulativa. Nesse contexto, argumenta-se que um conjunto daquilo que chamamos objetos-espaciais - um emaranhado de lugares, arquiteturas e projetos culturais e criativos, relacionados com uma ideia de espaço público quotidiano de fruição (e de produção) - estão, espontaneamente, a operar um processo de simultâneo combate/promoção à gentrificação e turistificação. Ainda que uma real responsabilidade destes objetos-espaciais possa escapar à mensuração (como contabilizar o imaterial e o complexo?), torna-se fundamental construir uma aproximação que justifique porque é que o seu papel é duplamente decisivo: para as cidades se tornarem tão atrativas à apropriação económica; para que a cidade ainda resista. São estes os (alguns/uma justificada seleção dos) objetos de desejo de uma cidade que se desenha para a fruição. Objetos-espaciais simultaneamente desejados por quem a visita e dela se apropria, como de quem cá está todo o ano. Analisam-se espacialmente, simbolicamente, socialmente e culturalmente estes objetos-espaciais e interpreta-se o seu papel nos movimentos e fluxos de vitalidade da cidade.



A apresentação focará os resultados preliminares de uma investigação de base autoetnográfica, em curso. Analisa-se um fenómeno criativo e cultural que parte da minha própria experiência enquanto agente/ator nesse contexto-cenário de nicho. Nesse sentido, investiga-se através de um ponto de vista de uma loja-galeria de esquina na contemporaneidade da cidade do Porto. Fomentando a ciência cidadã, recorre-se à rede de proximidade, aos passos quotidianos de uma comunidade participante que se automapeia e convoca os objetos-espaciais que não são só determinantes para si (para o seu quotidiano de fruição), como para a vitalidade do espaço urbano. Por falta de distanciamento histórico, forma-se um arquivo-vivo, em constante construção, que produza os dados para investigar. Pretende-se discutir os temas da cidade contemporânea para a compreender e para contribuir com conhecimento para instigar e aconselhar a decisão política, económica, mas sobretudo social e cultural/contra-cultural da cidade, com vista ao seu contributo para a dimensão ecológica. Como objetivo secundário, pretende-se devolver conhecimento à comunidade-culture world que serviu de base e suporte à investigação, para que possa ser utilizado para influenciar positivamente o crescimento dos seus projetos e ajudá-los a superar desafios individuais/coletivos que, com a sua consciência ou não, promovem momentos espaciais de resistência.

Palavras-chave: Gentrificação, Espaço Público, Cidade Contemporânea, Objetos-Espaciais, Resistência Urbana.

André RAMOS (Viseu, 1984) é arquiteto, investigador e galerista. Investiga sobre os quotidianos de fruição urbana enquanto desafio programático para a vitalidade da cidade, explorando o papel das práticas culturais e criativas. Investigador colaborador no IS-UP. Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e no CeArq-TD, Centro de Estudos de Arquitetura - do Território ao Design. Doutorando no DARQ-UC, Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (2022-), com uma Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e mestre pela FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (2002-10). Trabalhou em arquitetura de forma intermitente desde 2008, em colaborações, nome próprio ou parceria. Em 2013, com Sílvia Pinto Costa, criou a galeria de arte e design SCAR-ID, e em 2017 a marca ATER by SCAR- ID. Foi Professor de Educação Visual e Tecnológica na escola pública. Colabora pontualmente com jornais e revistas. Contacto: jmarramos@gmail.com.



DESCOLONIZANDO CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE E SUAS MARGENS, REPENSANDO MODOS DE REPARAÇÃO: CONFLUINDO COM SINHO BAESSA E SUAS CAMINHADAS AFETIVAS NOZ STORIA

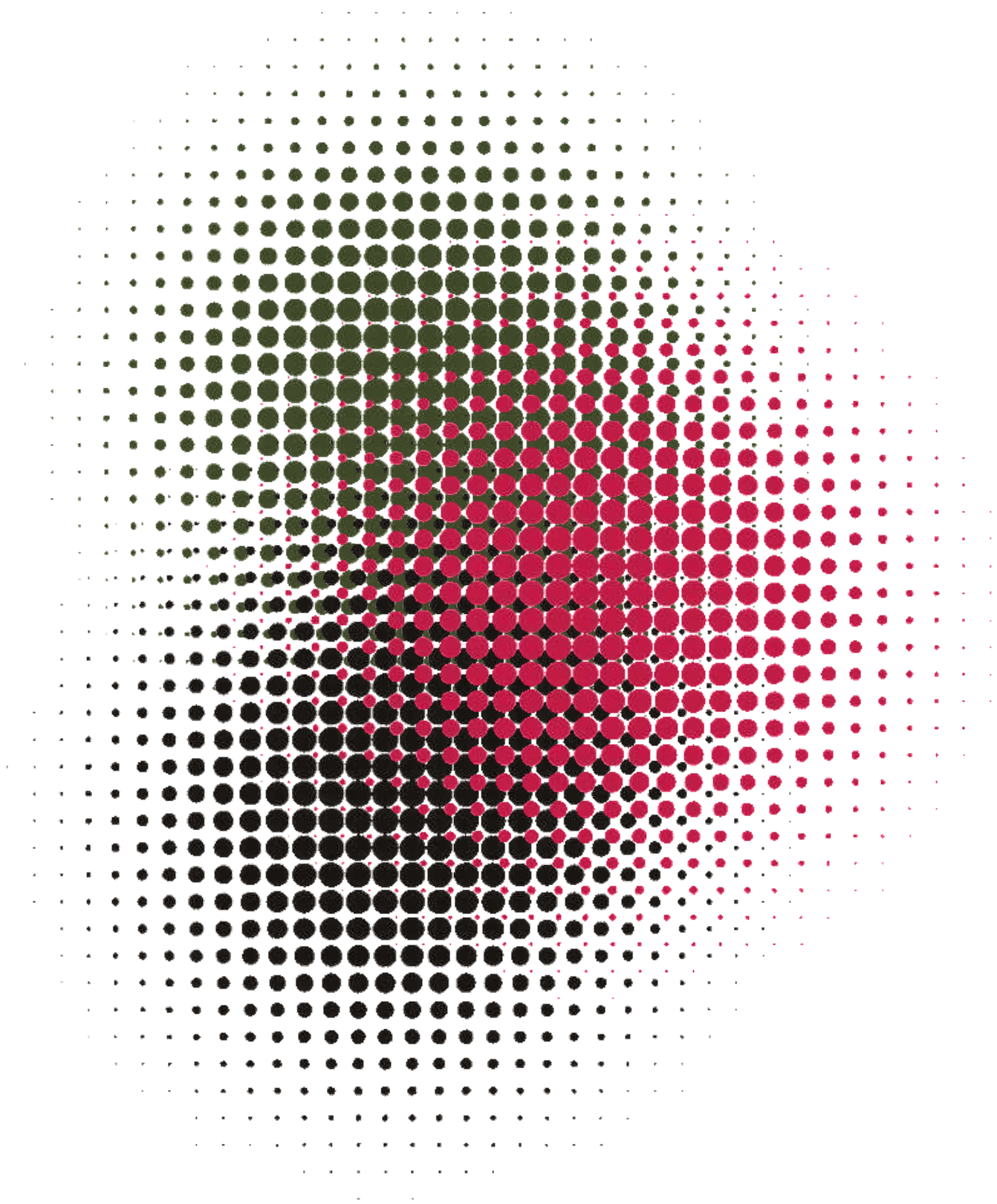
Paulo RAPOSO, CRIA/In2Past, ISCTE, Portugal

Resumo

É sobejamente conhecida a postura e a tradição científica clássica na qual museus, pesquisadores e colecionadores constituem e circulam arquivos com o objetivo de apresentar o “Outro”. Contemporaneamente, essas coleções etnográficas abandonam as reservas técnicas das instituições, de museus, galerias, bibliotecas, e seus acervos e reflexões académicas e especializadas são revisitadas e interpeladas, quando não postas em causa. Novos arquivos, de produção vernacular e tantas vezes de viés artístico, revelam significados que são atribuídos ao lugar e ao conhecimento situado sobre tais “histórias”, neles emergindo práticas de subversão e crítica dos acervos históricos e das chamadas histórias oficiais. Tenho vindo a acompanhar diferentes processos de produção destes arquivos vernaculares ou de práticas artivísticas que realinham a produção de narrativas e subvertem a ideia de que existem instituições legítimas/narrativas únicas que detêm, de forma privilegiada, tais patrimónios e memórias. Assim, nesta comunicação procuro trazer a experiência de um projeto de memorial e arquivo vernacular, baseado na dinâmica do storytelling da autoria de Sinho Baessa, intitulado Noz Storia. Este projeto, através de práticas de caminhada afetiva e contação de histórias biográficas, constitui-se numa outra versão da história dos bairros autoconstruídos, perifêrizados e racializados na cidade de Lisboa. Junto com Sinho Baessa, artista e ativista negro e morador destes bairros consecutivamente destruídos, pretendemos interpelar e melhor entender estas novas dinâmicas e desafios que se colocam à produção de conhecimento situado e que se podem também entender como modalidades contracoloniais de ativismo ou de uma estética socialmente comprometida e politicamente engajada.

Palavras-chave: Ativismo, Memória Coletiva, Contracolonialidade, Noz Storia, Sinho Bessa.

Paulo RAPOSO é doutorado em Antropologia e Professor no Departamento de Antropologia do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, tendo sido Professor visitante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no Brasil em 2009-10 e 2017-18 e na Universidade Federal Fluminense (2014). Foi Vice-Presidente do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e Diretor do Polo CRIA-IUL (2018-21). É Diretor do Laboratório de Audiovisuais do CRIA-ISCTE. Realizou várias investigações em Portugal, Espanha e Brasil trabalhando sobre temáticas como o corpo, ritual, património, turismo e, sobretudo, na área das performances culturais, práticas artísticas e ativismo político. Trabalha e colabora com diversas estruturas teatrais e em eventos culturais. Contacto: paulo.raposo@iscte-iul.pt.



O JOGO DOS REFLEXOS: A GUERRA E O RACISMO INTERNACIONAIS COMO ELEMENTOS DE DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO PORTUGUÊS E DA GUERRA COLONIAL (1961-1974)

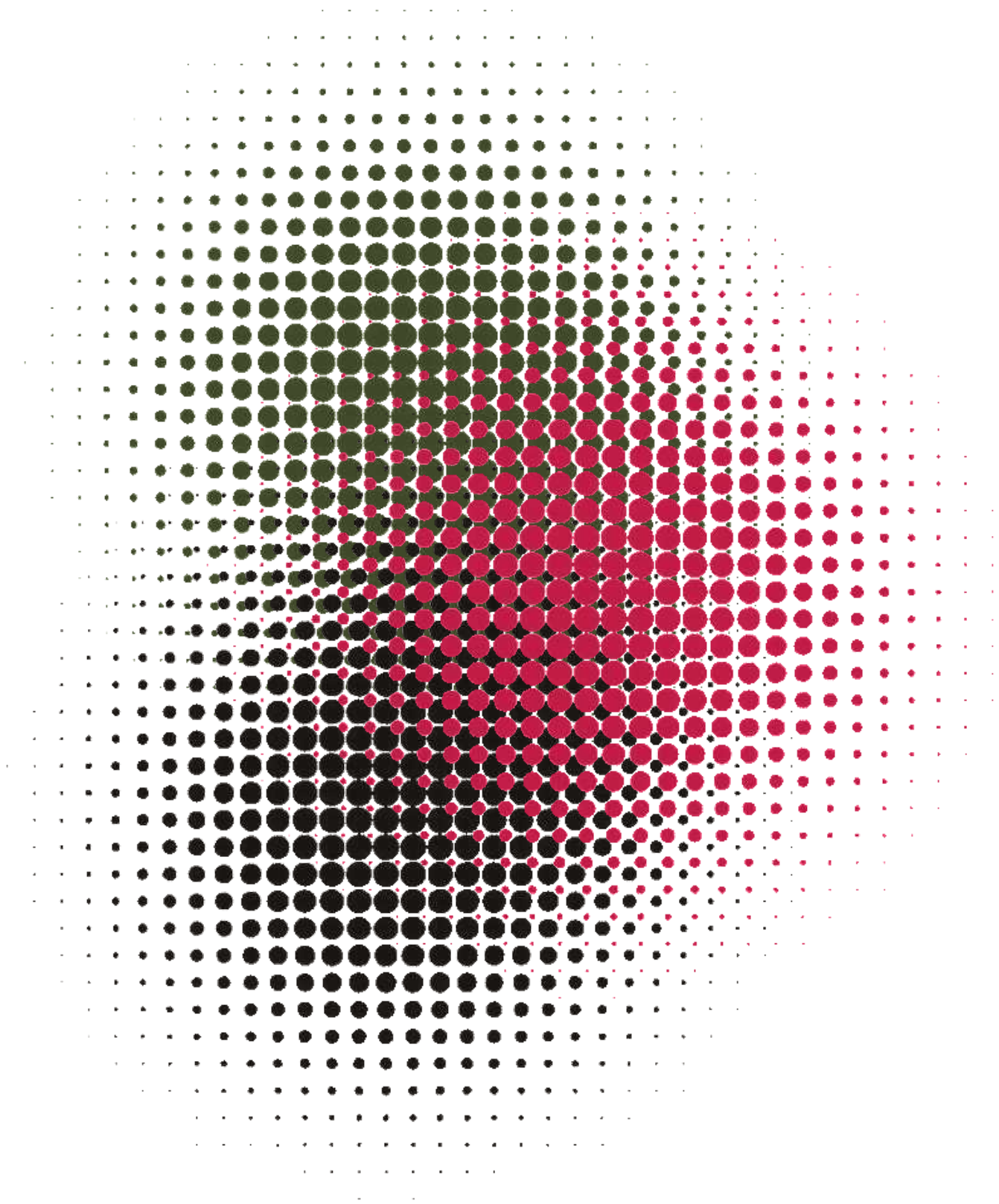
**Pedro RÉQUIO, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/
Centro de Estudos Sociais, Portugal**

Resumo

Esta proposta procura evidenciar e sistematizar os elementos anti-guerra e anti-coloniais presentes na produção literária e ensaística portuguesa produzida durante o período da guerra colonial portuguesa (1961-1974). Apesar do contexto ditatorial e da vigia atenta da censura aos temas mais sensíveis, tais como a guerra colonial, os autores considerados para este estudo foram capazes de aludir ao confronto, bem como à injustiça do sistema colonial através de subtilizes literárias ou também graças à alusão a elementos exógenos, mas articuláveis com a realidade portuguesa, configurando assim uma postura política explicitamente alinhada com os movimentos de libertação africanos. Os elementos exógenos coevos em questão são a guerra do Vietname, os movimentos dos direitos civis africanos, a exploração do terceiro mundo, mas também a alusão a guerras passadas, tais como a segunda grande guerra ou as lutas independentistas de povos já autónomos. Com a revolução na imprensa e no meio editorial da década de 1960, em grande medida impulsionada pelos intelectuais oposicionistas, Portugal entrou numa nova fase, transformando-se numa “sociedade dual em evolução”, como categorizou o sociólogo Adérito Sedas Nunes. Pois, apesar do isolamento provocado pela ditadura, a proximidade com o mundo exterior tornou-se maior. Os objetivos desta proposta consistem assim na identificação de estratégias usadas pelos autores para aludirem aos temas mais incómodos à censura durante a fase final do Estado Novo: a guerra o colonialismo e o racismo “em português”.

Palavras-chave: Guerra Colonial Portuguesa, Racismo, Anticolonialismo, Censura, Estado Novo.

Pedro RÉQUIO é licenciado em História na Faculdade de letras da Universidade de Coimbra. Mestre em História Contemporânea pela mesma instituição. A sua dissertação de Mestrado intitulou-se Mudança Cultural e Política da Academia de Coimbra: O caso da Via Latina (1958-1962). Foi investigador júnior no projeto 25AprilPTLab e encontra-se a realizar o doutoramento Discursos: Cultura, História e Sociedade. As suas áreas de domínio centram-se na história política e cultural do século XX e também nas ligações entre a arte e as ideologias. Contacto: pedrorequio@ces.uc.pt.



EM PROL DE UMA RECONFIGURAÇÃO DA ARTE POPULAR NO SÉCULO XXI: UMA PROPOSTA A PARTIR DO CONTEXTO PORTUGUÊS

Maria Manuela RESTIVO, CRIA-Universidade do Minho, Portugal

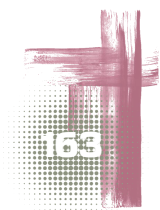
Resumo

Durante o Estado Novo, a arte popular foi amplamente instrumentalizada como parte das políticas culturais estatais, ajudando a promover ideais de simplicidade, humildade e autenticidade nacional propagadas pelo regime. A figura estetizada do camponês tornou-se central nesta narrativa, sendo difundida em exposições, museus e publicações diversas. Objetos classificados como arte popular foram, por sua vez, integrados em dispositivos expositivos e o seu consumo incentivado, servindo para decoração quer de espaços domésticos quer de edifícios públicos e pousadas. A investigação que tenho realizado vem demonstrar que a associação da arte popular ao regime do Estado Novo deixou marcas duradouras, contribuindo, no período pós-ditatorial, para uma persistente ambivalência em torno do conceito de arte popular. Essa ambivalência tem tido consequências epistemológicas e institucionais significativas. Por um lado, o conceito permanece frequentemente associado a leituras conservadoras ou folclorizantes; por outro, o seu enquadramento institucional continua frágil, como evidencia o encerramento do Museu de Arte Popular e a ausência de estruturas consistentes de investigação, documentação e exposição dedicadas a este campo. Consequentemente, a arte popular tem permanecido em Portugal numa posição marginal, situada entre a etnografia, a história da arte e os estudos patrimoniais, mas sem plena legitimação em nenhum destes campos. Partindo deste diagnóstico, esta comunicação propõe uma reavaliação crítica da relevância da arte popular no século XXI, defendendo a necessidade da sua reconfiguração conceptual e do seu reconhecimento institucional no contexto português. Numa primeira etapa, será traçada uma breve genealogia do conceito e da sua configuração histórica em Portugal. Num segundo momento, partindo de estudos recentes, será proposta uma leitura da arte popular que ultrapassa os modelos herdados, como a ideia de uma autoria coletiva, a tipificação regional e a subalternização estética, sublinhando antes a centralidade da intencionalidade formal e da singularidade dos percursos individuais. Desta forma, defende-se a centralidade da arte popular para os debates pós-coloniais, já que ela permite uma revisão das narrativas hegemónicas da história da arte e a necessidade de incorporação de práticas historicamente marginalizadas no campo artístico. Por fim, a comunicação discutirá algumas condições para a sua efetiva institucionalização, considerando o papel dos museus, das universidades e dos circuitos de legitimação artística na construção de novos enquadramentos críticos.

Esta reflexão decorre de uma investigação desenvolvida entre 2016 e 2026 sobre arte e artistas populares portugueses, combinando pesquisa historiográfica com trabalho de campo etnográfico, nomeadamente observação participante e entrevistas a artistas, colecionadores e outros agentes do meio. Ao cruzar estas abordagens, a comunicação pretende contribuir para uma compreensão mais fundamentada da arte popular em Portugal, bem como defender a sua plena inscrição nos campos artísticos nacionais.

Palavras-chave: Arte Popular, Estado Novo, Património Cultural, História da Arte.

Maria Manuela RESTIVO é antropóloga e investigadora. É licenciada em Antropologia pela Universidade de Coimbra, mestre em Museologia pela Universidade do Porto e doutorada em Estudos de Património – História da Arte pela mesma universidade, através de uma bolsa de estudos da FCT (2017-2022). Trabalhou em várias instituições públicas e privadas, como o Palácio da Pena, a galeria Cruzes Canhoto ou o IHRU. Realiza investigação, exposições e publicações em torno das práticas artísticas populares e vernaculares, recorrendo a colaborações frequentes com artistas e designers. Atualmente é investigadora integrada do CRIA-UMinho no âmbito do programa CEEC (2024-2030). Contacto: mariammanuelarestivo@gmail.com.



RIOT GRRRANDE DO SUL: PUNK, FEMINISMOS E DECOLONIALIDADE PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

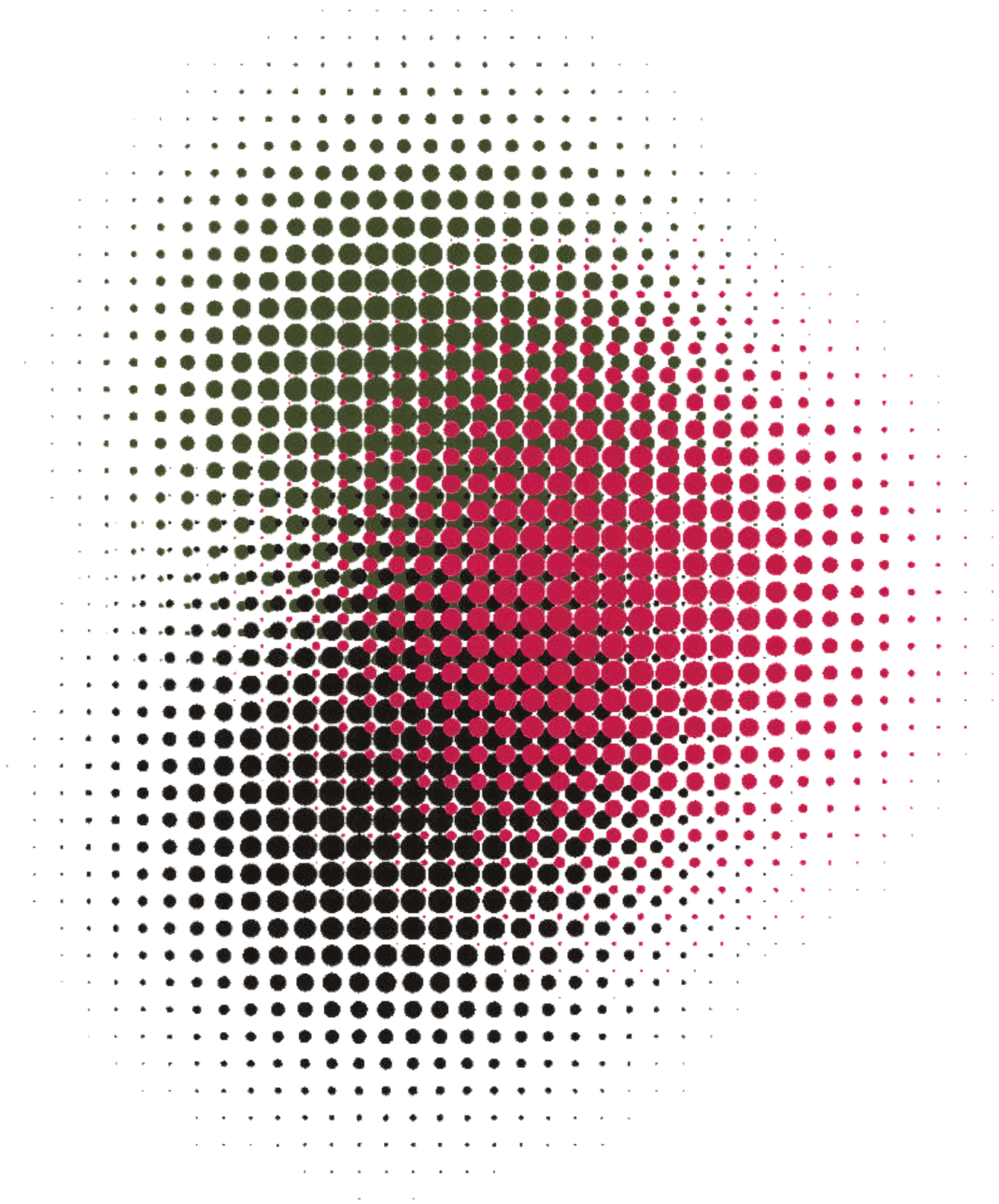
Adrienne REYES, Investigadora Independente, Brasil

Resumo

RIOT Grrrande do Sul, cujo nome propõe uma mescla entre a Escuela del Sur de Joaquín Torres-García e o movimento Riot Grrrl, é uma pesquisa independente e em andamento que investiga/articula feminismos e decolonialidade no contexto das cenas musicais underground protagonizadas por mulheres cis/trans e pessoas queer no Sul da América (cuja nomenclatura adotada por esta pesquisa é o termo indígena “Abya Yala”). Nascido da sub-representação e subalternização das mulheres na indústria da música e da urgência em retomar epistemologias silenciadas pelo patriarcado capitalista colonial, o projeto é fundamentado pelo pensamento de autoras como Rita Segato, Yuderkys Espinosa, Lélia González, Maria Galindo, Nego Bispo e Ailton Krenak, e exercitado a partir de práticas artísticas e comunicacionais em ambientes online e offline. Estruturado em quatro eixos de atuação, o RIOT Grrrande do Sul: 1) cria projetos artísticos que refletem sobre a música e a cultura do Sul de Abya Yala, além de projetos de design e comunicação (como capas de disco, zines e logotipos) para bandas e artistas mulheres historicamente marginalizadas pelas indústrias culturais e pela crítica musical tradicional; 2) faz a curadoria e difusão de artistas e bandas debruçadas sobre pautas feministas e decoloniais, com especial atenção às artistas indígenas; 3) promove encontros presenciais para coletivizar práticas e ideias decoloniais, como rodas de mate e oficinas de zine e 4) realiza pesquisas para abordar inquietações das cenas musicais feministas. O projeto busca desafiar as estruturas patriarcais, eurocêtricas e extrativistas que organizam o campo cultural usando a ética do “faça você mesmo”, as redes colaborativas e os circuitos alternativos, historicamente centrais para o punk feminista, compreendidos como estratégias-chave para a existência, a resistência e a criação. Ao mapear a diversidade de cenas musicais underground de Abya Yala, o projeto contribui para a construção de uma memória cultural compartilhada, enraizada na pluralidade, na dissidência insurgente e nas especificidades locais.

Palavras-chave: Cenas musicais independentes, Feminismos, Decolonialidade.

Adrienne REYES (Dride) é pesquisadora independente, designer/comunicadora, musicista. Mestra em Comunicação e Indústria Criativa (Universidade Federal do Pampa - São Borja - RS); Especialista em Teoria, História e Prática de Rock (Faculdade Santa Marcelina - São Paulo - SP); Bacharel em Desenho Industrial - Hab. em Programação Visual/Design Gráfico (Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria - RS). Contato: riotgrrrandedosul@gmail.com.



ECOLOGIAS DO APRENDER: PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMUNITÁRIAS, EPISTEMOLOGIAS SITUADAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ana ROCHA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo

Este trabalho propõe uma abordagem crítica às Ecologias do Aprender, posicionando-as como um campo epistemológico relevante no cruzamento entre artes, ciências sociais e humanidades. Argumenta-se que práticas artísticas comunitárias — frequentemente classificadas como periféricas ou informais — constituem formas legítimas de produção de conhecimento, cuja desvalorização resulta de hierarquias epistémicas associadas ao paradigma académico hegemónico. O principal objectivo é afirmar a equivalência de estatuto entre aprendizagens académicas e não académicas, contribuindo para a construção de modelos pluri-pedagógicos, integrativos e desierarquizados. O enquadramento conceptual mobiliza Epistemologias do Sul, pedagogias decoloniais e filosofias africanas, articulando princípios como interdependência, reciprocidade e cuidado. Defende-se uma concepção de conhecimento enquanto processo plural, relacional e situado, que emerge da experiência incorporada e da transmissão intergeracional. Neste contexto, as práticas artísticas são analisadas como dispositivos ético-políticos de produção, circulação e legitimação de saber. As “coreografias sociais” são propostas como categoria analítica central, permitindo evidenciar como corpo, território, memória e ancestralidade operam na organização social e na construção de conhecimento colectivo. Metodologicamente, a investigação adopta uma abordagem qualitativa, participativa e sensorial, ancorada na investigação-acção e em práticas artísticas engajadas. Recorre-se a observação participante, entrevistas narrativas e cartografias sociais para analisar dinâmicas de aprendizagem em contextos comunitários afro-diaspóricos, indígenas e periféricos. A investigação privilegia a co-produção de conhecimento, questionando a separação entre sujeito e objecto de estudo e reforçando a dimensão ética e política dos processos investigativos. Os resultados preliminares, ainda em estudo e desenvolvimento, demonstram que estas práticas configuram ecologias de aprendizagem baseadas na experiência vivida, desafiando modelos educativos normativos e hierarquizados. Evidenciam o papel das artes performativas na mediação de processos pedagógicos e sociais, promovendo coesão comunitária e sustentando práticas de resistência e transformação social. Mostram ainda que o conhecimento, nestes contextos, opera como prática relacional e partilhada, não redutível a formas de objectificação ou quantificação.

Este trabalho contribui para a legitimação de epistemologias situadas e para a expansão do campo das metodologias críticas nas artes e nas ciências sociais. Propõe uma reconfiguração dos modos de aprender e conhecer, baseada numa ética relacional e numa política de valorização da diversidade epistemológica. Neste quadro, as coreografias sociais afirmam-se como práticas de activ-acção crítica e cidadania, nas quais o a(r)tivismo assume um papel central na articulação entre produção de conhecimento, intervenção social e transformação colectiva.

Palavras-chave: Ecologias do Aprender, Práticas Artísticas Comunitárias, Coreografias Sociais; Aprendizagem Incorporada; Epistemologias Situadas.

Ana ROCHA (Porto, 1982) é coreógrafa, curadora, consultora, pedagoga e performer, trabalha em mediação na área da Cultura & das Artes há 23 anos, desenvolvendo uma linguagem de investigação e acção artística e sociopolítica comprometida com o desenvolvimento potencial do processo e do seu contexto. Ana Rocha opera em campos de multiplicidade e diversidade cultural, correlacionando pontos de reflexão e de transição, a partir do acompanhamento e da consultoria a instituições, organizações sem fins lucrativos, coletivos artísticos e criadores nacionais e internacionais. É formada em Artes Visuais e História da Arte e é doutoranda em Ecologia Humana na Universidade Nova de Lisboa. Contacto: ana.r.laranja@gmail.com.



IMAGINARIOS POSTANTROPOCÉNTRICOS.

INTERSECCIONES ENTRE ARTE Y ECOLOGÍA EN LA GALICIA CONTEMPORÁNEA

Noa Rodríguez RODRÍGUEZ, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

Resumo

Una apertura al estudio de la convergencia entre el discurso ecologista y el arte contemporáneo desarrollado en Galicia. Esta corriente encuentra sus raíces en los movimientos culturales de la década de 1960, como el arte povera, el land art y los earthworks, adquiriendo conciencia de sí misma en el contexto internacional a finales de siglo como resultado de un primer posicionamiento en torno a la crisis medioambiental. Es conocida por una amplia variedad de términos, como arte ecológico, arte-naturaleza o arte medioambiental, lo que genera una ambigüedad que dificulta la sistematización de su estudio. El objeto de estudio se centra en analizar las prácticas artísticas en Galicia desde las últimas décadas del siglo XX hasta la actualidad, en las que se abordan planteamientos de carácter postantropocéntrico y se promueve la sensibilización sobre retos como el cambio climático, la contaminación o la pérdida de biodiversidad en nuestra comunidad. Se analizan obras de gran diversidad material, reconociendo que la estética asociada a esta ética ecológica no es homogénea, sino que se manifiesta de manera amplia y plural. Esto incluye prácticas como el arte estrictamente ecológico, el bioarte, la fotografía, la pintura, la instalación y la performance, así como proyectos de recuperación llevados a cabo por artistas. Además, se abordará su presencia en espacios de exhibición tanto públicos como privados. El resultado final de la investigación teórica permitirá crear un mapa conceptual de la presencia en nuestra comunidad de una de las prácticas más ineludiblemente actuales, así como contribuir al pensamiento crítico y creativo contemporáneo. Los principales objetivos son: • Aproximarse al contexto histórico en el que surgen los primeros esbozos del arte ecologista en Galicia. • Analizar, desde la perspectiva de la historia del arte, los trabajos artísticos y curatoriales desarrollados bajo este marco, y crear así una cronología. • Recoger los nombres y la formación de los artistas que dedicaron, o siguen dedicando, sus esfuerzos a la creación de obras que orbitan en torno a los desafíos medioambientales. • Definir el papel de la innovación tecnológica en los proyectos artísticos recientes. • Conocer el impacto de los proyectos llevados a cabo en espacios específicos. Para alcanzar los objetivos planteados, la investigación se articulará a partir de un marco teórico sustentado en las aportaciones filosóficas de autores como Félix Guattari, Bruno Latour y T. J. Demos. A continuación, se realizará un análisis del surgimiento del arte ecologista a nivel internacional, para posteriormente centrarse en el contexto gallego, partiendo de las aproximaciones de Tonia Raquejo sobre ecoarte en España.

Este análisis se llevará a cabo a través de una revisión bibliográfica de diferentes materiales (catálogos de exposiciones, publicaciones especializadas y contenidos localizados en páginas web), así como de entrevistas a artistas y comisarios vinculados a las prácticas objeto de estudio, la asistencia a exposiciones, galerías de arte y bienales, con el fin de ampliar y contrastar el corpus de artistas y obras analizadas.

Palavras-chave: Arte ecológico, Postantropocentrismo, Arte contemporáneo galego, Crisis medioambiental, Ecoarte.

Noa Rodríguez RODRÍGUEZ (2001) es estudiante predoctoral del Departamento de Historia del Arte, pertenece al Grupo de Investigación Iacobus de la Universidad de Santiago de Compostela. Es graduada en Historia del Arte por la misma universidad y cuenta con un Máster en Gestión del Patrimonio Artístico y Arquitectónico, Museos y Mercado del Arte (USC-ULPGC). Compatibiliza la investigación sobre arte contemporáneo y ecología con la gestión cultural y la mediación en museos. El tema de su tesis surge a raíz del Trabajo Fin de Máster “Entre la Extinción y la Adaptación. Proyecto expositivo sobre arte y ecología en Galicia”, reconocido con el primer premio del programa ICARUS en la edición de 2025. Sus líneas de interés se centran en el arte



CÍRCULO VICIOSO: “UMA BEBEDEIRA PUXA OUTRA E LÁ VEM A MELANCOLIA”

Willians Alves da SILVA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

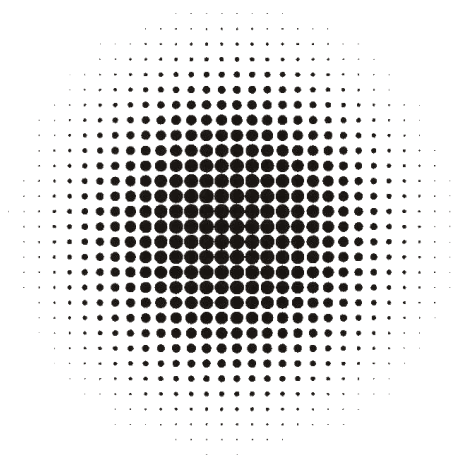
Teresinha de Jesus de Mesquita QUEIROZ, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Paula GUERRA, Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

O presente trabalho busca analisar o vício do álcool presente na vida do escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto, bem como os vários episódios de tristeza e melancolia ao qual era acometido. Abusando de libações alcoólicas para escapar de uma vida amarga e imersa em penúrias financeiras, Lima Barreto passará a sofrer alucinações; isto lhe custará a própria carreira como literato. Após uma crise violenta, os irmãos acharam melhor mandá-lo para a casa de um tio, em Guaratiba, Rio de Janeiro. Lá chegando, as crises se repetiram e cada vez mais fortes, obrigando o irmão, Carlindo, que já trabalhava na polícia, a remetê-lo num carro-forte para o Hospício Nacional dos Alienados. Nas cidades, os hospícios e asilos de alienados regurgitavam. O sofrimento e a penúria levavam ao álcool, “para esquecer”; e o álcool levava ao manicômio”. Para entender tais questões, a pesquisa lançará mão de um corpus documental composto pelos diários, correspondências e crônicas do romancista carioca. Em que pese tratar-se de um autor e de uma obra já bastante estudados, o trabalho debruça-se especificamente sobre a escrita íntima de Lima Barreto, adotando para tanto toda a constelação conceitual que permite, no campo da história, enfrentar o problema da “escrita de si”. Teoricamente e metodologicamente, a pesquisa dialoga com autores como Francisco de Assis Barbosa (1981), Nicolau Sevcenko (1989), Angela de Castro Gomes (2004), Michel Foucault (2004), Jean Starobinski (2016), além de outros.

Palavras-chave: História, Lima Barreto, Álcool, Loucura, Primeira República.



Referências Bibliográficas

- Barbosa, F. de A. (Org.). (1956). *Obras de Lima Barreto: Correspondência ativa e passiva* (Vol. 2). Brasiliense.
- Barreto, L. (1956). Correspondência. F. de A. Barbosa (Org.). Brasiliense. (Obras de Lima Barreto).
- Barreto, L. (2021). *Obra reunida* (2.^a ed., Vols. 1–3). Nova Fronteira.
- Botelho, D. (2017). *A pátria que quisera ter um mito: História, literatura e política em Lima Barreto*. Prismas.
- Foucault, M. (2019). *História da loucura na idade clássica* (12.^a ed.). Perspectiva.
- Reis, D. A., & Rolland, D. (Orgs.). (2010). *Intelectuais e modernidades*. Editora FGV.
- Resende, B., & Valença, R. (Orgs.). (2004). *Lima Barreto: Toda crônica* (Vols. 1–2). Agir.
- Sevcenko, N. (1989). *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (3.^a ed.). Brasiliense.
- Schwarcz, L. M. (2017). *Lima Barreto: Triste visionário*. Companhia das Letras.
- Starobinski, J. (2016). *A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza*. Companhia das Letras.

Willians Alves da SILVA é doutorando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI), com mobilidade internacional na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Portugal (Doutorado Sanduíche). Mestre em História do Brasil pelo PPGHB-UFPI. Graduado com Láurea Acadêmica em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí. Desenvolve pesquisas nas áreas de História e Literatura, História Intelectual e Primeira República. Atua como professor de História do Instituto Dom Barreto (Teresina-PI). Além disso, é membro dos grupos de pesquisa “História, Cultura e Subjetividade” e “História Cultura e Poder no longo século XIX brasileiro”. Contacto: williansalves@ufpi.edu.br.

Teresinha de Jesus de Mesquita QUEIROZ é graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí (1977) e Bacharel em Ciências Econômicas pela mesma instituição (1983). Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (1984) e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portella, onde atua junto ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (Mestrado e Doutorado). Desenvolve pesquisas sobre História e Literatura, História e Imprensa, História Política, História e Sociabilidades e Historiografia Piauiense. Contacto: teresinhaqueiroz@bol.com.br.



MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS DO PENSAR E FAZER HISTORIOGRÁFICO NO BRASIL

Gabriel Rocha da SILVA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

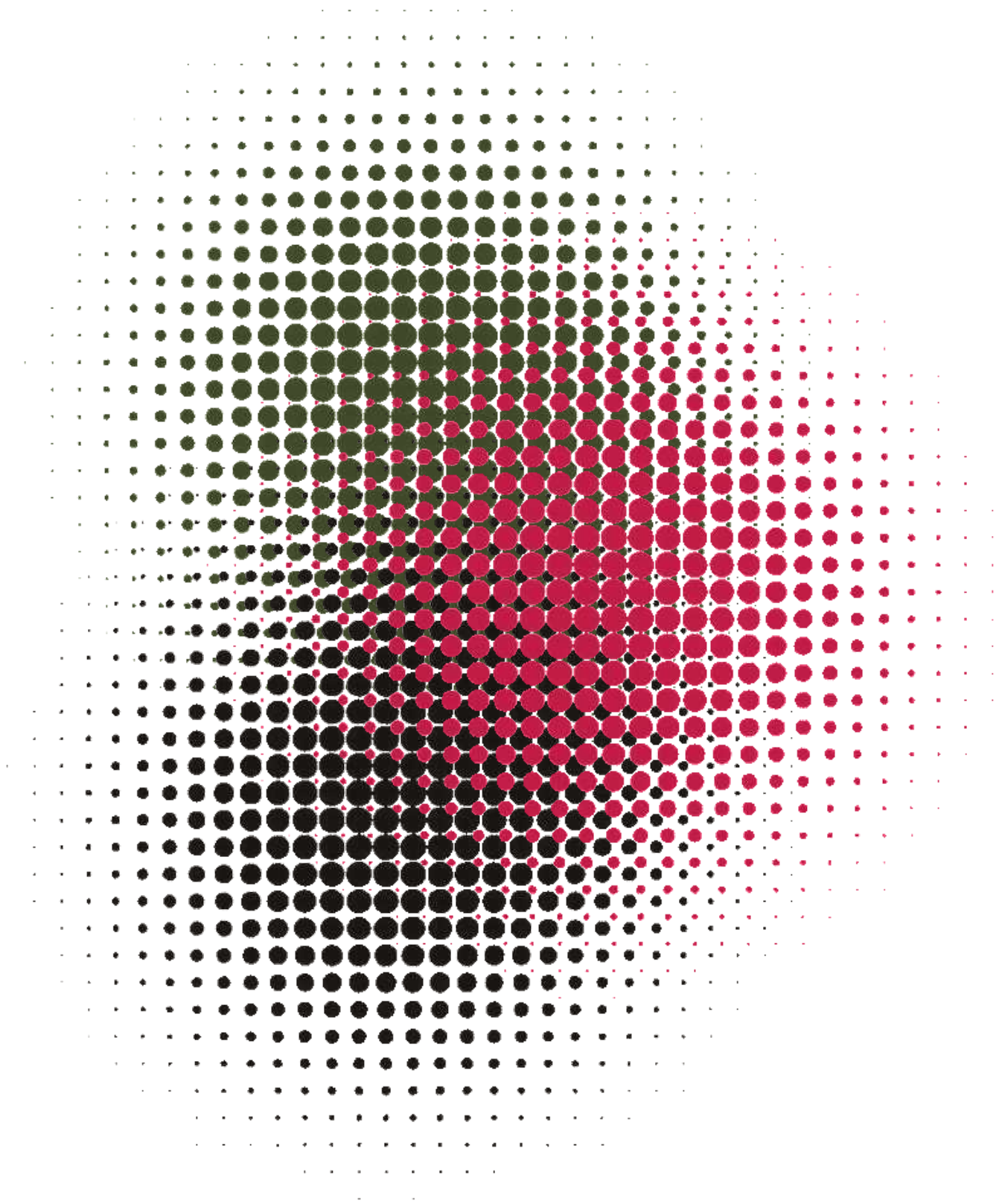
O final do século XX foi um período de efervescência intelectual, destacado pelas discussões sobre os domínios da história (Cardoso; Vainfas, 1997), suas variadas formas de produção do conhecimento histórico e os desdobramentos de tais exercícios intelectuais. Nesse sentido, a história enfatiza as complexidades das relações humanas (Boutier; Júlia, 1998). Essas discussões foram importantes para que, no início do século XXI, o cenário fosse positivo para o estudo de múltiplos objetos com os quais os historiadores operam. Diante dessa conjuntura, o referido painel propõe apresentar pesquisas desenvolvidas no Brasil, apresentando diferentes modos de pensar e produzir história, entendendo o historiador como um tecelão dos tempos (Albuquerque Jr., 2019).

Palavras-chave: Teoria da história, Historiografia, Produção do conhecimento histórico, Metodologia da história.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque Jr., D. M. de. (2019). *O tecelão dos tempos: Novos ensaios de teoria da história*. Intermeios.
- Boutier, J., & Julia, D. (Orgs.). (1998). *Passados recompostos: Campos e canteiros da história*. Editora UFRJ.
- Cardoso, C., & Vainfas, R. (1997). *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Campus.

Gabriel Rocha da SILVA é Graduado com Láurea Acadêmica em História e Mestre em História do Brasil. Atualmente é doutorando em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí (UFPI), com doutorado sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Portugal. Na condição de doutorando é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Desde a graduação, dedica-se a pesquisas sobre a história da saúde, das doenças e do estigma. Atualmente é membro do Grupo de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde no Piauí (Sana), do Núcleo de Estudos em Estado, Poder e Política e do Grupo de Pesquisa em História e Educação (GPHED). Contacto: gabrielr5431@gmail.com.



SAÚDE, IGREJA E HISTÓRIA: A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NAS DISCUSSÕES SOBRE A UNIVERSALIZAÇÃO DA SAÚDE NO BRASIL

Gabriel Rocha da SILVA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

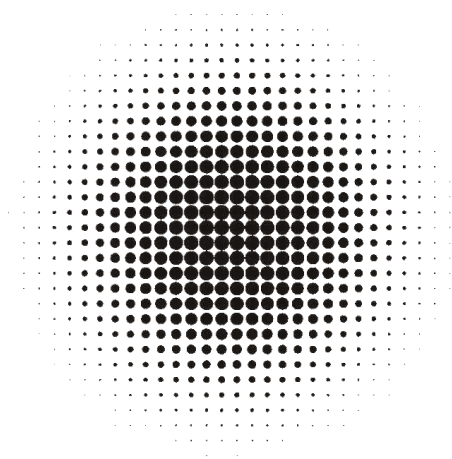
Marcelo de Sousa NETO, Universidade Estadual do Piauí, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Paula GUERRA, Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte - Universidade do Porto, Portugal

Resumo

O objetivo deste trabalho é examinar como a Igreja Católica se relacionou com o movimento pela Reforma Sanitária nas últimas décadas do século XX, contribuindo para redefinir a saúde pública, de caráter limitado, para um direito de cidadania abrangente. Metodologicamente, a pesquisa possui natureza qualitativa, articulando as dimensões subjetivas encontradas tanto em documentações da Igreja, quanto em conferências de saúde, bem como em bibliografias sobre a temática. Esta análise demonstra que, apesar das contradições internas da instituição, a atuação de pastorais sociais e de comunidades de base foi decisiva para legitimar socialmente a proposta de um sistema único e universal de saúde no Brasil. Com isso, nota-se que os direitos conquistados relacionados à saúde não foram concedidos de forma pacífica, mas resultaram de uma série de mobilizações para a construção de um sistema de saúde pública amplo. Nesse cenário, verifica-se a contribuição da organização religiosa no processo de democratização da saúde pública no Brasil contemporâneo, em consonância com as leis que garantem o direito à vida e à saúde.

Palavras-chave: História, Brasil, Igreja Católica, Saúde.



Referências Bibliográficas

Araújo, W. W. V. de. (2008). *Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: Trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956–1971)*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Piauí).

Carvalho, M. do A. A. de. (2006). *História e repressão: Fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Piauí).

Escorel, S. (2012). História das políticas de saúde no Brasil de 1964 a 1990: Do golpe militar à reforma sanitária. In L. Giovanella, S. Escorel, L. V. C. Lobato, J. C. Noronha, & A. I. Carvalho (Orgs.), *Políticas e sistema de saúde no Brasil* (2.^a ed., pp. 323–364). Fiocruz.

Machado, M. (2014). Vida em abundância e saúde para todos: Igreja e movimentos sociais pela saúde na década de 1980. *Cadernos de História*, 15(22), 135–159. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n22p135>

Moura, M. M. M. de. (s.d.). *O público e o privado no Sistema Único de Assistência Social e a atuação da Ação Social Arquidiocesana em Teresina – Piauí* (Tese de doutoramento, instituição não identificada).

Sousa Neto, M. (2013). *Entre vaqueiros e fidalgos: Sociedade, política e educação no Piauí (1820–1850)*. Fundação Monsenhor Chaves.

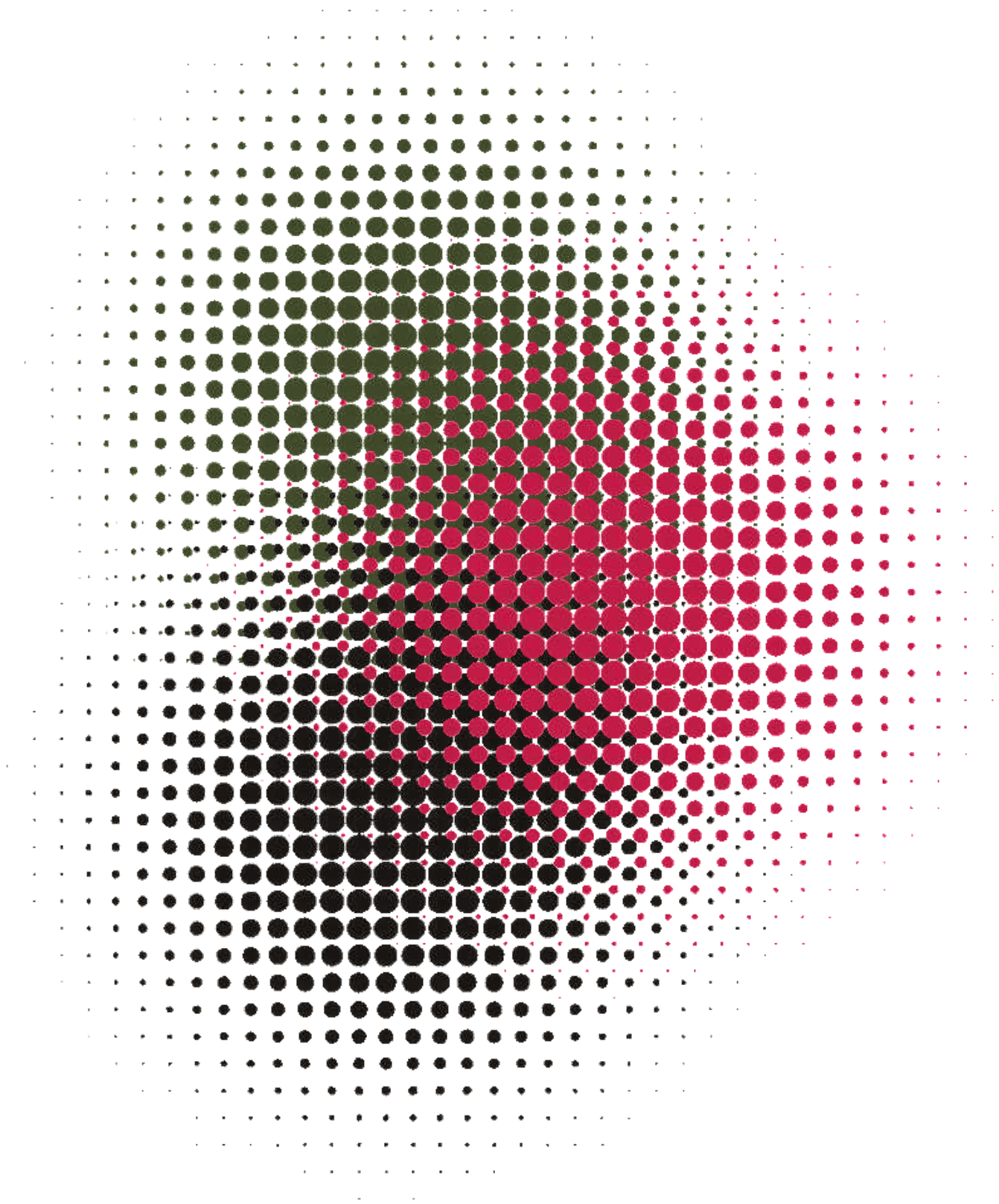
Teixeira, L. A., & Paiva, C. H. A. (2018). Saúde e reforma sanitária entre o autoritarismo e a democracia. In L. A. Teixeira, T. S. Pimenta, & G. Hochman (Orgs.), *História da saúde no Brasil* (Vol. 1, pp. 408–441). Hucitec.

Gabriel Rocha da SILVA é doutorando em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí, sendo bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, em Teresina-PI, também na condição de bolsista CAPES. Graduado com láurea acadêmica em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Poeta Torquato Neto, em Teresina-PI. Foi aluno do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-Voluntário) em 2018, com a pesquisa intitulada "Rizoma Endêmico: a segmentação territorial da hanseníase em Teresina-PI (2006-2016)" e, em 2019 (PIBIC-UESPI) com a pesquisa intitulada "Doença Negligenciada: a expansão da hanseníase na periferia de Teresina-PI (2006-2016)", que recebeu o primeiro lugar na área de Ciências Humanas no XVIII Seminário de Iniciação Científica (UESPI). Atualmente participa do Grupo de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde no Piauí (Sana), Núcleo de Estudos em Estado, Poder e Política (NEEPP) e Grupo de Pesquisa em História e Educação (GPHED). Contacto: gabrielr5431@gmail.com.



Marcelo de Sousa NETO é Doutor em História, é Professor Associado da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, onde dirige a editora universitária e atua na graduação e pós -graduação em História. É Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí – PPGHB/UFPI. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (UESPI/FAPEPI) desde 2021. Coordenador de Área PIBID História - UESPI/CCM. Líder do Grupo de Pesquisa em História e Educação – GPHED/UESPI. Contacto: casadapolvora@gmail.com.

Paula GUERRA possui doutorado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP). Faz parte ainda de outros centros de investigação internacionais: Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT); Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR); Investigadora Convidada Internacional no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), no Grupo de Pesquisa História, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal do Piauí e Universidade de Brasília (Brasil), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e no Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (L.A.M.A.). Também integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Contacto: pguerra@letras.up.pt.

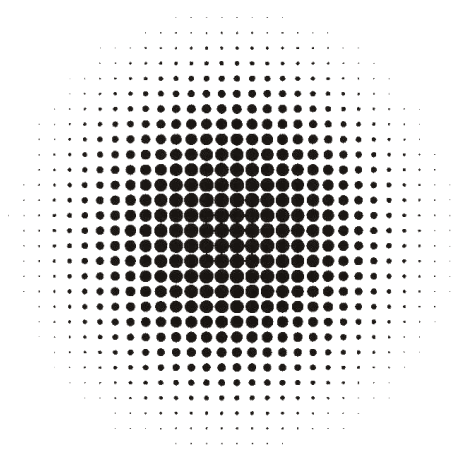


IMAGINAR A PALESTINA PRÉ-NAKBA: MEMÓRIA, VISUALIDADE E FICÇÃO EM BIOGRAFIA DE UM OLHO

Maria SILVEIRA, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Resumo

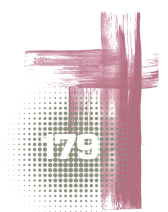
Em um contexto global marcado por disputas em torno da memória, da representação e da violência histórica, a questão palestina tem sido atravessada por processos de apagamento e reconfiguração narrativa. Conforme demonstram Ilan Pappé (2006) e Nur Masalha (2012), a Nakba não se reduz a um evento circunscrito a 1948, mas configura-se como um processo contínuo de deslocamento, supressão e reinscrição da presença palestina. Nesse quadro, o colapso instaurado pela Nakba incide não apenas sobre o território, mas sobre os regimes de memória e visibilidade. A memória, assim, afirma-se como campo de disputa. Desde Maurice Halbwachs (1950), compreende-se que ela é socialmente construída, sendo continuamente mediada no interior dos grupos. Tal perspectiva é aprofundada por Jan Assmann (1992), ao evidenciar a articulação entre memória individual e coletiva, bem como seu caráter instável e lacunar. Rememorar, portanto, não implica recuperar um passado íntegro, mas operar sobre suas lacunas, produzindo reinscrições situadas no presente. Diante disso, coloca-se a seguinte questão: como produzir inteligibilidade histórica sobre a Palestina pré-Nakba quando os próprios dispositivos de visibilidade foram atravessados por dinâmicas de apagamento? O trabalho analisa o romance *Biografia de um olho*, de Ibrahim Nasrallah (2025), investigando como a obra elabora uma imaginação histórica da Palestina anterior à Nakba por meio da ficcionalização de uma personagem inspirada na fotógrafa Karima Abbud. A fotografia, nesse contexto, deixa de operar como índice documental e passa a constituir uma mediação estética que atravessa a construção da personagem e do mundo narrativo. Parte-se do pressuposto de que o romance realiza um entrelaçamento entre memória, visualidade e ficção, no qual a figura da fotógrafa é simultaneamente ancorada em um referente histórico e deslocada por procedimentos ficcionais. Tal operação tensiona as fronteiras entre documento e invenção, permitindo compreender a narrativa como dispositivo de produção de visibilidade que não apenas remete ao passado, mas o reconfigura a partir de suas ausências. Do ponto de vista teórico, a reflexão articula as contribuições de Edward Said (1993) e Achille Mbembe, especialmente no que se refere às relações entre poder, colonialidade e regimes de representação, compreendendo a memória como prática situada em disputas políticas mais amplas.



Metodologicamente, a pesquisa insere-se no campo da Literatura Comparada, articulando análise literária e reflexão sobre visualidade. Recorre-se à crítica biográfica, conforme proposta por Eneida Maria de Souza (2011), em diálogo com a crítica cultural, a fim de compreender como a ficcionalização de figuras historicamente referenciadas produz sentidos que se inscrevem em disputas mais amplas de memória. Como resultado esperado, argumenta-se que Biografia de um olho converte a memória em um dispositivo estético-político de reconfiguração do passado. Assim, a imaginação da Palestina pré-Nakba emerge como prática crítica que tensiona regimes contemporâneos de visibilidade e amplia as possibilidades de leitura da experiência palestina no presente.

Palavras-chave: Palestina, Nakba, memória, fotografia, ficção histórica, visualidade.

Maria SILVEIRA é Bacharel em Humanidades e licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também concluiu o mestrado em Literatura. Atualmente, é doutoranda em Literatura e Cultura na mesma instituição. Contacto: mariasilveiraguerra@gmail.com.

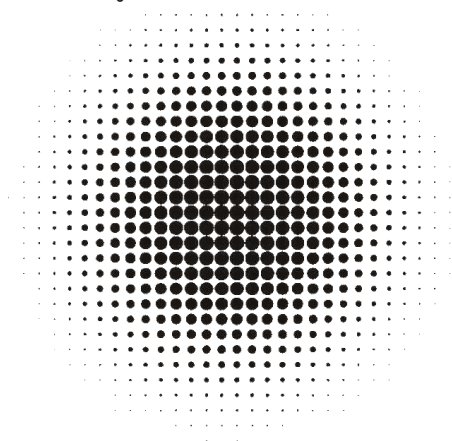


DE QUADRADOS DE TECIDO A NARRATIVAS ENTRELAÇADAS: PRÁTICAS DE ARTIVISMO TÊXTIL NUMA REDE TRANSNACIONAL

Mariana Silva SIRENA, ICNOVA – NOVA FCSH, Portugal

Resumo

Este trabalho pretende refletir sobre o potencial ativista de práticas têxteis na arte participativa a partir do estudo do caso do Cartografias Têxteis (CT), investigando de que modo, e com que efeitos, a criação e circulação de peças têxteis podem mobilizar relações, encontros e aprendizagens entre participantes. O CT, projeto iniciado em 2022 pelo Grupo de Investigação em Artes, Comunidade e Educação da APECV (Portugal), é um movimento transnacional de artivismo têxtil com 35 núcleos em 22 países, mobilizando participantes individuais ou coletivos a criar narrativas visuais em quadrados de tecido de 10 x 10 cm sobre questões socioambientais (g)locais ou de expressão livre. Os quadrados circulam entre coordenadoras locais numa lógica de “economia da dádiva”, sendo posteriormente exibidos em exposições internacionais. A escolha desse caso justifica-se tanto pelo método, situado na interseção entre arte participativa e ativismo, quanto pela abrangência geográfica e diversidade de participantes, que fazem circular histórias e experiências muito distintas. A investigação adota perspectivas dos novos materialismos (Bennett, 2010), reconhecendo a agência dos objetos na produção de conhecimento. Nesse quadro, as produções têxteis não são apenas suportes de comunicação, mas elementos ativos na mediação de relações e na construção de sentidos partilhados. Práticas como tecer, bordar e coser implicam gestos — repetir, desfazer, remendar — que transformam simultaneamente materiais e corpos (Pérez-Bustos, 2021). Assim, os quadrados do CT funcionam tanto como portadores de histórias quanto como co-construtores de experiências. A metodologia inclui entrevistas com objetos (Woodward, 2020), conduzidas com coordenadoras locais do CT, e observação participante. O “campo” é concebido como uma rede dinâmica de relações distribuída em contextos locais distintos (Marcus, 2001), envolvendo a participação da autora em encontros do projeto em Portugal e em dois walking seminars: um em Laives/Itália (2025), e outro na Ilha do Faial (Açores/Portugal, 2026). Entre os resultados, destaca-se o formato (10 x 10 cm) como dispositivo que favorece a expressão, a experimentação, a ludicidade e a acolhida ao erro; a prática manual como geradora de estados de atenção e bem-estar; e o processo de criação e troca dos quadrados como potencializador de encontros intergeracionais e da valorização de saberes tradicionalmente construídos nas relações entre mulheres.



A análise aponta que as práticas têxteis, no contexto da arte participativa, convocam ações e relações específicas, envolvendo parcerias humanas e mais-que-humanas. Nos processos de criação e circulação dos quadrados, essas práticas parecem constituir dispositivos de encontro relacional (Bourriaud, 2009). É nesses encontros e nas trocas que deles emergem que se produzem formas situadas de partilha do sensível (Rancière, 2010). Observadas pela lente do ativismo, tais dinâmicas contribuem para a construção e circulação de narrativas visuais e experiências partilhadas, apontando para possíveis reconfigurações de concepções e modos de viver (Raposo, 2022).

Palavras-chave: ativismo; práticas têxteis; arte participativa; Cartografias Têxteis.

Referências Bibliográficas

Bennett, J. (2010). *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Duke University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv111jh6w>

Bourriaud, N. (2009). *A Estética Relacional*. (D. Bottmann, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1998).

Marcus, G. (2001). Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*, 11(22), 111-127.

Pérez-Bustos, T. (2021). *Gestos textiles: un acercamiento material a las etnografías, los cuerpos y los tiempos*. Editorial Universidad Nacional de Colombia.

Rancière, J. (2010). *Estética e Política: a Partilha do Sensível*. (V. Brito, Trad.). Dafne Editora. (Obra original publicada em 2000).

Raposo, P. (2022). Performances políticas e ativismo: Arquivo, repertório e re-performance. *Novos debates*, 8(1), 1-28. <https://doi.org/10.48006/2358-0097/V8N1.E8119>

Woodward, S. (2020). *Material methods*. SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781529799699>

Mariana Silva SIRENA é doutoranda em Ciências da Comunicação (especialização em Comunicação e Artes) na Universidade NOVA de Lisboa, bolsista de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e integra o Instituto de Comunicação da NOVA (ICNOVA). Sua pesquisa concentra-se em comunicação, cultura, ativismo têxtil e arte têxtil participativa. Natural do Brasil, possui graduação em Jornalismo e mestrado em Ciências da Comunicação e da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ampla experiência de pesquisa em jornalismo cultural. Atua nas áreas de produção cultural, jornalismo, mediação cultural e artesanato. Contacto: sirena.mariana@gmail.com.



A PORNOSSEXUALIGRAFIA COMO FERRAMENTA DE COMBATE À CENSURA NO CAMPO DAS ARTES DAS SEXUALIDADES

Christian Gustavo de SOUSA, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, Universidade de Hannover, Alemanha

Resumo

Desde 2011, na especialização em artes visuais, o campo da sexualidade tem sido um importante eixo do meu trabalho. Neste percurso, tenho analisado as relações entre estes dois temas – arte e sexualidade – a partir de diferentes marcadores sociais. Durante o mestrado (2020-2022), busquei aprofundar-me em como o CIS-tema de arte é atravessado por esses marcadores e como influenciam e são influenciados pela dualidade entre “arte erótica” e pornografia e as censuras que tal dicotomia provoca e, ao pensar as artes das sexualidades para além de tal dualidade, proponho-me a tensionar práxis e teoria. O conceito de *Pornossexualigrafia* foi cunhado para teorizar as “artes da sexualidade” como grafias de um desejo artístico, que não se confinaria nos limites de uma demarcação estritamente binária a partir do par significativo erótico/pornográfico. Minha pesquisa de doutorado estrutura-se em torno do que nomeio *Fenomenologia da Pornossexualigrafia* para pensar como, a partir da fenomenologia, posso pensar outras nuances em relação não apenas ao fenômeno em si, mas a própria experiência; essencial para pensarmos as sexualidades nas artes. Assim, escritos de Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Sara Ahmed e Berardi têm sido minha base teórica. Fatos recentes têm sugerido o que entendo por dubiedades discutíveis para os caminhos das artes. Ao mesmo tempo que observamos novos olhares curatoriais, há movimentos que acabam inviabilizando – por meio de censuras/cancelamentos de artistas/obras e encerramentos prévios de exposições – avanços quando o foco é a sexualidade nas artes. Ainda mais quando observamos sua presença desde os tempos mais antigos (tomemos como referencial, as pinturas rupestres presentes no parque arqueológico da Serra da Capivara, no estado do Piauí, Brasil, que poderiam facilmente serem lidas como expressões da sexualidade). E apesar disso, o CIS-tema de arte, como um reflexo da sociedade que vivemos, ainda trata tal temática sobre muitos tabus. Em minha “pesquisa-criação”, quero trazer outros olhares para o campo das artes no que diz respeito à presença das narrativas da sexualidade nos espaços culturais de arte, principalmente, quando se detecta ainda uma ausência ou, pelo menos, uma incipiência de debates mais pertinentes, assim como uma fragilidade nas construções teóricas. Em outros campos do pensamento, observo um avanço mais consolidado, mas nos campos de estudos das artes, há uma tímida construção teórica não proporcional ao número cada vez maior de artistas que abordam a sexualidade na prática artística. A partir de minha “pesquisa-criação”¹⁾, desejo poder contribuir para a

¹⁾“Research-creation” no original. Manning, E. (2016). Against method. In E. Manning. (Ed.), *The minor gesture* (pp. 26–45). Duke University Press. <https://doi.org/10.1515/9780822374411-003>.

discussão em torno desses temas. O conceito de Pornossexualigrafia engloba um conjunto de reflexões calcadas nos trabalhos artísticos que desenvolvo, como uma forma de questionar o conservadorismo que persiste em manter as sexualidades fora da cena das artes em nome de uma moral hipócrita. E se ainda temos censuras quando o assunto é a sexualidade nas artes, significa que ainda precisamos continuar lutando. Enquanto ainda houver artistas sofrendo por conta do dito “pornográfico” em suas obras, o combate pela possibilidade da presença/existência de outros pensamentos nas relações das artes com a sexualidade é imperativo e a Pornossexualigrafia emerge então como uma ferramenta pedagógica de combate e a(r)tivismo.

Palavra-chave: Sexualidade nas Artes, Pornossexualigrafia, Ativismo, Fenomenologia, Censura Artística.

Christian Gustavo de SOUSA é designer gráfico. Artista visual. Fotógrafo. Performer. Doutorando em Artes (PPGArtes/UERJ). Bolsista PDSE/CAPES 2026, Universidade de Hannover, Alemanha. Mestre em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS, 2022). Especialização em Artes Visuais - Cultura & Criação (SENAC/DF, 2011). Bacharel em Relações Internacionais (UnB, 2002). Desde 2002, CEO e fundador da The Red Studio. Trabalhos expostos em cidades como São Paulo, Santos, Campinas, Amparo, São José do Rio Preto, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, na revista Haüs Magazine (Londres), na revista Mein schwules Auge (Berlim), entre outros. Editor-chefe da revista [pós]CORPOS. Cocriador do DUOCU, Corpo de Quinta e NU Papel. Coorganizador do Ars Sexualis e do Conexões Artísticas. Associado ANPAP. Membro dos grupos de pesquisa: Temporalidades inconciliáveis/ PPGArtes/UERJ; Juvenália/PPGCOM/ESPM-SP; NUDE/PPDESDI/UERJ e NuCuS/UFBA. Membro do grupo de trabalho CLACSO/Argentina. Contacto: christian@christiansousa.com.br.



A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E O POSICIONAMENTO DOS JORNAIS MARANHENSE

Caio Leonardo da Silva SOUSA, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Johny Santana de ARAÚJO, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo

Este estudo analisa o posicionamento da imprensa maranhense diante da Primeira Guerra Mundial, entre os anos de 1914 a 1918, tomando como principal objeto de investigação jornais publicados no estado do Maranhão. A pesquisa busca compreender como esses periódicos interpretaram o conflito europeu e de que maneira suas narrativas contribuíram para a formação da opinião pública local. Inicialmente, observa-se que, nos primeiros momentos da guerra, os jornais adotaram uma postura predominantemente informativa e cautelosa, reproduzindo telegramas e notícias internacionais sem assumir claramente uma posição entre os blocos beligerantes. Com o avanço do conflito, percebe-se uma gradual inclinação aliadófila em parte da imprensa, evidenciada pela divulgação de discursos, crônicas e reportagens que reforçavam críticas ao militarismo alemão e valorizavam as ações das potências aliadas. A análise também evidencia a circulação de interpretações nacionalistas e moralizantes sobre a guerra, frequentemente associadas à defesa da civilização e da ordem internacional. Nesse contexto, os jornais passaram a dialogar com o cenário político brasileiro, especialmente após 1917, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha e ingressou no conflito. Metodologicamente, o estudo baseia-se na análise de fontes hemerográficas, como o jornal *Pacotilha*, *A Notícia*, *O Jornal*, *Correio de Codó*, entre outros, dialogando com autores como Lawrence Sondhaus (2013), Eric Hobsbawm (1990), Sidney Garambone (2003), Carlos Daróz (2019) e Johny Santana de Araújo (2012). Dessa forma, o trabalho contribui para compreender o papel da imprensa regional na construção de narrativas sobre a guerra e na mediação entre acontecimentos internacionais e a realidade política e social do Brasil.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, Maranhão, Jornais, Posicionamento.

Referências Bibliográficas

- Araújo, J. S. de. (2012). *"Rumo ao mar" e a Grande Guerra: O poder naval brasileiro no início do século XX, 1904-1918*. EDUFPI.
- Daróz, C. (2019). *O Brasil na Primeira Guerra Mundial: A longa travessia*. Contexto.
- Garambone, S. (2003). *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Mauad.
- Hobsbawm, E. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1780*. Paz e Terra.
- Sondhaus, L. (2013). *A Primeira Guerra Mundial: História completa*. Contexto.

Caio Leonardo da Silva SOUSA é mestre em História do Brasil, Graduado em História e especialista em História da Guerra. Atualmente desenvolve estudos com vistas ao doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação do Prof. Dr. Johny Santana de Araújo. Mantém bolsa de doutorado na FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. Desenvolve pesquisas na área de História, com ênfase em História do Brasil. Atualmente, integra o Grupo de Trabalho de História Militar do Piauí. Contacto: caio.cl7.cl@gmail.com.

Johny Santana de ARAÚJO é Graduado, Mestre e Doutor em História, realizou Estágio Pós-Doutoral na PUC-SP. É Professor Associado na UFPI, onde atua no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História. Compõe várias associações científicas, tais como o IHGB e a ANPUH, onde ocupa a vice coordenação do GT de História Militar. Orienta trabalhos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, tendo se convertido em importante interlocutor acadêmico no Brasil sobre a história da guerra. Contacto: johnysant@gmail.com.



REIMAGINAR O MUNDO: MEMÓRIA BIOCULTURAL, CONTRACOLONIALISMO E ARTIVISMO NO CORAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL

Daniela Copetti Kern SZNELWAR, Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Resumo

O paradigma moderno ocidental, fundamentado na exploração da natureza, na racionalidade instrumental e na colonialidade do saber (Quijano, 2005) tem produzido não apenas o colapso ecológico, mas também o silenciamento de cosmologias ancestrais que sustentam formas plurais de vida. A memória biocultural, entendida como conhecimentos construídos nas relações com o meio e perpetuados a partir da oralidade (Toledo e Barrera-Bassols, 2015) junto ao contracolonialismo (Santos, 2023), revela práticas e vivências de territórios tradicionais, seus símbolos, significações e modos de existir. É nesse horizonte que se insere a presente pesquisa, voltada a contribuir para a discussão sobre novas possibilidades de futuro e de reinvenção das perspectivas de mundo. O trabalho será ambientado em um ciclo de vivências artísticas conduzidas por artistas indígenas e pela pesquisadora, como provocação crítica diante dos paradigmas impostos pela mercantilização da vida, o avanço da monocultura e degradação dos biomas no estado do Mato Grosso. Esta pesquisa artística (Bragagnolo, 2025) busca observar, através da oralidade, memória e produção cultural de artistas indígenas que vivem em Cuiabá, no estado do Mato Grosso/Brasil, Centro Geodésico da América do Sul, as possibilidades de reimaginação do mundo. A proposta se desenvolve em diálogo com os textos de Antonio Bispo dos Santos (2007, 2015, 2023) e Ailton Krenak (2017, 2020, 2021), bem como a realização de uma residência artística no Ateliê Livre do Museu de Arte e de Cultura Contemporânea (Macp) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), e que contará com a participação de um segundo grupo: artistas contemporâneos da cidade de Cuiabá, caracterizados pela diversidade de perfis. Sob a perspectiva das cosmopercepções indígena e quilombola, a pesquisa objetiva aprofundar a compreensão desses modos de vida. Para isso, recorre à análise de texto, entrevistas e encontros cartográfico-poéticos. A investigação se estrutura com base na documentação das conversas, nas vivências em arte e das oficinas de escrita, favorecendo o encontro com a subjetividade dos artistas envolvidos. Para essas conversações, acionamos a metodologia cartográfica como modo operante, desvencilhando a pesquisa do dogmatismo científico, que busca uma verdade única e absoluta, e adentrando a filosofia da multiplicidade, a partir de Deleuze e Guattari (2011). Essa escolha busca ampliar, a partir de registros de memória e experiências criativas, a reflexão sobre o Bem Viver, a ética da vida e os Direitos da Natureza.

Entre os resultados esperados, pretende-se criar um Inventário de palavras e imagens, resultado da residência e da escuta ativa dos artistas residentes; ampliar o debate sobre contracolonialismo e Direitos da Natureza, e fortalecer o ativismo ambiental no estado do Mato Grosso. Para além da dissertação, almeja-se ainda, deixar uma obra viva, um catálogo artístico capaz de reunir relatos, obras e histórias que testemunham o percurso da potência criadora dos artistas indígenas e não-indígenas participantes desta pesquisa.

Palavras-chave: Cartografia, Pesquisa artística, reimaginação do mundo, ativismo.

Referências Bibliográficas

Bragagnolo, B. (2025). O território da Pesquisa Artística: investigando as margens da polissemia. *Revista Vórtex*, 13, 1-26. <https://doi.org/10.33871/vortex.2025.13.9870>

Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2* (2.^a ed., Vol. 1). Editora 34.

Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020). *O amanhã não está à venda*. Companhia das Letras.

Krenak, A. (2021). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. CLACSO.

Santos, A. B. dos. (2007). *Quilombos, modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB.

Santos, A. B. dos. (2015). *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB.

Santos, A. B. dos. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora.

Toledo, V. M., & Barrera-Bassols, N. (2015). *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Expressão Popular.

Daniela Copetti Kern SZNELWAR é pesquisadora em Estudos da Cultura Contemporânea (PPG-ECCO/UFMT), artista visual, realizadora audiovisual, comunicadora social e ativista pelos Direitos Humanos e da Natureza. É idealizadora do coletivo mato-grossense @projecoespoeticas e integrante da rede @projetemos. Entre seus projetos de destaque estão as projeções poéticas “Sou Natural. Sou Natureza”, realizadas em Cuiabá e Chapada dos Guimarães em 2021, e a coordenação da Virada Sustentável Mato Grosso 2024 e 2025, maior festival de sustentabilidade da América Latina, com foco na valorização dos biomas Pantanal, Cerrado e Amazônia. Seu trabalho é marcado pelas ações coletivas, desenvolvendo práticas de mediação entre arte, cultura e educação, propondo experiências que evocam memória e conexão com o território. Daniela reivindica a urgência de vivermos para além da janela do cotidiano com escuta e reverência à natureza. Contato: danielasznelwar@gmail.com.



CORPO COMO PONTA DO LÁPIS

Greicy Kelly Teixeira dos SANTOS, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Resumo

O processo de construção do desenho no espaço tridimensional envolve não apenas a produção de traços sobre uma superfície, mas também a ação do corpo no processo de criação. Nesse contexto, o desenho pode ser compreendido como resultado de uma interação dinâmica entre corpo, gesto e espaço. A produção gráfica deixa de ser apenas um registro bidimensional e passa a incorporar a dimensão performativa do gesto, considerando o movimento corporal como parte constitutiva da obra. Assim, o corpo do artista atua como agente mediador entre matéria, espaço e intenção expressiva, influenciando diretamente a configuração final do desenho. A relação entre desenho, corpo e espaço pode ser explorada de maneira mais evidente quando se considera o desenho como um rastro deixado pelo movimento do corpo no ambiente. Nessa perspectiva, o ato de desenhar aproxima-se de uma ação performática, na qual o gesto assume papel central no processo criativo. O gesto não é apenas um meio técnico para produzir linhas, mas uma ação corporal carregada de intenção, ritmo e energia. Dessa forma, o desenho pode ser entendido como uma extensão do corpo que se projeta no espaço, materializando visualmente os deslocamentos e as ações do artista. Tal abordagem amplia as possibilidades expressivas do desenho ao considerar sua dimensão temporal, espacial e corporal. O gesto do desenhista, nesse sentido, constitui a expressão mais direta da relação entre corpo, espaço e matéria. É por meio dele que o corpo projeta sua ação no ambiente, criando registros materiais que revelam o processo de criação. As marcas resultantes dos movimentos corporais do artista podem apresentar características imprevisíveis, refletindo tanto aspectos técnicos quanto dimensões subjetivas da experiência criativa. Assim, cada linha torna-se resultado de uma interação complexa entre intenção, movimento e materialidade. O desenho deixa de ser apenas representação do espaço para tornar-se a materialização da presença do artista em relação a esse espaço, transformando corpo e ambiente em um sistema integrado de produção visual. Com base nessa compreensão, esta pesquisa investiga o desenho tridimensional a partir da relação entre gesto, corpo e espaço, considerando o processo de criação como um fenômeno performativo. A metodologia adotada articula procedimentos de pesquisa em arte com experimentações práticas em ateliê. Foram realizados exercícios de desenho em grande escala e em diferentes superfícies e suportes, explorando a movimentação do corpo no espaço e a utilização de ferramentas ampliadas que estimulam gestos corporais mais abrangentes. Paralelamente, os processos foram documentados por meio de registros fotográficos, videográficos e anotações reflexivas, permitindo analisar como os movimentos corporais se traduzem em marcas gráficas e configurações espaciais.

Como resultado esperado, busca-se compreender de que maneira a ação corporal influencia a construção do desenho no espaço tridimensional e como essa relação pode ampliar as possibilidades expressivas da linguagem do desenho. Espera-se demonstrar que o gesto não apenas produz linhas, mas constitui um elemento fundamental na formação do sentido visual e poético da obra. Nesse contexto, o desenho passa a ser entendido como registro sensível da presença do corpo no espaço, evidenciando o caráter processual, performativo e experiencial da prática artística. A pesquisa pretende, assim, contribuir para o debate contemporâneo sobre o desenho expandido e suas interseções com práticas performativas e espaciais nas artes visuais.

Palavras-chave: Corpo, Materialidade, Desenho, Espaço.

Greicy Kelly Teixeira dos SANTOS é artista visual e doutoranda em Artes pela UFES/ES. Atua em desenho, pintura, escultura e instalação. Contacto: texeiragk@gmail.com ou greicy.santos@ufes.br.



ADRIANA DUTRA ESPAÇO DAS ARTES AND PERIPHERAL CULTURAL EMPOWERMENT²⁾

Jaqueline TORQUATRO de Oliveira, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

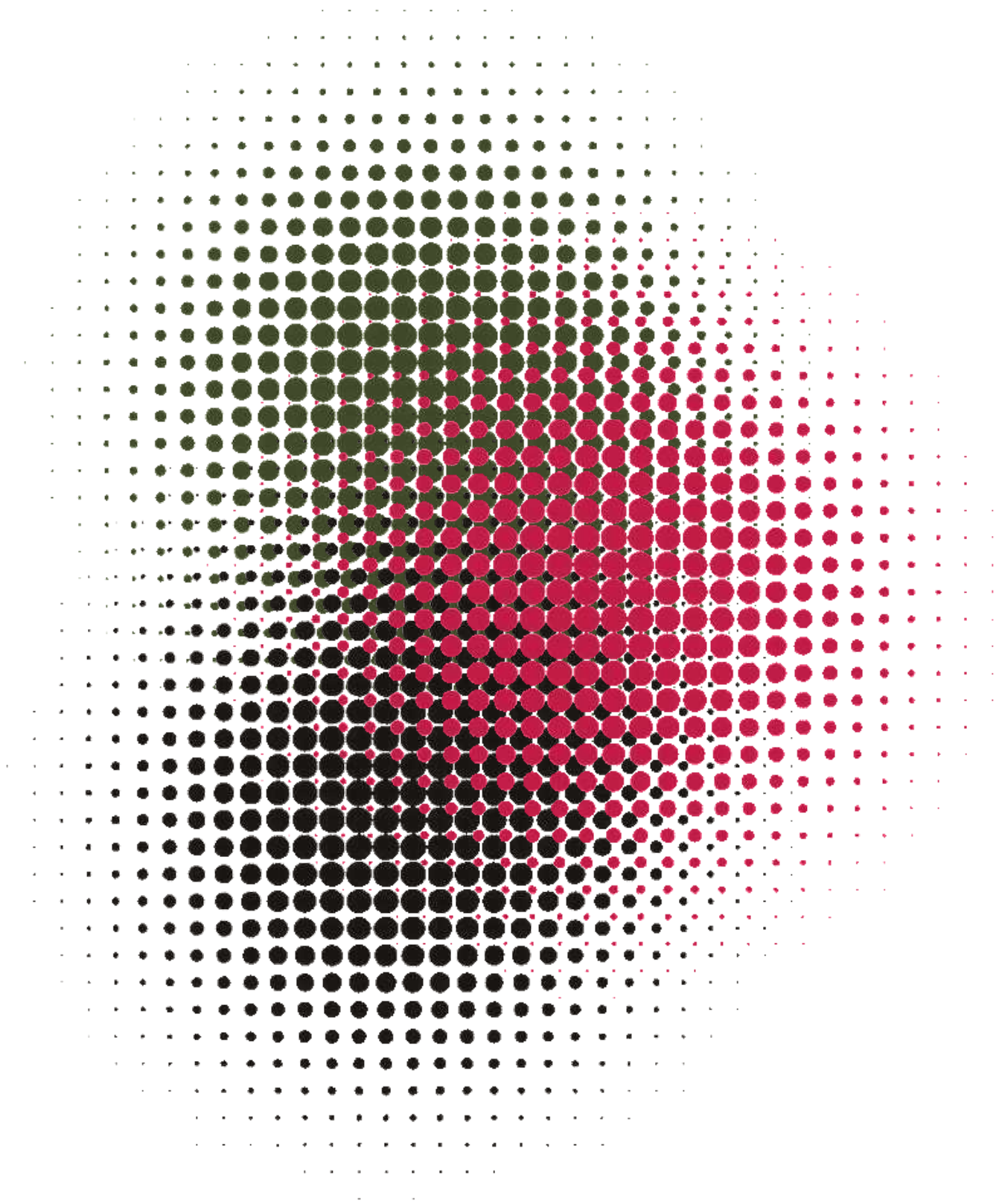
Abstract

This article aims to analyse the role of the cultural centre Adriana Dutra Arts Space, located in the Novo Horizonte neighbourhood, in the municipality of Serra, Espírito Santo, in the Southeast region of Brazil, a territory marked by a significant history of social vulnerability. Methodologically, the research is characterised as qualitative and interpretative, based on a literature review and the analysis of the actions developed by the space within the neighbourhood in which it is situated. The study seeks to understand how the cultural centre functions as an insurgent tool in addressing social inequalities, historically constituted through colonial processes. To this end, the cultural programmes offered are analysed, as well as the outcomes of workshops and courses conducted within the community. The results indicate that strengthening art and culture in marginalised territories contributes to the emergence of practices of peripheral cultural insurgency, constituting forms of resistance to structural oppression. Furthermore, the role of the space in promoting social justice, strengthening identity, expanding cultural democracy, and valuing plural and ancestral knowledge is highlighted, as well as its alignment with the themes studied by authors such as Frantz Fanon, Kimberlé Crenshaw and Marilena Chauí, among others, used as the theoretical framework for this article. The work of Adriana Dutra Arts Space therefore stands out as a driving force in processes of decolonisation and the valorisation of marginalised cultures.

Keywords: Peripheral Culture, Cultural Insurgency, Cultural Democratisation; Decolonisation; Cultural Centre.

Jaqueline TORQUATRO is a student in the Postgraduate Programme in Arts at the Federal University of Espírito Santo and conducts research on cultural collectives and collective initiatives in the state of Espírito Santo, located in the Southeast region of Brazil. Contacto: jaquelinetor4@gmail.com.

²⁾ THIS ARTICLE MADE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE TOOLS FOR TEXTUAL REVISION AND FOR THE TRANSLATION FROM BRAZILIAN PORTUGUESE INTO BRITISH ENGLISH.



OUT OF THE SHADOWS: OVERVIEW OF AN ARTISTIC RESEARCH COLLABORATION AND THE EXPOSING THEREOF WITH THE AID AND BY MEANS OF ITS DOCUMENTATION

Rita TORRES, Investigadora Independente, Portugal

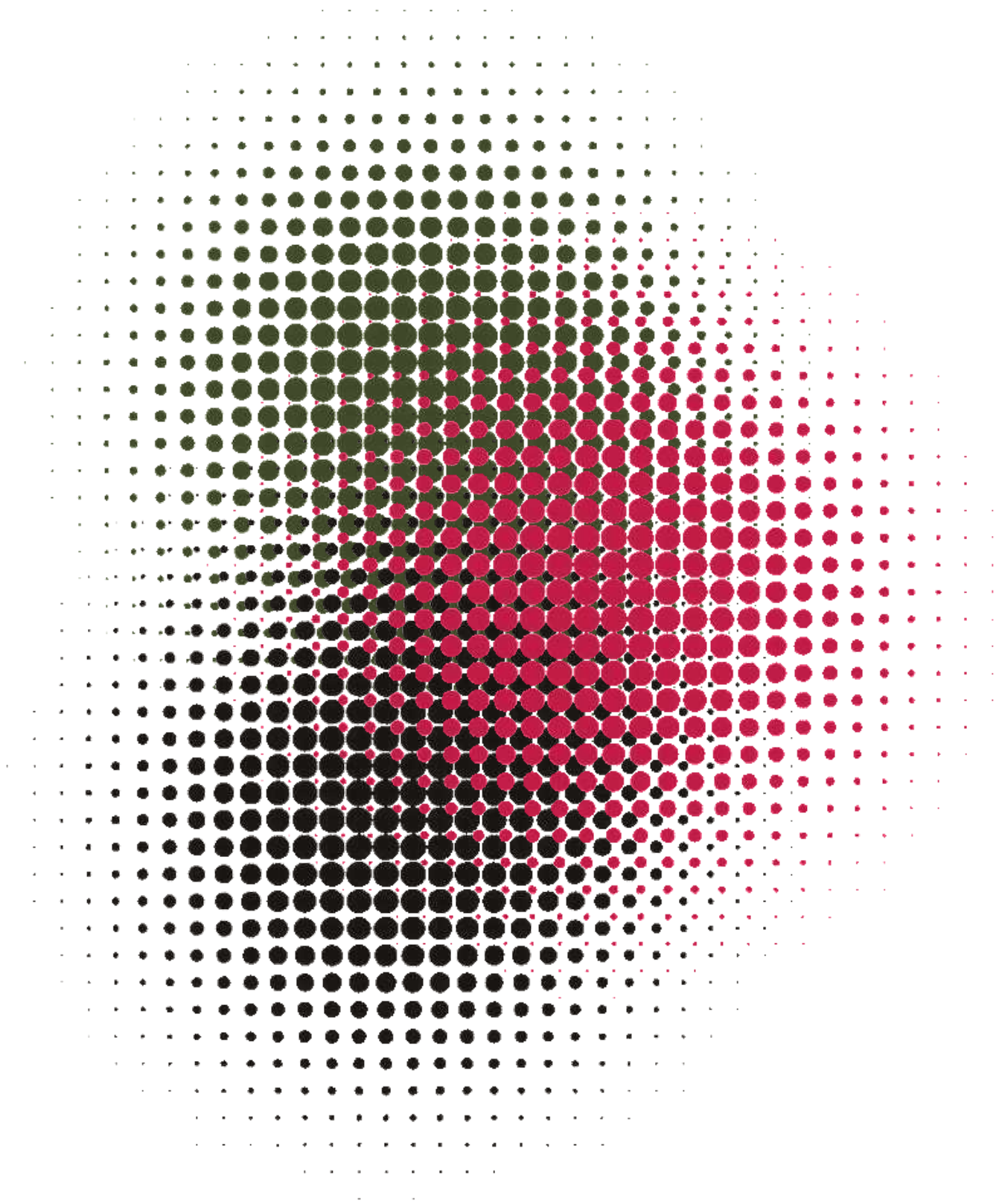
Helvio MENDES, Universidade de Aveiro, Portugal

Abstract

The xylophone has long since been disregarded by performers and composers in favour of the marimba and the vibraphone. Most of those who wrote for the soloistic instrument took a conservative approach both to sound production and compositional strategies and aesthetics. We carried out a composer-performer collaboration aiming to advance the state of the art of xylophone sound production. Artistic practice per se and as research through the creation of a composition led us to musical gestures almost certainly unheard of on the instrument up to our collaboration. Thanks to notes on the sessions' most relevant aspects and to the archiving of the annotated score drafts, the music edition file versions, the PDF files sent to the performer and the written communication between both, we were able to track some aspects of the creative and research processes. In this communication we will give an overview of these processes and show how our documentation has allowed us to produce an exposition thereof, thus promoting research transparency, providing data for the study of creative cognition and contributing to the demystification of the creative act.

Keywords: Artistic Research, Artistic Practice, Xylophone Performance, Creative Process Documentation.

Rita TORRES is an independent researcher and composer from Portugal. She holds a European PhD in Science and Technology of the Arts from the Portuguese Catholic University (UCP, 2016) and degrees in Chemical Engineering, Guitar, Musicology/Music Informatics and Composition. Torres was an Assistant Researcher at INET-md (University of Aveiro), a Research Fellow at CESEM (NOVA University Lisbon; University of Évora), a First-stage Researcher at CITAR (UCP) and a Guest Researcher at IMWI (Hochschule für Musik Karlsruhe) and IMA (now Hertzlab, ZKM | Centre for Art and Media Karlsruhe). Her work is focused on artistic research centred on instrumental sound production. Contacto: contact@ritatorres.eu.



U-Z





A MÚSICA PUNK CONTRA O REGIME COMUNISTA NA ANTIGA CHECOSLOVÁQUIA

Karolina VÁLOVÁ, Faculdade de Letras da Universidade Carolina, Praga

Resumo

Na antiga Checoslováquia, no período que antecedeu a chamada Revolução de Novembro (ou Revolução de Veludo) de 17 de novembro de 1989, distinguem-se duas vagas do movimento punk. Enquanto a primeira (1978–1985) foi marcada pelo contacto inicial e pela emulação de modelos estrangeiros, a segunda vaga (1985–1989) constituiu já uma corrente artística distinta que, adicionalmente, iniciou um processo de politização da sua produção. Inicialmente, o regime comunista vigente não compreendeu o fenómeno punk nem o identificou como uma ameaça; os cortes de cabelo curtos dos punks diferenciavam-se marcadamente dos cabelos compridos dos rockeiros e dos livre-pensadores, que eram os alvos frequentes da polícia secreta (StB). Contudo, o regime passou progressivamente a perseguir os membros deste movimento musical que, por natureza, procurava subverter o sistema e resistir "contra tudo". A repressão culminou em 1985, fruto do trabalho de agentes infiltrados, resultando na dissolução de bandas e no impedimento de encontros e concertos da chamada "juventude problemática". A censura baniou diversas bandas de atuar ou de editar suportes fonográficos. O objeto desta comunicação foca-se na resistência de grupos musicais punk contra o regime comunista durante a segunda metade da década de 1980, ou seja, durante a segunda vaga de punk. Esta resistência manifestou-se, por exemplo, através das letras das canções. A análise destacará os temas fundamentais da vida quotidiana influenciada pela ideologia comunista presentes nos textos, abordando, em casos específicos, o contexto da sua criação. Outras formas de resistência incluíam a recusa de colaboração com os agentes da StB e a recusa em testemunhar contra terceiros. Por último, aborda-se o uso de vestuário e penteados provocatórios, a aquisição de suportes musicais proibidos (inicialmente discos LP e, posteriormente, cassetes áudio) e a edição ou distribuição de fanzines e publicações DIY (Do-It-Yourself). Os simpatizantes do punk não abdicaram da sua postura perante a vida, sendo frequentemente alvo de repressão policial. Embora não se verifique uma resistência política de massas sistemática como noutros grupos dissidentes, observam-se ações individuais ou de pequenos grupos motivadas, primordialmente, pelo desejo de liberdade individual e de expressão artística. Apesar de não se poder romantizar estes intervenientes como combatentes organizados, muitos foram, já em democracia, condecorados com distinções estatais pelas suas atividades anticomunistas, períodos de detenção ou pela resistência à perseguição policial.

Palavras-chave: Punk Checoslovaco, Resistência Cultural, Juventudes Subculturais, DIY.

Karolina VÁLOVÁ obteve o seu doutoramento (Ph.D.) em Literaturas Românicas pela Faculdade de Letras da Universidade Carolina em 2018. Desde 2021, exerce as funções de Diretora da Secção de Estudos Portugueses na mesma instituição. A sua investigação centra-se primordialmente na ficção portuguesa contemporânea com especial enfoque na obra de Maria Judite de Carvalho e de Lídia Jorge. Desde 2024, integra o projeto de investigação histórica subordinado ao tema Negociar a Revolta, dedicado ao movimento punk na Europa Central e às suas transformações após 1989. Em 2019, publicou, em coautoria com dois colegas, uma obra sobre os clubes musicais extintos em Praga (Zaniklé pražské kluby). Contacto: valova@eu.cas.cz.



DO ARQUIVO DO EFÊMERO NO ENTENDIMENTO DAS NOVAS MEDIAÇÕES MUSEOLÓGICAS: A LINGUAGEM SITE-SPECIFIC NOS MUSEUS-ICONE DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Pedro VAZ, IHA NOVA FCSH – Museum Studies, Portugal

Resumo

A inclusão de novos processos de tradução na arte contemporânea — interpretativa (pelo visitante), espaciotemporal (pela instituição) e representativa (em registos audiovisuais de contextos efêmeros, como happenings ou interações do público) — redefine o paradigma museológico e expositivo, questionando criticamente a distribuição da autoria, propriedade expressiva e produção/recepção da obra artística. Esta investigação aborda a linguagem do site-specific como representativa dessa dinâmica, devido à sua flexibilidade geográfica, temporal e interpretativa, assumindo um carácter ativista ao privilegiar o encontro como ato político e democratizante. O objetivo é demonstrar como museus-ícone, como o MAAT, o Guggenheim Bilbao e o Tate Modern, redefinem autoria e propriedade estética ao integrar traduções seccionadas: concepção da obra para um espaço, interpretação artística, e instalação em diferentes contextos, alterando sua visualidade — processos que, ao centralizarem o encontro entre obra, corpo e contexto, promovem uma descolonização do olhar e uma redistribuição efetiva da voz no espaço museológico. A pesquisa baseia-se nas quatro fontes propostas por Julie Reiss (1999) para estudar arte efêmera e presencial: crítica publicada, escritos de curadores/artistas, fotografias de instalações e contexto expositivo, reinterpretadas aqui através de uma lente ativista que vê no encontro um instrumento de transformação social. O trabalho de campo inclui consulta a arquivos físicos e online dos museus, com registos audiovisuais, entrevistas, catálogos e ensaios críticos, além de entrevistas e questionários realizados nos próprios museus, valorizando as narrativas e experiências coletivas. Essa abordagem permite analisar como o site-specific redefine a autoria e a experiência artística na contemporaneidade, e através dos projetos arquivísticos e editoriais destes três museus, podemos mapear o seu histórico curatorial alusivo aos elementos dos quais a efemeridade e a experiência do público se cruzam como ferramenta crucial para entender os fenómenos interativos da museologia contemporânea — não como mero recurso expositivo, mas como prática comprometida de encontro, capaz de fomentar uma esfera pública mais inclusiva, crítica e participativa.

Palavras-chave: Arte Site-Specific, Museologia, Museus-Ícone, Arte Efêmera, Arte Contemporânea.

Pedro VAZ começou desde 2014, em Coimbra, a organizar exposições e performances. Completou entre 2013 e 2018 a Licenciatura e Mestrado em Estudos Artísticos pela FLUC. Atualmente é doutorando em Artes e Mediações pela FCSH da Universidade NOVA, e integra o laboratório IN2Past enquanto investigador do grupo Museum Studies do Instituto de História de arte da FCSH. A sua investigação doutoral beneficia de bolsa FCT, e conta com a parceria do museu MAAT enquanto instituição coorientadora do projeto. Contacto: pedrovazhhh@gmail.com.



TRANSFORMAR RESISTÊNCIA EM DIGNIDADE: PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS DE MULHERES INDÍGENAS

**Gabriela M. P. Lins VERGOLINO, Universidade Federal da Bahia, Brasil,
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal**

Resumo

Mulheres indígenas oriundas da terra que hoje é conhecida como Brasil, têm ampliado sua presença na cena cultural, tanto no âmbito regional, como nacional e internacional, transmitindo saberes acerca de seus povos, culturas, línguas, e da representação do corpo-território como cura e resgate de seu protagonismo nas tramas e urdiduras que compõem as comunidades. São corpos, vozes, imagens e performances que informam e ensinam (Martins, 2021). A estratégia de pesquisa utilizada é o estudo de caso, com a apresentação de dois projetos artísticos de mulheres indígenas do nordeste brasileiro, e recolha de dados baseadas nas performances e materiais publicados. O primeiro projeto é oriundo do povo Fulni-ô, cujo território é situado no município de Águas Belas, em Pernambuco. Sua língua, yaahte, foi preservada até os dias atuais, sendo utilizada pelas mulheres na transmissão de saberes em forma de performances artísticas e oficinas que propõem o intercâmbio cultural com a finalidade de promover o empoderamento de mulheres indígenas e a troca de saberes. O projeto denominado de Vozes Ancestrais e promovido pelo coletivo Eskya, fundado em 2018 por Nudhya Fulni-ô, visa a difusão da cultura e tradição sob a perspectiva de representantes mulheres Fulni-ô. O segundo caso é representado pela peça teatral bilingue, interpretada nos idiomas Ze'eng Eté e Português, e intitulada de Azira'íl, tem como protagonista a atriz Zahy Tentehar, mulher indígena do território Cana Brava, no Maranhão. Na peça são apresentadas reflexões sobre os impactos da colonialidade nos territórios e estruturas sociais e familiares, sobre papéis de gênero e sistema de opressões, por meio de relatos de experiências vivenciadas no cotidiano. A partir dessas análises, o trabalho tem como objetivos apresentar o contexto no qual se originaram os projetos mencionados, identificar práticas artísticas utilizadas para transmitir conhecimentos, com protagonismo de mulheres indígenas, e analisar a complexidade dos contextos comunitários através das referida práticas. A pesquisa alinha-se a teorias feministas de(s)coloniais (Miñoso, 2017; Lugones, 2008), em especial, oriundas do território de Abya Yala (América Latina), com destaque aos feminismos comunitários (Kab'nal, 2010; Guzmán, 2019) que aprofundam conceitos como o de heterorrealidade ancestral, corpo-território e despatriarcalização. Espera-se ampliar os debates acerca do intercâmbio artístico e cultural proposto por mulheres indígenas, com vistas a fomentar o respeito aos povos e territórios em sua diversidade, valorizando os saberes tradicionais indígenas para fortalecimento do tecido comunitário (Segato, 2021).

Como defendido por Gean Pankararu (2023), indígena Pankararu do sertão pernambucano e referência na defesa das expressões artísticas indígenas: “Resistência não é a palavra-chave. A palavra-chave é dignidade.” Portanto, estimula-se as reflexões sobre as artes como caminhos que transformam resistência em dignidade para corpos e territórios.

Palavras-chave: Mulheres Indígenas, Corpo-Território, Artes Performativas, Feminismos Decoloniais.

Referências Bibliográficas

Guzmán, A. A. (2019). *Descolonizar y despatriarcalizar las ciencias sociales, la memoria y la vida en Abya Yala*. Editorial Comunidad Mujeres Creando Comunidad.

Kab'nal, L. (2010). *Feminismos diversos: El feminismo comunitario*. ACSUR-Las Segovias.

Lugones, M. (2008). Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, 9, 73–101. <https://doi.org/10.25058/20112742.340>

Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Cobogó.

Miñoso, Y. E. (2017). *Hacia la construcción de la crítica descolonial feminista*. En la Frontera.

Pankararu, G. (2023). *Comunicação citada pela autora do resumo*. (Necessita confirmação da fonte original: entrevista, palestra, publicação ou rede social).

Segato, R. L. (2021). *Crítica da colonialidade em oito ensaios: E uma antropologia por demanda*. Bazar do Tempo.

Gabriela Maria Pinho Lins VERGOLINO é advogada, mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Bolsista vinculada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Estágio de mobilidade internacional no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Projeto de Doutorado sobre Violências contra Mulheres Indígenas e Acesso à Justiça (2023). Contacto: gabrielavergolino@ufba.br.



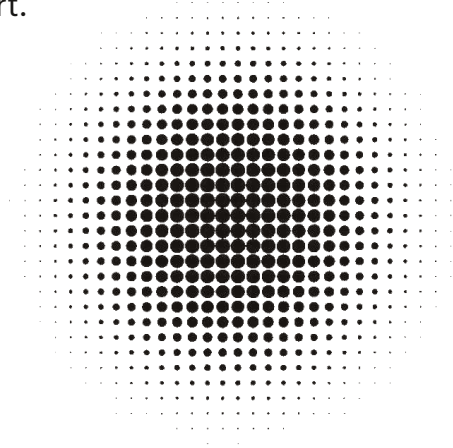
PACKAGING THE FEMALE BODY: THE ARTIST'S BOOK AS ECOFEMINIST PROTEST IN AKIKO SAKAIZUMI'S FEMALE SAMPLER

Teresa WEINHOLTZ, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa, Portugal

Abstract

Founded in 1974, Women's Studio Workshop is an artist studio in Rosendale, New York, created as a dedicated space for women artists to develop their practice. Among the studio's most distinctive outputs are artists' books, an artform that uses the book as its medium of expression. One such work is *Female Sampler* (2001) by Akiko Sakaizumi, an artist's book that compiles fictitious consumer products made to imitate the artist's own body parts. With elements such as human jerky and human milk, Sakaizumi's work packages the female body as individual products to be sold and consumed. In this communication, I examine *Female Sampler* as an example of artistic practice as a means of social protest and knowledge production on the commodification of women's bodies. Artists' books, which are historically linked to the dissemination of political ideas (Drucker 2004; Phillpot 1987), offer artists the possibility to combine aesthetic and material strategies into the book form as a vehicle to challenge dominant frameworks. As such, I examine *Female Sampler* as an artwork that protests the exploitation of women by mirroring the female body in the way animal meat is commodified. To achieve this, I draw on ecofeminist theory according to Carol J. Adams (2022; 2024), which connects both the social objectification of women and the consumption of animal bodies to the same capitalist and patriarchal systems. Methodologically, I conduct a multimodal analysis of Sakaizumi's artists' book, considering how the work's textual, visual, and material elements intersect in the construction of meaning. *Female Sampler*, I argue, acts as an artistic ecofeminist inquiry into how the commodification of women's bodies is normalised, by appropriating the visual language of consumer culture. Ultimately, within the context of Women's Studio Workshop, *Female Sampler* expresses the results of artistic-research practices that contribute to the studio's overall mission: to amplify women's voices beyond patriarchal frameworks.

Keywords: Artists' Books, Ecofeminism, Commodification of Women's Bodies, Artistic Research, Feminist Art.



Referências Bibliográficas

Adams, C. J. (2024). *The sexual politics of meat: A feminist-vegan critical theory* (35th anniversary ed.). Bloomsbury. <https://doi.org/10.5040/9798765123690>

Adams, C. J., & Gruen, L. (Eds.). (2022). *Ecofeminism: Feminist intersections with other animals and the earth* (2nd ed.). Bloomsbury. <https://doi.org/10.5040/9781501380808>

Drucker, J. (2004). *The century of artists' books* (2nd ed.). Granary Books.

Phillpot, C. (1987). Some contemporary artists and their books. In J. Lyons (Ed.), *Artists' books: A critical anthology and sourcebook* (pp. 97–132). Visual Studies Workshop Press.

Sakaizumi, A. (2001). *Female sampler* [Livro de artista]. Women's Studio Workshop. <https://wsworkshop.org/collection/female-sampler/>

Teresa WEINHOLTZ is pursuing a doctoral degree in Culture Studies at the Universidade Católica Portuguesa (UCP) in Lisbon, Portugal. She holds a Bachelor of Arts degree in English Studies (2019), and a Master of Arts degree in Editorial Studies (2023) from the Ludwig Maximilian University of Munich, Germany. Currently, she conducts PhD research at UCP's Research Centre for Communication and Culture with a focus on contemporary artists' books in the digital age. Her main research interests lie in the intersection of literature, culture, and the contemporary arts in the study of artists' books. Contacto: s-tweinholtz@ucp.pt.



BOMBOS, TERRENO DE FRONTEIRAS DESLOCADAS: MULHERES, PERFORMATIVIDADE E A RECONFIGURAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

Lucas WINK, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal

Paula GUERRA, Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, DINÂMIA'CET-Iscte - Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Esta comunicação centra-se nos *bombos*: um instrumento de percussão; um conjunto instrumental; uma prática performativa coletiva presente em festas realizadas em freguesias do interior de Portugal. Desde o século XIX, tais conjuntos têm sido abordados pela etnografia em documentos que incidem sobre a sua sonoridade, os contextos de prática e respetivos gestos de performatização dos músicos. Notório nesses trabalhos é também o registro de genderização: trata-se, na realidade, de uma prática masculina, em que “homens vigorosos descarregam rijos golpes de baquetas [...], produzindo um estrondo atoador que segundo se diz, chega a fazer turvar o vinho nas adegas” (Pimentel 1902:227), consubstancializando assim “a virilidade colectiva dos homens da sua terra” (Giacometti 2010:67). No século XXI, observamos, no entanto, novas políticas de participação. Em particular, no concelho do Fundão, onde desenvolvemos trabalho de campo com grupos de mulheres que reivindicam meios e espaços de performance, capazes de subverter a tendência captada pela etnografia. Na senda de McRobbie (2004), as ações que estas agentes levam a cabo são reveladoras: (i) do papel primordial das mulheres na revitalização e manutenção desses conjuntos de percussão; (ii) da natureza existencial destes grupos, agora também veículos de acolhimento e integração na vida social local de sujeitos externos, reveladores de importantes esferas de cuidado (Imray Papineau 2024); (iii) da intenção de empoderamento que visa descortinar, afirmar e promover formas alternativas de expressão da presença da mulher na vida comunitária através da prática do bombo (Guerra 2023); (iv) de um conjunto de tensões que emergem do confronto entre uma axiologia sexista da tradição dos bombos, e uma perspetiva conciliadora, contrária às relações de dominância. A presença das mulheres nos bombos permite-nos ler, portanto, esta prática musical como um lugar privilegiado de observação das desigualdades de gênero, mas também das possibilidades da sua contestação e transformação. Mais do que revelar uma ausência histórica, importa reconhecer os modos como estas mulheres, ao ocuparem um espaço que lhes foi durante muito tempo limitado, contribuem para reconfigurar simbolicamente uma tradição, deslocando fronteiras de legitimidade, visibilidade e pertença. Assim, os bombos afirmam-se não apenas como expressão artística e cultural, mas também como terreno de disputa social e política, onde se tornam audíveis outras vozes, outras corporalidades e outras formas de participação no espaço público.

Palavras-chave: Bombos, Mulheres, Percussão Tradicional em Portugal, Música e Participação Social.

Referências Bibliográficas

Giacometti, M. (2010). O desafio na sociedade rural – série O povo que canta. In P. Lima (Ed.), *Michel Giacometti – Filmografia completa* (Vol. 5, 20.º programa). Tradisom Produções Culturais, Lda.

Guerra, P. (2023). Ninguém nos ensina como viver. Ana da Silva, The Raincoats e a urgência de (re)existir. *MODOS: Revista de História da Arte*, 7(1), 212–249.

Imray Papineau, É. (2024). Activist work is care work: Conceptualising resistance in Indonesia and the Philippines through feminist ethics. *Feminist Theory*, 0(0).

McRobbie, A. (2004). Post-feminism and popular culture. *Feminist Media Studies*, 4(3), 255–264.

Pimentel, A. (2011). *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*. Câmara Municipal de Santo Tirso. (Obra original publicada em 1902)

Lucas WINK é etnomusicólogo, baterista, artista sonoro e professor. Concluiu o mestrado em música (Musicologia) na Universidade de Aveiro (2017) e o doutoramento em música (Etnomusicologia) na mesma instituição (2023), com uma investigação financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia sobre a prática dos bombos. Realizou trabalho de campo no Minho, Douro e Covilhã, que rendeu publicações e apresentações em universidades e instituições de Portugal, Reino Unido, Bósnia e Herzegovina, Espanha, Gana e Estados Unidos. Atua como baterista freelance e integra a Orquestra Bamba Social. Leciona bateria em instituições de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim, desenvolvendo trabalho pedagógico com crianças, jovens e adultos. É investigador no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Contacto: lucaswink@ua.pt.

Paula GUERRA possui doutorado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP). Faz parte ainda de outros centros de investigação internacionais: Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT); Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR); Investigadora Convidada Internacional no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), no Grupo de Pesquisa História, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal do Piauí e Universidade de Brasília (Brasil), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e no Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (L.A.M.A.). Também integra o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Contacto: pguerra@letras.up.pt.

CORPO COLHEITA:

∞ECOFEMINISMOS, DOMESTICAÇÕES E PRÁTICAS FEITICEIRAS

Rita XAVIER, Universidade do Minho, Portugal

Resumo

Esta apresentação organiza-se em três movimentos. Primeiro: reconhecer que as causas de um corpo alienado, sedentário, exausto e carente resultam de um sistema patriarcal, colonial e capitalista. Através de exemplos da história da cultura, identificamos uma matriz comum de domínio, apagamento e violência dirigida tanto às mulheres — em particular às que escapam ao modelo heteronormativo e aos corpos racializados — como à própria natureza, igualmente sujeita a processos de exploração, domesticação e extração. Segundo: a partir desse lugar crítico, auscultar o corpo como autoridade sensível e a (sua) natureza como bússola. Encontramos os ecofeminismos como possibilidade, afastando a sua reflexão e prática da retórica salvacionista, universalizante ou eurocentrada, aproximando-o antes do conhecimento situado e da prática relacional, reconhecendo limites e possibilidades históricas e culturais. Abre-se espaço para escutar a teia de saberes vindos de perspetivas decoloniais e contracoloniais, dos feminismos comunitários e das oralituras. Reparamos quais as alternativas e as desobediências possíveis para restaurar o saber do corpo e o Bem-Viver. Terceiro: partilhar o ciclo sazonal BRAVIA ∞ práticas feiticeiras para corpos domados, que criei como um programa de oficinas e encontros conduzidos por mulheres entre Portugal e o Brasil. Acompanhando as mudanças de estação, BRAVIA propõe uma atenção renovada aos gestos que herdámos e aos que ainda podemos reinventar, aproximando-nos de saberes ancestrais e de práticas de reencantamento. No verão, quando a energia solar atinge o seu auge e a natureza revela a sua abundância, é tempo para expandir, abrir a voz e ensaiar tramas mais livres, sensíveis e empáticas de estar no mundo.

Palavras-chave: Ecofeminismo, Corpo, Decolonialidade, Bem-Viver.

Rita XAVIER é doutoranda em Estudos Culturais pela Universidade do Minho, em protocolo com o Teatro Municipal do Porto, com projeto financiado pela FCT. Trabalha como consultora em projetos culturais, é técnica superior na Câmara Municipal do Porto desde 2017, tendo desempenhado funções em diversos projetos de comunicação e programação, e é crítica de artes performativas no jornal Público. Desde 2009, dedica-se ao sentipensar o corpo na arte e nas artes do corpo enquanto (in)disciplinas culturais e políticas, que permeia o seu trabalho enquanto investigadora, curadora, comunicadora, crítica e bruxa. Contacto: ritaxavierproj@gmail.com.



PUNK INQUIRES FOR A JUST WORLD

Piotr ZAŃKO, Universidade de Pomeranian, Polónia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Oskar SZWABOWSKI, Universidade de Pomeranian, Polónia

Dorota MACKENZIE, Universidade de Kozminski, Polónia

Abstract

Punk is not only a music genre and subculture, but also a methodological and research category. In this presentation, we will discuss the concept of punk inquiries—a dirty, noisy research practice striving for a better, more just world; a radical research practice that breaks through established, dominant (neo)positivist frameworks of conducting research. Drawing on our studies in this area, we will show how punk inquiries can engage researchers in resisting various forms of domination within the knowledge production and the neoliberalization of academia.

Keywords: Punk Inquiry, Resistance, Power, Just World.

Piotr ZAŃKO is an Associate Professor at the Pomeranian University in Słupsk, Institute of Pedagogy and Psychology, Poland; Visiting Researcher at the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto. His primary areas of research interest are educational and philosophical contexts of cultural resistance. Contacto: piotr.zanko@gmail.com.

Oskar SZWABOWSKI is an Associate Professor at the Institute of Pedagogy and Psychology at the Pomeranian University in Słupsk. He is a critical educator, an autoethnographer, and an unfulfilled writer. He is the author of three books, and (co)editor of several more.

Dorota MACKENZIE is an Assistant Professor at the Department of Social Sciences. Contacto: dmackenzie@kozminski.edu.pl.







